

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários

Letícia Damasco

A ARTE DA NARRATIVA DE HERÓDOTO
Uma análise do *Lógos* de Giges

Belo Horizonte
2012

Letícia Damasco

A ARTE DA NARRATIVA DE HERÓDOTO
Uma análise do *Lógos* de Giges

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras: Estudos Literários

Área de Concentração: Estudos Clássicos
Linha de Pesquisa: Literatura, História e Memória Cultural

Orientador: Prof. Dr. Jacyntho José Lins Brandão

Belo Horizonte

2012

XXXX
D155a
2012

Damasco, Letícia Lopes.

A arte da narrativa de Heródoto: uma análise do
lógos de Gíges / Letícia Lopes de Rezende Damasco
Rêgo. – 2012.

98 f. enc.

Orientador: Jacyntho José Lins Brandão

Área de concentração: Estudos Clássicos

Linha de pesquisa: Literatura, História e Memória
Cultural.

Bibliografia: f. 88 - 95

1. Heródoto - Histórias - Crítica e Interpretação -
Teses. 2. Técnicas da narrativa - análise - Teses. 3.
Lógos de Gíges - tradução. 4. Prosa grega arcaica -
Teses. 5. Historiografia grega - Teses. I. Brandão,
Jacyntho José Lins. II. Universidade Federal de Minas
Gerais. Faculdade de Letras.

Dissertação intitulada *A arte da narrativa de Heródoto: uma análise do lógos de Giges*, de autoria da mestranda Letícia Lopes de Rezende Damasco do Rêgo, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Prof. Dr. Jacyntho Lins Brandão – UFMG – Orientador

Prof. Dra. Teresa Virgínia Ribeiro Barbosa – UFMG – Presidente da Banca

Prof. Dr. Antônio Orlando Oliveira Dourado Lopes – UFMG

Prof. Dra. Tatiana Oliveira Ribeiro - UFRJ

A Deus, fim último de todas as coisas,
e a minha querida família.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos os professores da área de Estudos Clássicos da graduação e da pós, que de um modo ou de outro contribuíram para a minha formação, em especial à Silvia Damasceno, Glória Onelley, Greice Drumond e André Alonso cujos papéis foram fundamentais na minha formação básica em grego antigo.

Ao Colegiado do PÓS-LIT, pela paciência e responsabilidade.

Aos funcionários da Biblioteca da Fale, pela gentileza, e em especial à Sara, por tantas Comutações Bibliográficas realizadas.

Ao meu orientador, Jacyntho Brandão, pela paciência em guiar os rumos de uma tão jovem pesquisadora.

À CAPES, pelo apoio financeiro, indispensável a quem vem de outro Estado.

Aos professores convidados para a Banca, pelo aceite.

Ao meu querido Diego, pelo companheirismo e apoio, à sua família, em especial Dona Lourdes, por ter cuidado de mim como uma mãe.

A meus amigos mineiros, às meninas com as quais morei, agradeço por cada um que fez parte da minha trajetória, e em especial aos meus amigos fluminenses de longa data.

A Deus, que conduz cada passo do meu caminho muito melhor do que eu mesma seria capaz de imaginar e fazer.

À Maria Santíssima, eterna mãe.

Aos meus pais, Wanderley e Mônica, à minha irmã Amanda, aos meus avós Wanderley e Ruthinha, que auxiliaram a minha estadia em Belo Horizonte, aos meus tios, em especial a Tia Fatinha, e a toda minha amada família, alicerce necessário e fundamental da minha vida.

“Guerra é o que acontece quando a língua falha”

Margaret Atwood

RESUMO

Visando explorar as habilidades de Heródoto ao compor sua narrativa e perceber o que é característico do seu estilo, tivemos como propósito o estudo das técnicas da narrativa nas *Histórias*. Para delimitar a análise, foi selecionado o *lógos* de Gíges presente no Livro I, 7-15 por acreditarmos encontrar-se nele elementos que estariam presentes em toda a obra.

Primeiro, buscamos examinar o prólogo para não só vermos os objetivos do autor como também definir que elementos conduziram sua obra, para que, assim, a busca pelos artifícios pudesse ter uma base mais fundamentada e algum ponto de partida. Ao lado do texto original, dispomos a tradução, e em seguida, o *lógos* foi separado em pequenos trechos contendo uma análise mais textual, em que se buscou nos detalhes da organização da narrativa ver as peculiaridades e os pontos relevantes a se destacar.

Um conhecimento básico da língua grega é necessário do leitor para um bom acompanhamento. Além disso, fizemos uma comparação do *lógos* das *Histórias* com o Gíges platônico, para que assim pudéssemos enxergar outros ângulos do Gíges herodotiano por meio de uma base adicional. Esses três caminhos principais, estudo do prólogo, análise textual e confronto de versões, propiciaram uma melhor contemplação do estilo e da arte da narrativa herodotiana.

Palavras-chave: *Histórias*; narrativa herodotiana, Gíges.

ABSTRACT

In order to explore Herodotus's abilities in composing a narrative and to notice what is characteristic in his style, we intended to study the narrative techniques in the *Histories*. To delimitate our analysis, we selected Gige's *lógos*, on book I, 7-15 for we believe finding in it elements commons to the whole work.

First, we tried to analyze the prologue not only to realize the author's aims but also to define the elements that lead his work, for a more solid foundation and to have a starting point. Beside the original text, we provide a translation, and in the sequence, the *lógos* was separated in pieces that contain a more textual analysis where we looked for the peculiarities and the main points to enhance in the organization details of the narrative.

A basic knowledge of the Greek language is demanded from the reader for a good appreciation. Furthermore, we made a comparison between the *Histories's* *lógos* and the platonic Giges, so that we can have other perspective of herodotean Giges through an additional source. These three main conducts, prologue's study, textual analysis and source confrontation provide us a better conception of the style and the art in herodotean narratives.

Key-words: *Histories*; Herodotean narrative, Giges.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO 1 - O PRÓLOGO DAS <i>HISTÓRIAS</i>.....	18
1.1 - Algumas considerações acerca do prólogo.....	24
1.2 - Os conceitos-chave e as diretrizes para a obra.....	30
CAPÍTULO 2 - O <i>LÓGOS</i> DE GIGES EM HERÓDOTO	34
2.1 - Tradução.....	35
2.2 - Técnicas da narrativa no <i>lógos</i> de Giges.....	42
CAPÍTULO 3 - GIGES: SOB DOIS OLHARES	70
3.1 – Giges na <i>República</i> de Platão	72
3.2 - O Giges herodotiano em face do platônico	75
CONSIDERAÇÕES FINAIS	83
REFERÊNCIAS.....	88
ANEXOS.....	96

INTRODUÇÃO

Ao voltar nossos olhos para a instigante Grécia dos tempos antes de Cristo, nos deparamos com um contexto permeado por uma diversidade de pensamentos, feitos, costumes, ciências, batalhas, expressões artísticas, deuses, e glórias. Enfim, nos deparamos com várias Hélades, não só por essa heterogeneidade, mas pela independência política de suas cidades. Aquilo que denominamos Grécia, de modo uno, não se refere a sua unidade política enquanto nação, mas a outros fatores, que, apesar das diferenças, dentre as quais a mais conhecida é a divergência entre Esparta e Atenas, forneciam algo em comum a tais cidades. São esses fatores que tornavam possível a união dessas “Grécias”, quando necessário. Um dos mais importantes exemplos de união são as chamadas guerras greco-pérsicas, nas quais, mesmo entre desavenças, até Esparta e Atenas se renderam a uma ajuda mútua, se fundindo em uma identidade e dando glória aos feitos grandes e maravilhosos realizados tanto por eles, quanto pelos outros (τὰ μὲν Ἑλλῆσι τὰ δὲ βαρβάροισι ἀποδεχθέντα).

Dentre os elementos que essas cidades livres e independentes da Hélade tinham em comum, estão a religião e a língua, mesmo que com suas variantes. A língua é um fator primeiro de entendimento. Nas reminiscências do passado grego, encontra-se também uma gama de elementos que atestam o gosto pela estética, tanto visual quanto sonora e verbal. Havia, nesse contexto, os poetas e as suas performances, precursores também do teatro. O poeta ornamentava os poemas que supostamente recebia das Musas. Eles visavam a prender, emocionar e agradar seu público. A atuação dos atletas também constituía um tipo de performance. As performances, fossem dramáticas, retóricas ou atléticas, eram exposições públicas e competitivas. No século V, as decisões passam a ser apresentadas, discutidas e tomadas em espaços públicos e com a participação do povo. No canto I da *Ilíada* podemos ver um germe disso, no debate entre Aquiles e Agamêmnon. A presença de várias versões e testemunhos conta com o julgamento de um *hîstor*¹. A palavra com autoridade passa das Musas aos homens. Heródoto, por exemplo, muitas vezes entrega ao seu público o papel de julgar algum desfecho, não opinando sobre o assunto. A apresentação, algumas vezes, de diversas versões para uma mesma história é justa, pois assim todos têm o direito à palavra. A democracia, forma de governo de Atenas na época em questão, é onde teoricamente todos,

¹ HARTOG, 2001, p.31-35

independentemente da sua classe social, podem e devem opinar nas decisões da cidade. Há um respeito pela diferença, a palavra é dada ao outro: “Não há democracia na vigência do discurso único”². Essa forma de governo propicia o debate, o *agón*, a elaboração de um discurso persuasivo e retórico. O *agón* faz-se presente também no teatro, em alta no século V. Os *tháumata*, tão presentes na obra de Heródoto conforme exposto por Morais³, são o ponto de partida da filosofia. Eles impulsionam o desejo de conhecer, de saber. Para Sócrates, um aprendizado efetivo se dá pela *maiêutica* e pelo diálogo. Em todas essas manifestações da palavra, a *paidéia* sempre encontrava seu lugar, de um modo ou de outro, quer como o objetivo, quer vindo por consequência. O ornamento do discurso também tem seu espaço, a beleza das palavras e as emoções advindas dela sendo apreciadas.

Qual e como é o uso que Heródoto faz da palavra, do *lógos*, nesse contexto? Ao contrário da maioria das peças de teatro e da poesia épica, a base das *Histórias* é o *lógos*, não mais o *mythos*. O formato de seu trabalho também é importante. Ele escreve em prosa, forma mais adequada à escrita com finalidade reflexiva, escolhida primeiramente por Anaximandro. *Apódexis*, denominação dada às *Histórias* pelo próprio Heródoto, caracteriza o discurso matemático em oposição à retórica⁴.

Qual o resultado de toda essa junção? Em um contexto onde coexistem a retórica, a demonstração, a dialética, o *agón lógon*, a performance, os *tháumata* etc, como foi organizado o texto de Heródoto? Quais aspectos ele reúne?

Levando em consideração a multiplicidade desse ambiente e as indagações postas, pretendemos nos voltar para a arte da narrativa das *Histórias*, sendo o objeto desta pesquisa as técnicas da narrativa herodotiana. Quando falamos em técnicas, nos referimos ao modo dele compor a sua obra, à maneira de se colocar do narrador (o historiador), à forma como organiza os eventos, como descreve os personagens, como insere seus julgamentos etc. Ou seja, são os artifícios utilizados pelo historiador no seu texto que estejam em consonância com seu estilo, com o objetivo, o conteúdo e a estrutura de sua obra e com sua linha de pensamento.

² SCHÜLER, 2007, p.12

³ MORAIS, 2004, passim

⁴ Cf. SCHULER, 2007, p.99

Detivemo-nos apenas em um *lógos*⁵ do primeiro livro, o que não enfraquece a importância dos resultados apresentados, pois as técnicas utilizadas pelo historiador em tal trecho foram por ele pensadas ou postas, mesmo que automaticamente, de acordo com algum propósito, demonstrando a sua habilidade, além de exemplificarem algumas das técnicas usadas ao longo da obra.

O *lógos* escolhido é a história de Gíges, narrada no Livro I, do capítulo 7 ao 15. O seu objetivo mais explícito é explicar como a família à qual pertence Creso, a quem Heródoto fez referência no capítulo anterior, ganhou o trono lídio. Pode-se considerar o *lógos* de Gíges uma digressão voluntária⁶ e explicativa. Esse Creso é, segundo Heródoto, a razão do início da grande guerra. O fato de os acontecimentos narrados nessa digressão serem os desencadeadores de todo o desenrolar posterior foi um dos fatores que levou à seleção desse trecho como *corpus* da análise. Também encontramos, na *República* de Platão, uma narração da história de Gíges, mas em outra versão. Então, a comparação entre as duas, expostas em gêneros diferentes, nos ajudará a ver algumas das peculiaridades das técnicas de Heródoto. Além disso, essa história encontra-se no início do primeiro livro, sendo um *lógos*-chave, conforme Davis: “Agora, o mais profundo dos temas de Heródoto nas *Histórias* está inserido nesse relato - o poder do *nómos* ou a lei em sua relação com a natureza.”⁷

A arte da narrativa das *Histórias* que se busca nesta pesquisa tem em vista o significado de “arte” em grego, expresso pela palavra τέχνη, cuja definição se aproxima de *habilidade, artifício, arte*. As técnicas da narrativa estão inteiramente ligadas com os propósitos do autor. Precisamos partir desses propósitos para orientar a pesquisa na busca de quais seriam essas técnicas, considerando, é claro, que, no decorrer da análise, podemos encontrar artifícios que não esperávamos. Mas, para uma orientação que sirva como ponto de partida, devemos começar pelas as intenções do autor, ou pelo que se deduz que elas sejam.

De modo que não podemos afirmar quais eram as intenções de Heródoto ao compor sua obra, pois não podemos entrar na mente do nosso historiador, partiremos, a princípio, do que está expresso em seu prólogo. Já em uma leitura superficial da frase de apresentação podemos antever alguns aspectos, a saber, os elementos ligados à demonstração,

⁵ Nesta dissertação, entenda-se *lógos* como um relato. Este termo é de uso consolidado para se referir às várias pequenas histórias presentes na obra de Heródoto. Além disso, foi assim que o próprio Heródoto designou seu trabalho.

⁶ Considerando a observação de WATERS, 1985, p.71, de que há digressões voluntárias e involuntárias, o que faz com que, observe eu, haja uma tendência a que as digressões voluntárias estejam mais bem encaixadas dentro do texto, ao contrário das involuntárias.

⁷ DAVIS, 2000, p.637

à investigação, ao maravilhoso (*thómata*), à alteridade, a procedimentos mnemônicos e à busca pela verdade⁸ e pelas causas.

Visto que serão analisadas as técnicas de Heródoto, nos basearemos no original em grego, tal como editado por Philippe Ernest Legrand⁹. Para as referências aos livros, capítulos e seções das *Histórias*, adotaremos a seguinte convenção: os livros designados por números romanos, os capítulos por números arábicos após uma vírgula, e as seções separadas do capítulo por um ponto final. Exemplo: I, 5.4. É importante lembrar também que nosso foco não é só o conteúdo do texto, mas a maneira como ele foi organizado, ou seja, as escolhas lexicais, a sintaxe, a sua disposição¹⁰, a ordem das palavras¹¹, entre outros. O processo da tradução serviu para a análise da língua e das técnicas. Quando não estiver mencionada a minha autoria nas traduções, geralmente de pequenos trechos dos demais livros das *Histórias*, são elas de Mário da Gama Kury¹². Para a tradução do Gíges da *República*, usei o texto estabelecido por Emile Chambry¹³.

Meu principal referencial teórico é Egbert J. Bakker, cuja visão da obra de Heródoto compartilho. Ademais, as análises realizadas aqui se inspiram no tipo de estudo e metodologia desse helenista cujos interesses incluem a narratologia na literatura grega antiga, muitas vezes com um viés linguístico¹⁴. Para ele, nas *Histórias* existe um grande *lógos* constituído de vários *lógoi*. Ele sugere que, mesmo que Heródoto tenha adotado algum estilo tradicional, sua obra, que não tem precedentes e não foi seguida na tradição literária e historiográfica, adota um estilo peculiar para as demandas do que pretende realizar. Ele também defende que a prosa herodotiana é estruturada pelas necessidades de um público de ouvinte, tendo por isso um estilo com características performativas. Isso não significa, porém, que sua obra tenha sido de fato exposta oralmente, mas que ela pode representar uma oralidade ficcional. Bakker afirma que a sintaxe da investigação não é matéria só de organização dos *lógoi*, mas também de sua exibição (*deîxis*). Heródoto usa o rico sistema de dêiticos da língua grega, fazendo talvez um novo uso deles. Por isso foi feita a análise linguística do trecho grego das *Histórias* escolhido como *corpus* deste trabalho.

⁸ Essa ‘busca pela verdade’ se deduz pelo fato de Heródoto empreender uma investigação. Afinal, se ele não tivesse interesse pela verdade dos fatos, a investigação seria desnecessária.

⁹ LEGRAND, 1939-1954.

¹⁰ BAKKER, 2006, p.101, diz que a organização de Heródoto não foi seguida pela tradição historiográfica grega, donde se pode afirmar a sua peculiaridade com relação a esse.

¹¹ Em seu estudo, DENNISTON, 1952, dedica um capítulo à ordem das palavras.

¹² KURY, 1985.

¹³ CHAMBRY, 1947.

¹⁴ BAKKER, 2007, 2002, 1999, 1993 e 1991.

Uso outras referências teóricas para desenvolver alguns aspectos da minha pesquisa. Por exemplo, Smith¹⁵, Danzing¹⁶, Laird¹⁷, entre outros, foram indispensáveis para o estudo sobre o Gíges platônico, e um artigo de Wecowski, que analisa o prólogo, foi fundamental para o capítulo sobre o mesmo¹⁸.

No primeiro capítulo, “O prólogo das *Histórias*”, apresentarei alguns estudos sobre essa parte da obra, a fim de levantar aspectos dos quais se partirá para analisar as técnicas do *lógos* de Gíges. No capítulo II se encontra a tradução desse *lógos*, com sua respectiva análise das técnicas da narrativa. O capítulo III corresponde a comparação do *lógos* de Gíges com a história narrada no livro II da *República* de Platão, para que a diferença de gênero, de contexto e de versões possa salientar o que de próprio tem o *lógos* de Heródoto. Por último, confrontarei essas análises para verificar, no todo, o quanto as técnicas da narrativa se encontram em consonância com os propósitos da obra, levando em conta as declarações do prólogo e julgando como as intenções nele expressas se manifestaram no *lógos* de Gíges, revelando o caráter do trabalho de Heródoto e o estilo de sua obra.

Quem foi Heródoto?

Heródoto nasceu em Halicarnasso, na Jônia, em aproximadamente 484 a. C. Por volta da época de seu provável nascimento, a Cária, onde ficava Halicarnasso, fazia parte do império persa. Heródoto participava da vida política, segundo Kury¹⁹. Ele viajou pelo Oriente Médio, Egito, Grécia, ilhas do Egeu e continente, inclusive pelo Peloponeso e pela região da Magna Grécia, e teria recebido uma recompensa por suas leituras públicas²⁰, se é que, de fato, ele as fez²¹. De qualquer modo, tudo leva a crer que havia um estímulo para que produzisse suas histórias e que essas fossem agradáveis a seu público. Ele transferiu-se para Túrio, tendo ajudado a colonizar essa cidade, por volta de 443, e lá viveu até o fim de sua vida. Isso explica a variação de sua denominação de “Heródoto de Halicarnasso” para “Heródoto de Túrio”, em alguns manuscritos, no prólogo das *Histórias*. Ele recebeu muitas influências da

¹⁵ SMITH, 1902.

¹⁶ DANZING, 2008.

¹⁷ LAIRD, 2001.

¹⁸ WECOWSKI, 2004.

¹⁹ KURY, 1985, p.7

²⁰ KURY, 1985.

²¹ CARTLEDGE, 2009, p.34

cultura jônica, de Homero, mas também dos poetas áticos. Morreu por volta de 425 a.C., quando a guerra do Peloponeso provavelmente já havia começado.

Já na Antiguidade encontramos muitos testemunhos e referências ao historiador. Os principais são devidos a Tucídides, Cícero, Dionísio de Halicarnasso, Plutarco, Luciano de Samósata, além da Suda.

Em *De legibus*, Cícero fala sobre Heródoto, denominando-o ‘Pai da história’. Ele o faz ao diferenciar, como já fizera Aristóteles, a história da poesia, dizendo que a história se refere à verdade, o que não significa que, na obra de Heródoto, por exemplo, não se encontrem fábulas. Por isso parece ser injusto dizer que Heródoto é o pai da mentira. Inclusive, o interlocutor de Cícero, no diálogo, afirma que a história é como que uma parte da literatura.

A Suda dá algumas referências sobre a vida de Heródoto. Diz que ele era filho de Lixes e Dries, uma família respeitada em Halicarnasso. Por causa de Ligdâmis, o então tirano de Halicarnasso, saiu de sua cidade e se refugiou na ilha de Samos, onde teria incorporado o dialeto jônico e escrito os nove livros das Histórias. Com a expulsão do tirano, voltou a sua cidade, mas, em pouco tempo, emigrou para Túrio, morrendo lá e tendo sido sepultado próximo da ágora. Outros dizem que morreu em Pelas, na Macedônia.

Sua obra: *Histórias*

As *Histórias* foram escritas por volta de 440, em meio ao chamado período clássico ateniense. Para se ter uma noção do ambiente que o circunda, seria necessário entender os antecedentes.

Após as reformas de Sólon, Pisístrato exerceu a tirania em Atenas, em meio a idas e vindas, entre 560 a 527. As reformas de Sólon e a prosperidade da tirania de Pisístrato abriram caminho à tão conhecida democracia. No governo desse tirano, o império persa aumentara, com o reinado de Ciro, o Grande. Na Jônia (região onde se encontra a cidade de Heródoto), desenrolava-se um crescente movimento intelectual voltado para a investigação científica, tendo Tales de Mileto como um dos precursores mais reconhecidos. Os persas tomaram as cidades jônicas em 540, o que posteriormente, no início do V século, proporcionou a revolta jônica, já no governo de Dario, que reinou entre 521 e 486 mais ou menos. Em meio a isso, muitos habitantes, inclusive Heródoto, migraram para as ilhas e para

o continente grego, levando também um pouco da sua cultura para a Ática e incorporando a desta região. Em Atenas, após Pisístrato, seus filhos continuam a tirania até 510, e um grupo, liderado por Clístenes, consegue estabelecer a democracia em 506. Foi Dario quem, por volta de 490, conduziu uma expedição contra os atenienses, por mar, iniciando a guerra greco-pérsica. Em 480, seu filho Xerxes invade a Grécia em grande escala. Em 479, os gregos vencem os persas na batalha de Mícale. Heródoto tem cerca de cinco anos neste momento. As reformas de Péricles começam no ano 460 e ele governa Atenas até 429. Esse período foi a idade de ouro de Atenas. Após o fim da guerra, Atenas experimenta um período de grande esplendor, tanto cultural e artístico, quanto político. O teatro floresceu nessa época, Sócrates aparece na ágora e a historiografia é inventada. Em 445 há um breve período de paz entre Atenas e Esparta. É neste contexto que se encontra a produção das *Histórias*.²²

O tema principal das *Histórias* é a guerra entre os helenos e o Império Persa, que ocorre no início do século V antes de Cristo. A obra é dividida em nove livros, apesar de não ter sido essa divisão feita pelo autor. A guerra propriamente dita encontra-se narrada do livro sexto ao nono. Nos cinco primeiros há mais digressões e descrição dos povos que foram agregados ao império. Estes livros buscam narrar as causas que levaram à guerra, e o autor busca voltar o mais possível na história, o que coaduna com o que ele se propõe a fazer no prólogo. Que esses cinco primeiros livros foram escritos antes ou depois dos quatro últimos não é uma afirmação que se possa fazer, apenas uma hipótese, mas fica bastante claro que os de um a cinco estão de acordo com o prólogo. Se foram escritos depois dos livros sexto ao nono, provavelmente o prólogo também foi escrito junto aos cinco primeiros.

Essa obra, na sua época, foi considerada inovadora, pois se trata de um longo relato em prosa, forma então recente, com o objetivo de investigar a verdade, diferente das tradicionais produções gregas. O título, tal como conhecemos, não foi dado pelo autor. O nome é tirado da frase de apresentação do prólogo, usada por Heródoto para explicar do que tratava seu trabalho: “Esta é a demonstração da investigação de Heródoto de Halicarnasso”, ou seja, a apresentação das coisas que ele investigou. A palavra grega *ἱστορίη* (historíē) significa *investigação*.

²² Resumo histórico tirado principalmente de CARTLEDGE, 2009.

A recepção

Luciano, em *Como se deve escrever a História*, criticando a banalização dos que escrevem a história, diz que “todos se nos tornaram Tucídides, Heródotos e Xenofontes”²³, o que coloca os três como o padrão de historiadores a se seguir. Essa é uma das confirmações quanto à exemplaridade de Heródoto como historiador.

O fato de seu livro ter sido dividido e nomeado com o nome das nove Musas, na época alexandrina, não significa que tenha sido visto como ficção. Como vimos na apreciação de Cícero, em *De Legibus*, a presença de fábulas não descaracteriza a História. Do mesmo modo, tal classificação não põe os livros herodotianos no âmbito da ficção.

Tucídides ter sido considerado um grande historiador e talvez o consolidador do gênero historiográfico não significa que Heródoto não tenha sido igualmente um historiador. O primeiro avançou no espírito crítico, do mesmo modo que este o fez na sua época avançando sobre Hecateu conforme nota Romero: “se Hecateu avança um passo na conquista do espírito crítico, Heródoto avança outro sobre Hecateu”²⁴. Esses avanços não tiram o mérito nem de um, nem de outro, pois tal avanço só é possível com a ajuda do anterior.

²³ LUCIANO, 2009, p.33

²⁴ ROMERO, 2009, p.56

CAPÍTULO 1

O PRÓLOGO DAS *HISTÓRIAS*

Originalmente, o termo prólogo se aplicava a uma parte da tragédia, presente no início desta, a qual continha o tema da peça. Aristóteles define-o, em sua *Poética*, como a primeira parte da tragédia: “Prólogo é uma parte completa da tragédia, que precede a entrada do coro”²⁵. Na *Retórica*, em 1414b, ele diz que “o proêmio é o início do discurso, que corresponde ao prólogo na poesia e todos são início e preparação do caminho que se segue”. Em seguida ele afirma que “a função mais necessária e específica do proêmio é pôr em evidência qual a finalidade daquilo sobre o que se desenvolve o discurso”. O termo prólogo (πρόλογος), literalmente, quer dizer algo antes do *lógos*, ou seja, antes do discurso ou da narração. O primeiro registro que temos desse termo encontra-se na peça *As rãs* de Aristófanes. O personagem Eurípides o utiliza para designar a primeira parte da tragédia. Conforme o dicionário Liddell-Scott, trata-se de “*um discurso prefacial: na tragédia e na comédia antiga, o prólogo era tudo que vinha antes do primeiro coro: depois de Eurípides, passou a ser uma narrativa de fatos introdutórios à ação principal*”²⁶.

Sendo assim, o prólogo é uma parte diferente da que apresenta a ação principal, precedendo esta. Nele encontramos uma delimitação do conteúdo e uma introdução à obra. Na prosa, ele tem a mesma função, ou pelo menos uma função semelhante, visto que já fazia parte da tradição grega adicionar uma introdução ao *lógos*. Desse modo, enquanto o local em que se encontram as diretrizes de todo o *lógos*, tomarei o prólogo das *Histórias* como guia para analisar as técnicas da narrativa nelas empregadas, visto que tais técnicas estão ligadas ao objetivo da obra, ou, pelo menos, ao que podemos deduzir que ele seja.

De fato, no prólogo se encontram indícios do que pretendia Heródoto e de qual seria seu fio condutor. Mas a primeira questão que deve ser levantada está na sua delimitação. Qual seria de fato o prólogo das *Histórias*? Ele é conhecido geralmente como o que consta no início do Livro I, antes do primeiro capítulo, a saber:

²⁵ ARISTÓTELES, *Poética*, XII, 1452b, 18-19, 2003.

²⁶ LIDDELL-AND SCOTT, *Greek-English Lexicon*, s.v. 1891.

Ἡροδότου Ἁλικαρνησέος ἱστορίας ἀπόδεξις ἦδε, ὥς μήτε τὰ γενόμενα ἐξ ἀνθρώπων τῷ χρόνῳ ἐξίτηλα γένηται, μήτε ἔργα μεγάλα τε καὶ θωमाστά, τὰ μὲν Ἕλλησι, τὰ δὲ βαρβάροισι ἀποδεχθέντα, ἀκλέα γένηται, τὰ τε ἄλλα καὶ δι' ἣν αἰτίην ἐπολέμησαν ἀλλήλοισι.	Esta é a demonstração da investigação de Heródoto de Halicarnasso, para que nem os acontecimentos provindos dos homens se tornem desvanecidos com o tempo e nem os feitos grandes e maravilhosos, realizados não só pelos gregos, mas também pelos bárbaros, se tornem sem glória, e principalmente por qual causa guerrearam uns contra os outros²⁷.
---	---

No entanto, alguns estudiosos consideram que o prólogo de Heródoto não se restringe a essa parte, que denomino **frase de apresentação**. O prólogo completo das *Histórias* seria, na verdade, além da frase de apresentação, o que consta no Livro I, 1.1-5, como se vê abaixo:

I. 1 Περσέων μὲν νυν οἱ λόγιοι Φοίνικας αἰτίους φασὶ γενέσθαι τῆς διαφορῆς· τούτους γάρ, ἀπὸ τῆς Ἐρυθρῆς καλεομένης θαλάσσης ἀπικομένους ἐπὶ τήνδε τὴν θάλασσαν καὶ οἰκήσαντας τοῦτον τὸν χῶρον τὸν καὶ νῦν οἰκέουσι, αὐτίκα ναυτιλίῃσι μακρῇσι ἐπιθέσθαι, ἀπαγινέοντας δὲ φορτία Αἰγύπτια τε καὶ Ἀσσύρια τῇ τε ἄλλῃ [χώρα] ἐσαπικνέεσθαι καὶ δὴ καὶ ἐς Ἄργος· 2 τὸ δὲ Ἄργος τοῦτον τὸν χρόνον προεῖχε ἅπασι τῶν ἐν τῇ νῦν Ἑλλάδι καλεομένη χωρῇ. ἀπικομένους δὲ τοὺς Φοίνικας ἐς δὴ τὸ Ἄργος τοῦτο	I. 1 Atualmente, os mais sábios dos persas dizem que os fenícios são os responsáveis pela desavença; pois estes, vindo do mar chamado de Eritreia até este mar, e habitando esta região que hoje também habitam, imediatamente empreenderam longas viagens marítimas, transportando, entre outras, mercadorias egípcias e assírias a outras regiões, e chegaram também a Argos. 2 Nesse tempo, Argos superava em tudo as cidades na região que hoje chamamos Hélade. Depois de chegarem a Argos, os fenícios dispuseram a vender a mercadoria. 3
--	---

²⁷ Tradução da autora.

διατίθεσθαι τὸν φόρτον. 3 Πέμπτη δὲ ἡ ἕκτη ἡμέρῃ ἀπ' ἧς ἀπίκοντο, ἐξεμπολημένων σφι σχεδὸν πάντων, ἐλθεῖν ἐπὶ τὴν θάλασσαν γυναῖκας ἄλλας τε πολλὰς καὶ δὴ καὶ τοῦ βασιλέως θυγατέρα· τὸ δέ οἱ οὖνομα εἶναι, κατὰ τὡν τὸ καὶ Ἑλληνέες λέγουσι, Ἰοῦν τὴν Ἰνάχου. 4 Ταύτας στάσας κατὰ πρύμνην τῆς νεὸς ὠνέεσθαι τῶν φορτίων τῶν σφι ἦν θυμὸς μάλιστα, καὶ τοὺς Φοίνικας διακελευσαμένους ὀρμῆσαι ἐπ' αὐτάς. Τὰς μὲν δὴ πλέοντας τῶν γυναικῶν ἀποφυγεῖν, τὴν δὲ Ἰοῦν σὺν ἄλλῃσι ἀρπασθῆναι· ἐσβαλομένους δὲ ἐς τὴν νέα οἴχεσθαι ἀποπλέοντας ἐπ' Αἰγύπτου. II. 1 Οὕτω μὲν Ἰοῦν ἐς Αἴγυπτον ἀπικέσθαι λέγουσι Πέρσαι, οὐκ ὡς Ἑλληνες, καὶ τῶν ἀδικημάτων πρῶτον τοῦτο ἄρξαι· μετὰ δὲ ταῦτα Ἑλλήνων τινὰς (οὐ γὰρ ἔχουσι τοῦνομα ἀπηγῆσασθαι) φασὶ τῆς Φοινίκης ἐς Τύρον προσσχόντας ἀρπάσαι τοῦ βασιλέως τὴν θυγατέρα Εὐρώπην. εἶψαν δ' ἂν οὗτοι Κρηῖτες. Ταῦτα μὲν δὴ ἴσα πρὸς ἴσα σφι γενέσθαι· μετὰ δὲ ταῦτα Ἑλλήνας αἰτίους τῆς δευτέρας ἀδικίης γενέσθαι. 2 Καταπλώσαντας γὰρ μακρῇ νηὶ ἐς Αἶάν τε τὴν Κολχίδα καὶ ἐπὶ Φᾶσιν ποταμόν, ἐνθεῦτεν, διαπρηξαμένους καὶ τᾶλλα τῶν εἵνεκεν	Cinco ou seis dias após sua chegada, depois de quase todas as mercadorias vendidas, foram até a costa do mar várias outras mulheres, inclusive a filha do rei. O seu nome era, conforme eles e os helenos dizem, Io, filha de Ínaco. 4 Enquanto as mulheres, paradas junto à popa do navio, compravam o que mais lhes interessava das mercadorias, os fenícios, depois de se incentivarem, atiraram-se sobre elas. A maioria das mulheres fugiu, mas Io, junto com algumas outras, foi capturada. Os fenícios as levaram para o barco e partiram navegando até o Egito. II. 1 Desse modo os persas dizem que Io chegou ao Egito - não do mesmo modo que contam os helenos. Essa foi a primeira das injustiças que cometeram. Depois disso, eles dizem que alguns helenos (pois não lembram os nomes) vieram a Tiro, na Fenícia, e raptaram Europa, a filha do rei. Esses helenos deviam ser cretenses. As ofensas, então, ficaram em partes iguais. Depois disso, os helenos se tornaram os responsáveis pela segunda injustiça. 2 Pois eles navegaram em um grande navio até Ea, na Cólquida, e até o rio Fásis, e ali, terminados os negócios para os quais tinham vindo,
---	---

ἀπίκατο, ἀρπάσαι τοῦ βασιλέως τὴν θυγατέρα Μηδεῖην. 3 Πέμψαντα δὲ τὸν Κόλχων βασιλέα εἰς τὴν Ἑλλάδα κήρυκα αἰτέειν τε δίκας τῆς ἀρπαγῆς καὶ ἀπαιτέειν τὴν θυγατέρα. τοὺς δὲ ὑποκρίνασθαι ὥς οὐδὲ ἐκεῖνοι Ἰοῦς τῆς Ἀργείης ἔδοσαν σφι δίκας τῆς ἀρπαγῆς· οὐδὲ ὦν αὐτοὶ δώσειν ἐκείνοισι. III. 1 Δευτέρῃ δὲ λέγουσι γενεῇ μετὰ ταῦτα Ἀλέξανδρον τὸν Πριάμου ἀκηκοότα ταῦτα ἐθελῆσαί οἱ ἐκ τῆς Ἑλλάδος δι’ ἀρπαγῆς γενέσθαι γυναῖκα, ἐπιστάμενον πάντως ὅτι οὐ δώσει δίκας· οὐδὲ γὰρ ἐκείνους διδόναι. 2 Οὕτω δὲ ἀρπάσαντος αὐτοῦ Ἑλένην, τοῖσι Ἕλλησι δόξαι πρῶτον πέμψαντας ἀγγέλους ἀπαιτέειν τε Ἑλένην καὶ δίκας τῆς ἀρπαγῆς αἰτέειν. Τοὺς δὲ προῖσχομένων ταῦτα προφέρειν σφι Μηδείης τὴν ἀρπαγὴν, ὥς οὐ δόντες αὐτοὶ δίκας οὐδὲ ἐκδόντες ἀπαιτεόντων βουλοίατό σφι παρ’ ἄλλων δίκας γίνεσθαι. IV. 1 μέχρι μὲν ὦν τούτου ἀρπαγὰς μούνας εἶναι παρ’ ἀλλήλων, τὸ δὲ ἀπὸ τούτου Ἕλληνας δὴ μεγάλως αἰτίους γενέσθαι· προτέρους γὰρ ἄρξαι στρατεύεσθαι εἰς τὴν Ἀσίην ἢ σφέας εἰς τὴν Εὐρώπην. 2 Τὸ μὲν νυν ἀρπάζειν γυναῖκας ἀνδρῶν ἀδίκων νομίζειν ἔργον εἶναι, τὸ δὲ ἀρπασθεισέων σπουδὴν ποιήσασθαι	raptaram Medeia, a filha do rei. 3 Quando o rei dos colquídeos mandou um arauto a Hélade para pedir reparação pelo rapto e para lhe devolverem a filha, os helenos responderam que, do mesmo modo que aqueles não haviam dado reparação pelo rapto de Io, a argiva, nem eles lhes dariam. III. 1 Dizem também que, na segunda geração depois disso, Alexandre, filho de Príamo, tendo ouvido tais fatos, desejou tomar uma mulher da Hélade através de rapto, pois estava totalmente convencido de que não teria de pagar uma reparação, já que os helenos não haviam dado uma. 2 Assim, raptou Helena, mas os helenos, primeiro, enviaram mensageiros para exigir a devolução de Helena e a restituição do rapto. Dessa alegação, os asiáticos contestaram com o rapto de Medeia, de que eles não deram reparação, nem restituíram o rapto, e desejavam que se fizesse justiça da parte dos outros. IV. 1 Até então houvera somente raptos de ambas as partes, mas, depois disso, eles dizem que os helenos, tornaram-se os grandes responsáveis, pois foram os primeiros a começarem a guerrear contra a Ásia, antes que os persas declarassem guerra à Europa. 2 Raptar mulheres é considerado um feito de homens injustos, mas empenhar-se em
---	--

τιμωρέειν ἀνοήτων, τὸ δὲ μηδεμίαν ὥρην ἔχειν ἀρπασθεισέων σωφρόνων· δῆλα γὰρ δὴ ὅτι, εἰ μὴ αὐταὶ ἐβούλοντο, οὐκ ἂν ἥρπάζοντο. 3 Σφέας μὲν δὴ τοὺς ἐκ τῆς Ἀσίης λέγουσι Πέρσαι ἀρπαζομένων τῶν γυναικῶν λόγον οὐδένα ποιήσασθαι, Ἕλληνας δὲ Λακεδαιμονίης εἵνεκεν γυναικὸς στόλον μέγαν συναγεῖραι καὶ ἔπειτα ἐλθόντας ἐς τὴν Ἀσίην τὴν Πριάμου δύναμιν κατελεῖν. 4 Ἀπὸ τούτου αἰεὶ ἡγήσασθαι τὸ Ἑλληνικὸν σφίσι εἶναι πολέμιον. Τὴν γὰρ Ἀσίην καὶ τὰ ἐνοικέοντα ἔθνεα βάρβαρα οἰκηιοῦνται οἱ Πέρσαι, τὴν δὲ Εὐρώπην καὶ τὸ Ἑλληνικὸν ἡγνῆται κεχωρίσθαι. V. 1 Οὕτω μὲν Πέρσαι λέγουσι γενέσθαι, καὶ διὰ τὴν Ἰλίου ἄλωσιν εὐρίσκουσι σφίσι ἐοῦσαν τὴν ἀρχὴν τῆς ἔχθρης τῆς ἐς τοὺς Ἕλληνας. 2 Περὶ δὲ τῆς Ἰοῦς οὐκ ὁμολογέουσι Πέρσῃσι οὕτω Φοίνικες· οὐ γὰρ ἀρπαγῇ σφέας χρησαμένους λέγουσι ἀγαγεῖν αὐτὴν ἐς Αἴγυπτον, ἀλλ' ὥς ἐν τῷ Ἀργεῖ ἐμίσγετο τῷ ναυκλήρῳ τῆς νέος· ἐπεὶ δ' ἔμαθε ἔγκυος ἐοῦσα, αἰδεομένη τοὺς τοκέας, οὕτω δὴ ἐθελοντὴν αὐτὴν τοῖσι Φοίνιξι συνεκπλῶσαι, ὥς ἂν μὴ κατάδηλος γένηται. 3 ταῦτα μὲν νυν Πέρσαι τε καὶ Φοίνικες λέγουσι. Ἐγὼ δὲ περὶ μὲν	vingar-se dos raptos é de homens insensatos; os homens prudentes não dão nenhuma importância a tais raptos, pois, é evidente que, se elas não quisessem, não teriam sido raptadas. 3 Os da Ásia, dizem os persas, não dão tanta importância ao rapto de mulheres, mas os helenos, por causa de uma mulher lacedemônia, reuniram uma grande expedição e, em seguida, foram até a Ásia destruir o poderio de Príamo. 4 Desde essa época, os persas sempre passaram a encarar os povos helênicos como inimigos, pois os persas julgam que a Ásia e os povos bárbaros que a habitam lhes pertence, enquanto consideram que a Europa e o mundo helênico sejam uma região à parte. V. 1 Desse modo os persas falam que se sucedeu. Pela tomada de Ílion, eles acham que está o começo da inimizade para com os helenos. 2 Mas os fenícios não concordam desse modo com os persas à respeito da Io: eles dizem que não a levaram raptada para o Egito, mas que em Argos ela teve relações com o capitão do navio e, depois, percebendo que estava grávida, envergonhou-se dos pais e assim partiu por vontade própria com os fenícios, para que não a descobrissem. 3 Os persas e os fenícios dizem essas coisas. Mas eu, a respeito disso, não
---	---

τούτων οὐκ ἔρχομαι ἐρέων ὥς οὕτως ἢ ἄλλως κως ταῦτα ἐγένετο, τὸν δὲ οἶδα αὐτὸς πρῶτον ὑπάρξαντα ἀδίκων ἔργων ἐς τοὺς Ἑλληνας, τοῦτον σημήνας προβήσομαι ἐς τὸ πρόσω τοῦ λόγου, ὁμοίως σμικρὰ καὶ μεγάλα ἅστεα ἀνθρώπων ἐπεξιῶν. 4 Τὰ γὰρ τὸ πάλαι μεγάλα ἦν, τὰ πολλὰ αὐτῶν σμικρὰ γέγονε· τὰ δὲ ἐπ' ἐμεῦ ἦν μεγάλα, πρότερον ἦν σμικρά. Τὴν ἀνθρωπίνην ὦν ἐπιστάμενος εὐδαιμονίην οὐδαμὰ ἐν τῶντῳ μένουσαν, ἐπιμνήσομαι ἀμφοτέρων ὁμοίως.	direi se assim ou de outro modo elas ocorreram, mas depois de indicar este que eu sei que foi o primeiro a cometer atos injustos contra os helenos, prosseguirei com minha história, falando de modo igual das pequenas e grandes cidades dos homens, 4 pois antigamente algumas que eram grandes, muitas delas se tornaram pequenas; e as que agora são grande, antes eram pequenas. Sabendo, portanto, que a felicidade humana jamais permanece no mesmo, lembrarei de ambas igualmente.²⁸
---	--

²⁸ Tradução minha

1.1. Algumas considerações acerca do prólogo

Não há muitos estudos sistemáticos sobre o prólogo de Heródoto, como bem nota Wecowski²⁹. Serão apresentadas aqui algumas considerações de Denniston³⁰, Wecowski³¹ e Bakker³².

Em *Greek Prose Style*, Denniston faz algumas considerações acerca da estrutura da frase de apresentação de Heródoto. Para ele, ela começa com a oração principal e todo o resto é uma subordinada final dividida em duas partes. A oração principal é menor em relação à primeira metade da subordinada, que, por sua vez, é menor que a segunda metade, a qual pode ser subdividida em duas outras orações. O efeito é de uma frase musical, que cresce e diminui novamente.

Ἡροδότου Ἀλικαρνησέος ἱστορίας ἀπόδεξις ἥδε, { [ὥς μήτε τὰ γενόμενα ἐξ ἀνθρώπων τῷ χρόνῳ ἐξίτηλα γένηται,] [(μήτε ἔργα μεγάλα τε καὶ θωμαστά, τὰ μὲν Ἕλλησι τὰ δὲ βαρβάροις ἀποδεχθέντα, ἀκλεᾶ γένηται,) (τά τε ἄλλα καὶ δι' ἣν αἰτίην ἐπολέμησαν ἀλλήλοισι.)] }

Ou

- 1 - Ἡροδότου Ἀλικαρνησέος ἱστορίας ἀπόδεξις ἥδε,
- 2 - 2a. ὥς μήτε τὰ γενόμενα ἐξ ἀνθρώπων τῷ χρόνῳ ἐξίτηλα γένηται,
 - 2b. 2b1. μήτε ἔργα μεγάλα τε καὶ θωμαστά, τὰ μὲν Ἕλλησι τὰ δὲ βαρβάροις ἀποδεχθέντα, ἀκλεᾶ γένηται,
 - 2b2. τά τε ἄλλα καὶ δι' ἣν αἰτίην ἐπολέμησαν ἀλλήλοισι.

Denniston nota ainda que o período se inicia com quatro extensos polissílabos diante de quatro vocábulos pequenos. Essa relação intensifica o seu poder. Ressalta ele

²⁹ WECOWSKI, 2004, p.145

³⁰ DENNISTON, 1952, p.7

³¹ WECOWSKI, 2004.

³² BAKKER, 2007 e 2002.

também que “*toda a questão da ordem das palavras é de grande importância no estilo da prosa grega*”³³. Será visto que a estrutura tal como proposta por ele é sujeita a controvérsias.

Podemos notar também, além do apontado por Denniston, outros aspectos. Primeiro, de modo contrário ao início da frase, o final vai de seis palavras curtas a um trissílabo seguido de dois polissílabos. O trissílabo αἰτίν, neste caso, é um conceito-chave não só do prólogo, como de toda a obra. As duas palavras anteriores a ele soam como um único vocábulo, devido ao apóstrofo, de modo que δι' ἦν reverbera em αἰτίν. Se percebermos bem, a combinação καὶ δι' ἦν prepara αἰτίν. O ditongo de καὶ ressoa na primeira sílaba de αἰτίν, e δι' é semelhante à segunda sílaba, pois ambos são dentais, enquanto o pronome ἦν coincide com a última sílaba de αἰτίν. Além disso, a preposição διὰ já remete à causa, ao porquê, sendo enfática, então, a escolha dos dois termos (διὰ e αἰτίν), quando só um seria suficiente para remeter à causa. Não é à toa que, para Denniston, esta frase de apresentação é “certamente uma das mais nobres aberturas na literatura”.³⁴

Em *The making of history: Herodotus' historiês apodexis*, Bakker segue a análise de Tilman Krischer acerca da estrutura da frase de apresentação. Vejamos:

- 1 - Ἡροδότου Ἀλικαρνησέος ἱστορίας ἀπόδεξις ἦδε,
2 - ὥς 2a. μήτε (α) τὰ γενόμενα (β) ἐξ ἀνθρώπων (γ) τῷ χρόνῳ ἐξίτηλα γένηται,
2b. μήτε (α) ἔργα μεγάλα τε καὶ θωμαστά, (β) τὰ μὲν Ἕλλησι τὰ δὲ
βαρβάροισι ἀποδεχθέντα, (γ) ἀκλεᾶ γένηται,
3 - τὰ τε ἄλλα καὶ δι' ἣν αἰτίν ἐπολέμησαν ἀλλήλοισι.

Com esta estrutura, fica mais clara a seguinte divisão: 2 apresenta a função da ἀπόδεξις; e 3 o objeto da ἱστορίας, ou o que Heródoto visa descobrir.

A identificação do historiador na primeira frase do prólogo geralmente recorda o prólogo de Hecateu de Mileto³⁵. E de fato o faz, não há como negar. Mas a estrutura dessa

³³ DENNISTON, 1952, p.7

³⁴ DENNISTON, 1952, p.7

³⁵ Prólogo de Hecateu de Mileto, Fragmento 1.1-4, Jacoby: “Hecateu de Mileto assim conta: escrevo estas coisas, como me parece ser verdadeiro, pois os relatos dos gregos são, como me parecem, muitos e risíveis” (Tradução minha). “Ἐκαταῖος Μιλήσιος ὧδε μυθεῖται· τάδε γράφω, ὥς μοι δοκεῖ ἀληθέα εἶναι· οἱ γὰρ Ἑλλήνων λόγοι πολλοί τε καὶ γελοῖοι, ὥς ἐμοὶ φαίνονται, εἰσίν”.

sentença lembra também algumas inscrições antigas em vasos e outros objetos³⁶. Tais inscrições se referiam ao próprio objeto, em primeira ou terceira pessoa, se referindo a quem o fez ou quem era seu proprietário.

O outro uso recorrente dessa escrita antiga é marcar ou proteger a propriedade. O mais antigo escrito encontrado até agora, de Ísquia (c.740), é um fragmento de cerâmica proclamando sua pertença a alguém: “Eu sou de... (e um nome no genitivo)”. Numa outra inscrição muito antiga pintada em uma cratera, também de Ísquia (c.700), pode-se ler “[Nome] ... me fez”, a primeira assinatura de um ceramista.³⁷ (...) Muitos dos antigos grafitos e inscrições em estátuas falam na primeira pessoa, dando ao objeto onde estão escritos a aparência de quem diz: “Eu sou a taça de Nestor”, “Eu sou o Lécito de Tataie”; ou em numerosas dedicatórias: “Fulano me fez essa dedicação”³⁸. (...) Svenbro avançou a interessante tese de que, por volta de 550-540, começamos a encontrar inscrições “não-egocêntricas”: a inscrição pode dizer: “Este é o túmulo de...”, (...) Nesse caso, isso poderia representar uma mudança na relação da escrita com a fala e o canto; talvez desde o século VI tardio a escrita estivesse se tornando mais “autônoma”, sendo mais facilmente considerada um transmissor independente de informação separado da comunicação oral.³⁹

O nome ‘Heródoto de Halicarnasso’ aparece em genitivo garantindo sua posse e sua autoria. O pronome ἥδε (esta) serve para apontar um objeto próximo, se referindo neste caso à própria obra. Esses elementos reforçam a semelhança entre a primeira frase das *Histórias* e as antigas inscrições. Pode-se até pensar, após considerar essa semelhança, que esse fato reforça a ideia de o historiador reconhecer seu trabalho como uma obra que foi escrita, que seria recebida pelo público por escrito e que serviria para permanecer além do seu próprio tempo. Levando isso em consideração, seria então sua ἀπόδεξις não uma apresentação, uma performance, mas uma entrega do seu trabalho ao público, no sentido de que ela se encontraria no meio público e ao alcance de todos?

Outro trabalho de referência sobre esse assunto é intitulado *The hedgehog and the fox: form and meaning in the prologue of Herodotus*, de Wecowski. Ele considera o prólogo

³⁶ Ver anexo A.

³⁷ THOMAS, 2005, p.82

³⁸ THOMAS, 2005, p.89

³⁹ THOMAS, 2005, p.90

das *Histórias* da frase de apresentação até o final do capítulo cinco, acreditando que foi escrito no final do projeto e que o historiador tinha consciência da natureza do seu trabalho.

Uma das questões levantadas por Wecowski é sobre o sentido da frase de apresentação⁴⁰, que pode ser ambígua: estaria Heródoto adicionando temas ou restringindo o foco da sua apresentação, a partir de “τὰ γενόμενα ἐξ ἀνθρώπων”, passando por “ἔργα μεγάλα τε καὶ θωμαστά”, até atingir “δι’ ἣν αἰτίην ἐπολέμησαν”? Relacionando-o ao todo da obra, que culmina com a guerra greco-pérsica, pode-se pensar que a primeira sentença culmina na questão da αἰτίη. A expressão ‘ações dos homens’ é deixada de lado por parte dos críticos. A resolução dessa ambiguidade pode estar além da frase de apresentação.

Com efeito, o sintagma “τὰ γενόμενα ἐξ ἀνθρώπων” pode ter seu eco em 1.5.3, com “ἄστεα ἀνθρώπων”. E “αἰτίη”, em “τὸν δὲ οἶδα αὐτὸς πρῶτον ὑπάρχοντα ἀδίκων ἔργων ἐς τοὺς Ἕλληνας”.

Outro aspecto notado por Wecowski é, em 1.4.2-3, a noção de não haver cabimento para se fazer guerra por conta de raptos de mulheres, segundo dizem os persas. Em 1.5.3, a alegação de Heródoto de que não opinará sobre as tais versões, mas, ao invés disso, dará a sua própria versão, pode ser um modo de mostrar desprezo por esses relatos. O que “Heródoto queria é que sua audiência não desse trela para tais relatos dos persas e fenícios, como ele mesmo fez ”⁴¹. E, continua Wecowski: “A apresentação dos persas como *lógiōi* seria não mais que irônica, dando ao relato um aspecto cômico e crítico em relação às explicações rasas e tão comuns sobre as origens de guerras”⁴². Wecowski chama essa passagem de *divertimento*, uma amostra da eficiência do autor e um convite sedutivo ao leitor.⁴³ Davis concorda, de certo modo, quando afirma que “Heródoto parece concordar com o ponto de vista deles sobre a relativa insignificância dos raptos, quando afirma que dirá quem foi o primeiro asiático a fazer atos injustos contra os gregos”.⁴⁴

Um aspecto interessante em que Heródoto se mostra contra a corrente das tradições literárias é a ideia de que não somente as coisas grandes merecem atenção, mas também as pequenas (I, 5.3-4). Isto pode se explicar pelo seu olhar em relação às vicissitudes humanas.

⁴⁰ WECOWSKI, 2004, p.146

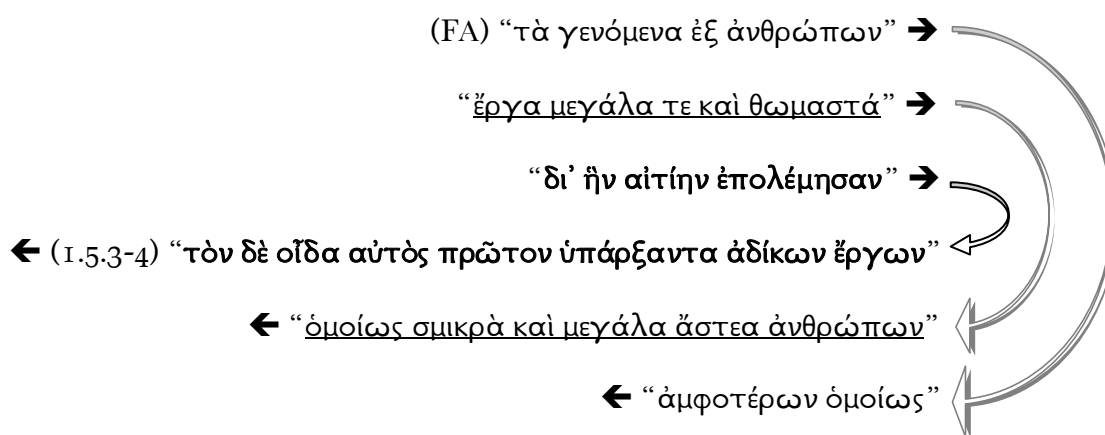
⁴¹ WECOWSKI, 2004, p. 154

⁴² WECOWSKI, pg.152

⁴³ WECOWSKI, pg.151

⁴⁴ DAVIS, 2000, p.639

No final do prólogo, a ideia expressa no início, presente na frase de apresentação, é invertida⁴⁵, indo do mais geral para o mais específico e, depois, vive-versa, estando o assunto principal no meio, o que se pode considerar como uma *ring composition*⁴⁶. Vejamos no esquema abaixo:



Assim, Wecowski demonstra que, no prólogo, há mais uma restrição do que um acréscimo de temas, a causa, sendo o mais importante e o fim último da investigação.

Em outro artigo, intitulado *The syntax of historiē: How Herodotus writes*, Bakker analisa o estilo e a organização estrutural do prólogo, afirmando:

Sem minimizar a importância do estilo ou da estética por si só, sugiro que qualquer discurso, independentemente de seu lugar em um desenvolvimento estilístico, terá características de acordo com as tarefas de comunicação que se destina a executar. Isso é particularmente apropriado para as *Histórias*, cujo objetivo comunicativo era sem precedentes na história da literatura grega, e não foi seguido por seus sucessores na tradição historiográfica⁴⁷.

Bakker considera que a FA informa que a investigação mostrará a causa da guerra, objetivo que a direciona, de modo que se vê, logo após a frase de apresentação, que os

⁴⁵ WECOWSKI, 2004, p.156

⁴⁶ Na composição em anel, um narrador toca em uma série de temas até um tópico significativo ser alcançado, em seguida, continua a narrativa retrazendo em ordem inversa os tópicos que foram mencionados no caminho até o ponto significativo.

⁴⁷ BAKKER, 2007, p.94

persas dizem que os fenícios são os culpados (αἰτίους) da desavença. Os termos αἰτίη e αἴτιος, aparecem juntos quatro vezes no prólogo. Assim, o prólogo herodotiano é como o da epopéia, a última oração do proêmio fornecendo a ligação com o começo da narrativa propriamente dita: ela contém a palavra αἰτίην ‘causa’, que aparece na primeira sentença após o proêmio, na forma de αἰτίους ‘culpado’, ‘responsável’⁴⁸.

A partícula μέν, presente em I.1.1, cria uma expectativa de que algo ainda será dito para completar o assunto, sendo um sinal de que o relato dos persas não será a única versão sobre a αἰτίη.

Só no primeiro capítulo a partícula νυν aparece três vezes. Bakker observa que νῦν acentuado é a partícula do discurso externo "agora": ela aponta para o momento em que o discurso é apresentado ou para um presente criado pelo discurso. O νυν sem acento, ao contrário, é o do discurso interno. Não aponta para o "agora" em que o discurso é apresentado, mas para o "agora" do discurso, um "agora" que está presente desde que o discurso é escutado ou lido⁴⁹. A partícula νυν não só aponta para o presente do discurso interno, como também para a presença contínua do falante.

Em I, 1.1, a alegação é persa, mas a perspectiva ainda é grega⁵⁰, ou seja, a perspectiva de que Heródoto se comunica, naquele momento, com seu público é clara, pelo uso do pronome dêitico τήνδε (este aqui), e “o verbo οἰκέουσι, ‘eles habitam’, é um verbo finito, não um infinitivo, e, portanto, não sob o ‘escopo’ do verbo principal, φασί; isto representa um comentário da parte do historiador”.

⁴⁸ BAKKER, 2002, p.7

⁴⁹ BAKKER, 2007, p.97

⁵⁰ BAKKER, 2007, p.99

1.2. Conceitos-chave do prólogo

No prólogo das *Histórias*, Heródoto aponta a origem da sua ἀπόδειξις, a saber, a sua ἱστορίη (investigação). Na falta das Musas, em que geralmente se fiava a credibilidade do discurso por meio da autoridade que elas possuíam naquela cultura, é preciso que ele mostre de onde vêm os fatos por ele narrados, para que, assim como os poemas homéricos, sua obra também seja confiável. Ou seja, é como se a ἱστορίη e o historiador fossem substitutos das Musas.

A fonte da demonstração é a investigação de Heródoto de Halicarnasso, expresso no genitivo, confiando-se a credibilidade também a ele. Ou seja, é a investigação daquele que está narrando. A credibilidade do seu discurso pode decorrer da sua posição enquanto testemunha, ou seja, podemos acreditar no que está sendo narrado, pois tais acontecimentos foram investigados pelo próprio narrador, que por vezes foi testemunha deles, por outras, ouviu-os de terceiros.

A definição do seu trabalho também é bem clara. Ele diz que se trata de uma ἀπόδειξις da sua investigação. Esta palavra é um substantivo composto pelo prefixo ἀπό- mais o radical *deîxis*. Bailly define este termo como “ação de mostrar”, exposição, publicação, demonstração. Liddel-Scott diz que ἀπόδειξις é “a exibição diante, o dar a conhecer, a exibição”, e, mais especificamente no prólogo de Heródoto, “a publicação”. No livro 8,101, o termo designa uma prova, demonstração, verificação. Bakker também comenta sobre a *deîxis*: “‘Deixis’ é a ‘função de mostrar’ da linguagem, pela qual os falantes situam a si mesmos ou às coisas de que falam dentro de um ‘universo de discurso’, de acordo com os parâmetros de tempo (agora - em seguida), lugar (este - aquele) e pessoa (eu, tu, ele)”.⁵¹ Então, a ἀπόδειξις seria o ato de pôr algo diante de alguém, o que pressupõe um público, por um lado, e uma postura de quem se preocupa com sua apresentação, de outro. Ou seja, o autor se preocupa em construir um discurso que seja apreciado e de fácil entendimento pelo público. Essa atitude vem de uma tradição de performance. Os poetas faziam performances ao apresentarem seus poemas, havia disputa e prêmios por isso. Há uma consciência de compor discursos que sejam agradáveis para o público. Para isso, há sempre meios e artifícios para ornamentar o discurso. O teatro também tem influência nessa tradição da performance. Muitos diálogos em discurso direto presentes na obra de Heródoto nos dão a sensação de

⁵¹ BAKKER, 2007, p. 98

estarmos diante de uma cena. Acredita-se inclusive que Heródoto tenha apresentado alguma coisa de seu trabalho ao público e tenha recebido algum tipo de bonificação por isso, donde parece que procede a crítica implícita de Tucídides.

Sobre a ἀπόδεξις, acrescenta ainda Bakker: “mas ainda mais importante é o fato de que as histórias em si, seja na apresentação oral real ou na oralidade ficcional do ato de ler, fazem uma performance e promulgam a pesquisa do historiador. Isso, creio eu, é o significado de ἀπόδεξις no prólogo das *Histórias*”.⁵² A ἀπόδεξις, seja uma publicação de suas investigações por escrito, seja uma apresentação em público, ou um tipo de performance, designa o trabalho dele de apresentar sua narrativa para o seu público como se vê em 5, 22, quando ele fala ‘λόγοισι ἀποδέξω’ (demonstrarei na minha narrativa).

Percebe-se, no prólogo, mais de um objetivo para a obra. Como notou Wecowski, Heródoto vai restringindo as temáticas, mas, mais do que isso, vemos que há propósitos diferentes para cada tema. Para os acontecimentos em geral, que não sejam esquecidos com o tempo; para os feitos grandes e maravilhosos, que não se tornem sem glória, o que também os livra do esquecimento. O *kléos* é o reconhecimento público e o brio de uma sociedade, por isso ser essencial guardá-los na memória para a posteridade. O objetivo-mor da obra é buscar conhecer a causa da guerra e isso se confirma no decorrer do prólogo, tanto no relato dos persas, que apontam quem para eles foram os causadores da desavença, como pela constante presença do termo αἰτίη/αἴτιος, que aparece quatro vezes, e principalmente pela alegação de Heródoto ao falar daquele que ele acha que começou tudo. Isso é o objeto de sua investigação. Sua ἀπόδεξις (a publicação) terá por consequência que tais feitos não sejam esquecidos, τὰ γενόμενα ἐξ ἀνθρώπων, sejam grandes ou pequenos, pois todos têm sua importância para a questão etiológica, como se afirma no final do quinto capítulo, embora somente os feitos grandes e os maravilhosos recebam a sua merecida glória. Heródoto tem uma inclinação por coisas grandes e maravilhosas como ele revela em várias passagens: II, 20.1 - “duas delas eu não considero sequer dignas de menção, a não ser pelo desejo de apresentá-las” (aqui, ele usa o verbo σημῆναι que parece ser utilizado como um sinônimo de ἀποδείκνυμι, afinal ele também o emprega em I, 5.4); II, 70.1 - “há muitas e diferentes maneiras de caçar crocodilos, mas descreverei somente a que reputo digna de menção (ἀξιῶ μνησθῆναι)”; e dentre numerosas outras passagens em que ele comenta o que merece ser lembrado, como em II, 101 e 111. Mas mesmo assim, para cumprir com seu propósito de investigar as razões da guerra

⁵² BAKKER, 2007, p.102, nota 9.

ele “tolera” falar de feitos menores se estes têm alguma relação com a questão etiológica. Mas também, outro critério dele é o simples desejo de apresentar como manifestou em II, 20.1. Uma pergunta a se fazer é: ἀξιῶ μνησθῆναι se refere a algo relevante para a investigação ou a algo maravilhoso?

A alegação do historiador de que sua *apódexis* não permitirá o esquecimento das realizações humanas (μήτε τὰ γενόμενα ἐξ ἀνθρώπων τῷ χρόνῳ ἐξίτηλα γένηται) revela a consciência dele em relação à importância de seu trabalho. Ele imagina que seus *lógoi* terão uma duração bem maior do que sua geração, não permitindo o apagamento dos acontecimentos da memória das pessoas. Essa preocupação com a memória pode repercutir na sua narrativa, uma vez que ele tenha que construir um relato que não seja de fácil esquecimento. Os procedimentos mnemônicos e as narrativas agradáveis podem advir disso.

Uma das características predominantes é a perspectiva grega e a alteridade, não só a alteridade de etnia, de costumes, mas também de visão de mundo, de opinião, alteridade também de discurso. As versões diferentes mostram a diferença de visão das pessoas e do próprio historiador, mostram a diferença de discurso, de tradição, por fim, a diversidade de histórias. Essa atitude de conceder a palavra ao outro é possível dentro do contexto em que Heródoto se encontra, o da democracia. Tatiana Oliveira Ribeiro fez um estudo em que mostrou como um heleno e um bárbaro entendiam de forma diferente um mesmo termo, tomando como base a análise do diálogo entre Crespo e Sólon⁵³. O lado helênico se mostra visível no prólogo não só pelo par τὰ μὲν Ἑλλήσι τὰ δὲ βαρβάροισι, como pelos comentários de Heródoto no meio da versão dos persas sábios.

Há o relato de narrativas tradicionais, que é ao mesmo tempo irônico e cômico. Aqui Heródoto brinca com o absurdo: é absurdo um conflito iniciado por conta de raptos de mulheres. A apresentação de mais de uma versão para uma mesma história, sem decidir que uma ou outra seja verdadeira, é outra constante na *diégesis* das *Histórias*, como se exemplifica em I, 5.4: “Mas eu, a respeito disso, não direi se assim ou de outro modo elas ocorreram, mas depois de indicar este que eu sei que foi o primeiro a cometer atos injustos contra os helenos, prosseguirei adiante com minha história...”.

Em I, 5.4, Heródoto apresenta a sua ideia das vicissitudes humanas, que permeará toda a obra, reforçada pelas antíteses presentes em I, 5.3-4, como notado por Wecowski⁵⁴, a

⁵³ RIBEIRO, 2005.

⁵⁴ WECOWSKI, 2004, p.157

saber: ‘σικρὰ καὶ μεγάλα’, ‘τὰ γὰρ τὸ πάλαι μεγάλα ἦν, τὰ πολλὰ σικρὰ αὐτῶν γέγονε· τὰ δὲ ἐπ’ ἐμεῦ ἦν μεγάλα, πρότερον ἦν σικρά’. Observe-se que a oposição grande/pequeno é mencionada três vezes, sempre se alternando. Podemos dizer que essa é a linha de pensamento do historiador, que orienta o seu olhar para os acontecimentos e a vida do homem. Essa ideia será muito significativa, aparecendo seu eco em toda a obra: “a sorte dos homens está numa roda, que no seu giro não permite que o mesmo homem seja sempre bem-sucedido”⁵⁵.

Então, já nesse pequeno prólogo, pode-se observar muitos dos aspectos que permearão toda a *historiē*: investigação, demonstração, perpetuação da memória, a devida fama (eco homérico), o maravilhoso, a questão do outro (τὰ μὲν Ἕλλησι τὰ δὲ βαρβάροισι), a perspectiva grega (τήνδε τὴν θάλασσαν/ τοῦτον τὸν χῶρον), a delicadeza com o estilo (por exemplo, aliterações), o pensamento da instabilidade da felicidade humana (a inversão de grandes e pequenos), e, a causa, fim último da investigação herodotiana.

O que se pode concluir é que o prólogo das *Histórias* se mostra bem mais complexo e muito mais estruturado do que pode se perceber à primeira vista. Apresento uma síntese do mesmo no quadro abaixo. Serão, então, estes conceitos, levando-se em conta sua hierarquia, usados como base para a análise da técnica da narrativa herodotiana:

ASPECTOS PERFORMÁTICOS (característica básica da narrativa demonstrativa - ἀπόδειξις)	BUSCA PELA ORIGEM DAS COISAS (CAUSA)		
	- CONFIANÇA MAIS NO QUE FOI VISTO DO QUE NO QUE FOI OUVIDO		
	PROCEDIMENTOS MENMÔNICOS	ESPECIAL ATENÇÃO AO QUE É: - MARAVILHOSO - GLORIOSO	A ALTERIDADE e a A PERSPECTIVA GREGA
VICISSITUDES HUMANAS (linha de pensamento do autor)			

⁵⁵ Heródoto, *Histórias*, Livro I, 207.2

CAPÍTULO 2

O LÓGOS DE GIGES EM HERÓDOTO

Considerando os objetivos apresentados por Heródoto no prólogo e a forma como são apresentados, passarei agora a verificar como, no primeiro trecho claramente narrativo da obra, o historiador trabalha. Minha intenção é acompanhar o modo como as ações são concatenadas, como o autor passa do plano do discurso ao dos enunciados e vice-versa, o que lhe permite inserir no seu relato considerações que comentam o desenrolar dos fatos e levam o recebedor do tempo narrativo em que esses se deram ao tempo da própria proferição do discurso do historiador. Isso é necessário porque, como se viu, a história não é um tipo de discurso meramente narrativo, conduzido por uma voz impessoal, mas supõe constantemente a intervenção de um narrador, que julga e comenta, sendo ele o responsável pela construção das sequências de causa e efeito.

Para alcançar o objetivo acima exposto, este capítulo comportará: a) a tradução do *lógos* de Giges; b) o comentário do texto grego; c) a análise dos elementos mais relevantes, nomeadamente o papel dos dêiticos e de outros recursos estilísticos como aliteraões, repetições enfáticas, entre outros.

A tradução apresentada aqui é a mais literal possível, procurando respeitar ao máximo até a ordem das palavras, até onde foi possível no texto em língua portuguesa. Para a análise, a tradução foi indispensável. Entretanto, o objetivo não era obter uma bela tradução, mas uma útil. Lembre-se de que o estudo parte do original grego e não da tradução.

O mais importante da tradução foi o próprio processo, que permitiu a análise do texto na língua original. Bakker avança a possibilidade de Heródoto servir-se das possibilidades da língua grega para novos usos, como explorar seu riquíssimo sistema de *dêixis*. Assim, além da tradução, procedi também uma análise da língua do texto grego.

2.1. Tradução

VII. [1] ἡ δὲ ἡγεμονίη οὕτω περιῆλθε, ἐοῦσα Ἡρακλειδέων ἐς τὸ γένος τὸ Κροίσου, καλεομένους δὲ Μερμνάδας. [2] ἦν Κανδαύλης, τὸν οἱ Ἕλληνες Μυρσίλον ὀνομάζουσι, τύραννος Σαρδίων, ἀπόγονος δὲ Ἀλκαίου τοῦ Ἡρακλέος. Ἄγρων μὲν γὰρ ὁ Νίνου τοῦ Βήλου τοῦ Ἀλκαίου πρῶτος Ἡρακλειδέων βασιλεὺς ἐγένετο Σαρδίων, Κανδαύλης δὲ ὁ Μύρσου ὕστατος. [3] οἱ δὲ πρότερον Ἄγρωνος βασιλεύσαντες ταύτης τῆς χώρας ἦσαν ἀπόγονοὶ Λυδοῦ τοῦ Ἄττος, ἀπ' ὅτεο ὁ δῆμος Λύδιος ἐκλήθη ὁ πᾶς οὗτος, πρότερον Μηίων καλεόμενος. [4] παρὰ τούτων Ἡρακλεῖδαι ἐπιτραφθέντες ἔσχον τὴν ἀρχὴν ἐκ θεοπροπίου, ἐκ δούλης τε τῆς Ἰαρδάνου γεγονότες καὶ Ἡρακλέος, ἄρξαντες μὲν ἐπὶ δύο τε καὶ εἴκοσι γενεᾷς ἀνδρῶν ἕτεα πέντε τε καὶ πεντακόσια, παῖς παρὰ πατρός ἐκδεκόμενος τὴν ἀρχήν, μέχρι Κανδαύλεω τοῦ Μύρσου. VIII. [1] οὗτος δὲ ὢν ὁ Κανδαύλης ἠράσθη τῆς ἐωυτοῦ γυναικός, ἐρασθεὶς δὲ ἐνόμιζέ οἱ εἶναι γυναιῖκα πολλὸν πασέων καλλίστην. ὥστε δὲ ταῦτα νομίζων, ἦν γὰρ οἱ τῶν αἰχμοφόρων Γύγης ὁ Δασκύλου	VII. 1 A hegemonia, que era dos Heraclidas, passou para a família de Creso, os chamados Mermnadas, desta maneira: 2 Era Candolo (este os helenos nomeiam Mirsilo) tirano de Sardes, e descendente de Alceu, filho de Héracles. Ágron (filho de Nino, filho de Belo, filho de Alceu) foi o primeiro dos Heraclidas que se tornou rei de Sardes, e Candolo, filho de Mirso, o último. 3 Antes de Ágron, os governantes dessa região eram descendentes de Lido, filho de Átis, a partir do qual o povo lídio foi todo ele nomeado, antes sendo chamado de Meio. 4 Da parte destes os Heraclidas tendo recebido o poder, tiveram o governo, a partir de uma profecia – sendo nascidos tanto de uma escrava de Jardano, quanto de Héracles - governando por vinte e duas das gerações dos homens, quinhentos e cinco anos, filho de pai recebendo o governo, até Candolo, filho de Mirso. VIII. 1 Então este Candolo, que era apaixonado pela sua mulher, porque era apaixonado considerava que sua mulher era a mais bela de todas. Como considerava tais coisas, e, dos guardas, Giges, filho de Dascilo, lhe era o mais agradável, a este Giges Candolo
--	---

ἄρεσκόμενος μάλιστα, τούτῳ τῷ Γύγῃ καὶ τὰ σπουδαιότερα τῶν πρηγμάτων ὑπερετίθετο ὁ Κανδαύλης καὶ δὴ καὶ τὸ εἶδος τῆς γυναικὸς ὑπερεπαινέων. [2] χρόνου δὲ οὐ πολλοῦ διελθόντος (χρῆν γὰρ Κανδαύλῃ γενέσθαι κακῶς) ἔλεγε πρὸς τὸν Γύγην τοιάδε. «Γύγη, οὐ γὰρ σε δοκέω πείθεσθαι μοι λέγοντι περὶ τοῦ εἶδους τῆς γυναικὸς (ὧτα γὰρ τυγχάνει ἀνθρώποισι ἐόντα ἀπιστότερα ὀφθαλμῶν), ποίει ὅπως ἐκείνην θεήσεται γυμνήν.» [3] ὁ δ' ἀμβώσας εἶπε «δέσποτα, τίνα λέγεις λόγον οὐκ ὑγίεια, κελεύων με δέσποιναν τὴν ἐμὴν θεήσασθαι γυμνήν; ἅμα δὲ κιθῶνι ἐκδυομένῳ συνεκδύεται καὶ τὴν αἰδῶ γυνή. [4] πάλαι δὲ τὰ καλὰ ἀνθρώποισι ἐξεύρηται, ἐκ τῶν μανθάνειν δεῖ· ἐν τοῖσι ἐν τόδε ἐ , σκοπέειν τινὰ τὰ ἔωντοῦ. ἐγὼ δὲ πείθομαι ἐκείνην εἶναι πασέων γυναικῶν καλλίστην, καὶ σέο δέομαι μὴ δέεσθαι ἀνόμων.» IX. [I] ὁ μὲν δὴ λέγων τοιαῦτα ἀπεμάχετο, ἄρρωδέων μὴ τί οἱ ἐξ αὐτῶν γένηται κακόν, ὁ δ' ἀμείβετο τοῖσιδε. «θάρσее, Γύγη, καὶ μὴ φοβεῦ μήτε ἐμέ, ὡς σέο πειρώμενος λέγω λόγον τόνδε, μήτε γυναῖκα τὴν ἐμὴν, μὴ τί τοι ἐξ αὐτῆς γένηται βλάβος. ἀρχὴν γὰρ ἐγὼ μηχανήσομαι οὕτω ὥστε μηδὲ μαθεῖν μιν ὀφθεῖσαν ὑπὸ σεῦ.	confiava os mais sérios dos assuntos e, além disso, a aparência da sua mulher elogiava acima da medida. 2 Não tendo passado muito tempo (pois era necessário a Candolo ser destronado desgraçadamente), disse a Giges isto: “Giges, com efeito eu suponho que tu não te convences com o que eu digo sobre a aparência da minha mulher - pois os ouvidos são, para os homens, menos confiáveis do que os olhos. Age de modo que a observarás nua”. 3 Aquele, clamando, disse: “Senhor, o que tu falas não é uma ideia sã, ao ordenar que eu observe minha senhora nua. Ao mesmo tempo em que despe a roupa, a mulher se despe também do pudor. 4 Há muito tempo belas coisas foram inventadas pelos homens, a partir das quais é preciso aprender: dentre elas, uma é esta: examinar algo teu. Eu estou convencido de que aquela é a mais bela de todas as mulheres, e te peço que não ordenes coisas contra os costumes”. IX. 1 Dizendo tais coisas ele resistia, receando que algo ruim lhe adviesse delas. Mas Candolo replicou a isso: “Tem coragem, Giges, e não temas nem a mim, como se fosse te testando que dissesse o que digo, nem a minha mulher, que algum prejuízo surja dela para ti. Primeiro eu prepararei tudo de modo que
--	--

[2] ἐγὼ γάρ σε ἐς τὸ οἶκημα ἐν τῷ κοιμώμεθα ὅπισθε τῆς ἀνοιγομένης θύρης στήσω. μετὰ δ' ἐμὲ ἐσελθόντα παρέσται καὶ ἡ γυνὴ ἢ ἐμὴ ἐς κοῖτον. κεῖται δὲ ἀγχοῦ τῆς ἐσόδου θρόνος· ἐπὶ τοῦτον τῶν ἱματίων κατὰ ἓν ἕκαστον ἐκδύνουσα θήσει, καὶ κατ' ἡσυχίην πολλὴν παρέξει τοι θεήσασθαι. [3] ἐπεὰν δὲ ἀπὸ τοῦ θρόνου στείχῃ ἐπὶ τὴν εὐνὴν κατὰ νώτου τε αὐτῆς γένῃ, σοὶ μελέτω τὸ ἐνθεῦτεν ὅπως μὴ σε ὄψεται ἰόντα διὰ θυρέων.» X. [1] ὁ μὲν δὴ ὥς οὐκ ἐδύνατο διαφυγεῖν, ἦν ἕτοιμος· ὁ δὲ Κανδαύλης, ἐπεὶ ἐδόκεε ὥρῃ τῆς κοίτης εἶναι, ἤγαγε τὸν Γύγεα ἐς τὸ οἶκημα. καὶ μετὰ ταῦτα αὐτίκα παρῆν καὶ ἡ γυνή. ἐσελθοῦσαν δὲ καὶ τιθεῖσαν τὰ εἴματα ἐθηεῖτο ὁ Γύγης. [2] ὥς δὲ κατὰ νώτου ἐγένετο ἰούσης τῆς γυναικὸς ἐς τὴν κοίτην, ὑπεκδὺς ἐχώρεε ἔξω, καὶ ἡ γυνὴ ἐπορᾷ μιν ἐξιόντα. μαθοῦσά δὲ τὸ ποιηθέν ἐκ τοῦ ἀνδρὸς οὔτε ἀνέβωσε αἰσχυνθεῖσα οὔτε ἔδοξε μαθεῖν, ἐν νοῷ ἔχουσα τίσεσθαι τὸν Κανδαύλεα. [3] παρὰ γὰρ τοῖσι Λυδοῖσι, σχεδὸν δὲ καὶ παρὰ τοῖσι ἄλλοισι βαρβάροις καὶ ἄνδρα ὀφθῆναι γυμνὸν ἐς αἰσχύνην μεγάλην φέρει. XI. [1] τότε μὲν δὴ οὕτω οὐδέν δηλώσασα ἡσυχίην εἶχε. ὥς δὲ ἡμέρη τάχιστα ἐγεγόνεε, τῶν οἰκετέων	ela não saiba que foi vista por ti. 2 Eu te colocarei, pois, no dormitório no qual nós dormimos, detrás da porta aberta. Depois que eu entrar, também minha mulher se dirigirá para o leito. O assento encontra-se perto da entrada: sobre ele ela colocará cada um dos mantos, enquanto se despe, e com muita tranquilidade será possível que tu a observes. 3 Quando ela caminhar do assento para a cama, ficarás às suas costas, de modo que ela não te observará quando saíres dali pela porta.” X. 1 Então, como não podia escapar, ele ficou preparado: Candolo, quando considerou ser a hora de dormir, conduziu Giges para o dormitório. Depois disso, imediatamente a mulher também entrou. Depois que ela entrou e enquanto depositava os vestidos, Giges a observava. 2 Como ficou às costas da mulher que ia para o leito, recuou escapando para fora, mas a mulher o viu saindo. Percebendo o plano do marido, ela nem gritou envergonhada, nem mostrou saber, tendo em mente punir Candolo. 3 Com efeito, entre os lídios, e também entre quase todos os bárbaros, constitui uma grande desonra um homem ser visto nu. XI. 1 No entanto, ela não tinha então tranquilidade, apesar de demonstrá-la. Tão logo o dia chegou, buscou os que eram os mais fieis de seus serviços e,
--	--

τοὺς μάλιστα ὥρα πιστοὺς ἐόντας ἑωυτῇ, ἐτοίμους ποιησαμένη ἐκάλεε τὸν Γύγεα. ὁ δὲ οὐδὲν δοκέων αὐτὴν τῶν πρηχθέντων ἐπίστασθαι ἦλθε καλεόμενος· ἐώθεε γὰρ καὶ πρόσθε, ὅπως ἡ βασιλεία καλέοι, φοιτᾶν. [2] ὥς δὲ ὁ Γύγης ἀπίκητο, ἔλεγε ἡ γυνὴ τάδε. «νῦν τοί δυῶν ὁδῶν παρεουσέων Γύγη δίδωμί αἴρεσιν, ὁκοτέρην βούλει τραπέσθαι. ἢ γὰρ Κανδαύλεα ἀποκτείνας ἐμέ τε καὶ τὴν βασιλῆην ἔχε τὴν Λυδῶν, ἢ αὐτόν σε αὐτίκα οὕτω ἀποθνήσκειν δεῖ, ὥς ἂν μὴ πάντα πειθόμενος Κανδαύλῃ τοῦ λοιποῦ ἴδῃς τὰ μὴ σε δεῖ. [3] ἀλλ' ἦτοι κεῖνόν γε τὸν ταῦτα βουλευσάντα δεῖ ἀπόλλυσθαι, ἢ σε τὸν ἐμὲ γυμνὴν θεησάμενον καὶ ποιήσαντα οὐ νομιζόμενα.» ὁ δὲ Γύγης τέως μὲν ἀπεθώμαζε τὰ λεγόμενα, μετὰ δὲ ἰκέτευε μὴ μιν ἀναγκαίῃ ἐνδέειν διακρίναι τοιαύτην αἴρεσιν. [4] οὐκὼν δὴ ἔπειθε, ἀλλ' ὥρα ἀναγκαίην ἀληθέως προκειμένην ἢ τὸν δεσπότεα ἀπολλύναι ἢ αὐτόν ὑπ' ἄλλων ἀπόλλυσθαι· αἰρέεται αὐτὸς περιεῖναι. ἐπειρώτα δὴ λέγων τάδε. «ἐπεὶ με ἀναγκάζεις δεσπότεα τὸν ἐμὸν κτείνειν οὐκ ἐθέλοντα, φέρε ἀκούσω τέω καὶ τρόπῳ ἐπιχειρήσομεν αὐτῷ.» [5] ἢ δὲ ὑπολαβοῦσα ἔφη «ἐκ τοῦ αὐτοῦ μὲν χωρίου ἢ ὁρμὴ ἔσται ὅθεν περ καὶ ἐκεῖνος ἐμέ ἐπεδέξατο γυμνὴν,	tendo preparado tudo, chamou Gíges. Este, que pensava que ela nada sabia do acontecido, veio, tão logo chamado, pois estava acostumado e sempre pronto, de modo que, se a rainha chamava, ele ia. 2 Quando Gíges chegou, a mulher disse isto: “Agora, Gíges, eu te dou uma escolha dentre os dois caminhos que te serão apresentados, para onde tu queiras voltar-te: pois ou tu matas Candolo e possuis tanto a mim quanto ao reino dos lídios, ou é necessário que ele te mate imediatamente, para que não sendo convencido de tudo por Candolo no resto do tempo, vejas coisas que não te são permitidas. 3 Mas, certamente, é necessário que aquele que planejou tudo isso seja morto, ou tu que me observaste nua e agiste contra os costumes.” Gíges, entretanto, pensou nas coisas ditas e depois suplicou a ela que não o obrigasse a fazer tal opção. 4 De modo algum ele a convenceu, mas verdadeiramente viu estabelecida a necessidade de ou matar o seu senhor ou ser morto por outros: ele prefere sobreviver. E perguntou dizendo isto: “Já que tu me obrigas a matar meu senhor, mesmo eu não querendo, vamos, eu ouvirei a tua maneira de o atacarmos.” 5 Ela, retrucando, disse: “O ataque será certamente do mesmo lugar em que ele me exibiu nua, quando ele estiver
--	--

ύπνωμένω δὲ ἡ ἐπιχείρησις ἔσται.» XII. [I] ὥς δὲ ἤρτυσαν τὴν ἐπιβουλήν, νυκτὸς γενομένης (οὐ γὰρ ἐμετίετο ὁ Γύγης, οὐδέ οἱ ἦν ἀπαλλαγὴ οὐδεμία, ἀλλ' ἔδεε ἡ αὐτὸν ἀπολωλέναι ἡ Κανδαύλεα) εἶπετο ἐς τὸν θάλαμον τῇ γυναικί, καὶ μιν ἐκείνη, ἐγχειρίδιον δοῦσα, κατακρύπτει ὑπὸ τὴν αὐτὴν θύρην. [2] καὶ μετὰ ταῦτα ἀναπαυομένου Κανδαύλεω ὑπεκδύς τε καὶ ἀποκτείνας αὐτὸν ἔσχε καὶ τὴν γυναῖκα καὶ τὴν βασιληίην Γύγης τοῦ καὶ Ἀρχίλοχος ὁ Πάριος κατὰ τὸν αὐτὸν χρόνον γενόμενος ἐν ἰάμβῳ τριμέτρῳ ἐπεμνήσθη. XIII. [I] ἔσχε δὲ τὴν βασιληίην καὶ ἐκρατύνθη ἐκ τοῦ ἐν Δελφοῖσι χρηστηρίου. ὥς γὰρ δὴ οἱ Λυδοὶ δεινὸν ἐποιεῦντο τὸ Κανδαύλεω πάθος καὶ ἐν ὅπλοισι ἦσαν, συνέβησαν ἐς τὸν αὐτὸ οἱ τε τοῦ Γύγεω στασιῶται καὶ οἱ λοιποὶ Λυδοί, ἦν μὲν τὸ χρηστήριον ἀνέλη μιν βασιλέα εἶναι Λυδῶν, τὸν δὲ βασιλεύειν, ἦν δὲ μή, ἀποδοῦναι ὀπίσω ἐς Ἡρακλείδαν τὴν ἀρχήν. [2] ἀνεῖλέ τε δὴ τὸ χρηστήριον καὶ ἐβασίλευσε οὕτω Γύγης. τοσόνδε μέντοι εἶπε ἡ Πυθίη, ὥς Ἡρακλείδῃσι τίσις ἦξει ἐς τὸν πέμπτον ἀπόγονον Γύγεω. τούτου τοῦ ἔπεος Λυδοὶ τε καὶ οἱ βασιλεῖς αὐτῶν λόγον οὐδένα	adormecido.” XII. 1 Assim que prepararam o plano, chegada a noite (pois Gíges não o abandonou, nem havia nenhuma saída para ele, mas era preciso ou ele próprio morrer ou Candolo), ele seguiu a mulher até o quarto e aquela, depois de lhe entregar o punhal, esconde-o atrás da mesma porta. 2 Depois disso, no meio do sono de Candolo, Gíges escapou secretamente e, depois de o matar, possuiu a rainha e o reinado - inclusive Arquíloco de Paros, nascido na mesma época recorda-se dele em um trímetro jâmbico. XIII. 1 Ele se apoderou do reino e foi confirmado pelo oráculo em Delfos. Como, pois, os lídios consideravam o padecimento de Candolo terrível e estavam armados, foram todos até ele,⁵⁶ tanto os partidários de Gíges, quanto o restante dos lídios, para saber se o oráculo ordenaria que ele fosse rei dos lídios e governasse, ou que não, que restituisse de novo o governo aos Heraclidas. 2 Então o oráculo ordenou e dessa forma Gíges reinou. Entretanto, a Pítia disse isto: que o castigo viria para os Heraclidas na quinta descendência de Gíges. Dessa sentença os lídios e seus reis não fizeram nenhuma menção, antes de ela ser realizada.
--	--

⁵⁶ Aqui ele se refere ao oráculo.

ἐποιεῦντο, πρὶν δὴ ἐπετελέσθῃ. XIV. [1] τὴν μὲν δὴ τυραννίδα οὕτω ἔσχον οἱ Μερμνάδαι τοὺς Ἡρακλείδας ἀπελόμενοι, Γύγης δὲ τυραννεύσας ἀπέπεμψε ἀναθήματα ἐς Δελφοὺς οὐκ ὀλίγα, ἀλλ' ὅσα μὲν ἀργύρου ἀναθήματα, ἔστι οἱ πλεῖστα ἐν Δελφοῖσι, πάρεξ δὲ τοῦ ἀργύρου χρυσὸν ἄπλετον ἀνέθηκε ἄλλον τε καὶ τοῦ μάλιστα μνήμην ἄξιον ἔχειν ἐστὶ, κρητῆρες οἱ ἀριθμὸν ἕξ χρύσειοι ἀνακέαται. [2] ἐστᾶσι δὲ οὗτοι ἐν τῷ Κορινθίων θησαυρῷ, σταθμὸν ἔχοντες τριήκοντα τάλαντα· ἀληθεί δὲ λόγῳ χρεωμένῳ οὐ Κορινθίων τοῦ δημοσίου ἐστὶ ὁ θησαυρός, ἀλλὰ Κυψέλου τοῦ Ἡετίωνος. οὗτος δὲ ὁ Γύγης πρῶτος βαρβάρων τῶν ἡμεῖς ἴδμεν ἐς Δελφοὺς ἀνέθηκε ἀναθήματα μετὰ Μίδην τὸν Γορδῖεω Φρυγίης βασιλέα. [3] ἀνέθηκε γὰρ δὴ καὶ Μίδης τὸν βασιλῆιον θρόνον ἐς τὸν προκατίζων ἐδίκηζε, ἐόντα ἀξιοθέητον· κεῖται δὲ ὁ θρόνος οὗτος ἔνθα περ οἱ τοῦ Γύγεω κρητῆρες. ὁ δὲ χρυσὸς οὗτος καὶ ὁ ἄργυρος τὸν ὁ Γύγης ἀνέθηκε, ὑπὸ Δελφῶν καλεῖται Γυγάδας ἐπὶ τοῦ ἀναθέντος ἐπωνυμίην. [4] ἐσέβαλε μὲν νυν στρατιὴν καὶ οὗτος ἐπεῖτε ἦρξε ἕς τε Μίλητον καὶ ἐς Σμύρνην, καὶ Κολοφῶνος τὸ ἄστρ' εἴλε· ἀλλ' οὐδὲν γὰρ μέγα ἀπ' αὐτοῦ ἄλλο	XIV. 1 Os Mermnadas, depois de suprimir os Heraclidas, mantiveram dessa forma a tirania, e Giges, enquanto reinava, enviou oferendas a Delfos, e não poucas, mas numerosas oferendas de prata (a maioria está em Delfos), e, além das de prata, ele dedicou também imensurável ouro, e deste é a recordação mais digna que há, uma quantidade de seis crateras de ouro lá depositadas. 2 Elas foram postas no tesouro dos coríntios, possuindo um peso de trinta talentos⁵⁷: usando de palavras verdadeiras, o tesouro não é do povo dos Coríntios, mas de Cípselo, filho de Etíon. Esse Giges foi o primeiro dos bárbaros que nós sabemos que dedicou oferendas a Delfos, depois de Midas, filho de Górdio, rei da Frígia. 3 Dedicou também Midas o trono real no qual pronunciava sentenças, sentando-se em público, algo digno de ser contemplado. Esse trono está colocado precisamente ali onde estão as crateras de Giges. Esse ouro e a prata que Giges ofertou são chamados pelos délfios de Gigades, a partir da oferta. 4 Então, ele levou o exército também e, em seguida, o conduziu para Mileto e Esmirna, e tomou a cidade de Colofão: mas nenhum outro grande feito houve enquanto ele reinou trinta e oito
---	--

⁵⁷ Cada talento mede mais o menos 26 kg. É uma medida grega.

ἔργον ἐγένετο βασιλεύσαντος δυῶν δέοντα τεσσεράκοντα ἔτεα, τοῦτον μὲν παρήσομεν τοσαῦτα ἐπιμνησθέντες, XV. [1] Ἄρδυος δὲ τοῦ Γύγεω μετὰ Γύγην βασιλεύσαντος μνήμην ποιήσομαι. οὗτος δὲ Πριηνέας τε εἶλε ἐς Μίλητόν τε ἐσέβαλε, ἐπὶ τούτου τε τυραννεύοντος Σαρδίων Κιμμέριοι ἐξ ἡθέων ὑπὸ Σκυθέων τῶν νομάδων ἐξαναστάντες ἀπίκοντο ἐς τὴν Ἀσίην καὶ Σάρδις πλὴν τῆς ἀκροπόλιος εἶλον.	anos. Deixaremos este de lado, tendo recordado tais coisas, XV. 1 e conservarei a memória de Ardis, filho de Giges, que reinou depois de Giges. Este tomou os prienes e atacou Mileto, e, durante o tempo que foi governante dos Sárdios, os Cimérios, após serem expulsos de sua terra pelos citas nômades, chegaram à Ásia e tomaram Sardes, com exceção da acrópole.
---	--

2.2. Técnicas da narrativa no *lógos* de Gíges

VII. [1] ἡ δὲ ἡγεμονίη οὕτω περιῆλθε, ἐοῦσα Ἡρακλιδέων, ἐς τὸ γένος τὸ Κροίσου, καλεομένους δὲ Μερμνάδας.

VII. 1 A hegemonia, que era dos Heraclidas, passou para a família de Cresos, os chamados Mermnadas, desta maneira:

- O primeiro δὲ funciona como um marcador discursivo de transição de um assunto a outro.
- Sujeito não-pessoal ἡγεμονίη com verbo animado.
- οὕτω: termo anafórico, se refere a todo o relato de 7.2 a 13.2, serve para apontar a forma como a hegemonia passou de uma família a outra.
- Preposição ἐς tem o sentido de “ir para o interior de”, neste caso indica o destino da ação; completa o verbo de movimento περιῆλθε, que literalmente quer dizer ‘dar ou fazer a volta, percorrer’. Este sentido será muito significativo, como se verá adiante.
- Adjunto adnominal enfático: ἐς τὸ γένος τὸ Κροίσου ‘para a família, aquela de’.

[2] Ἦν Κανδαύλης, τὸν οἱ Ἕλληνες Μυρσίλον ὀνομάζουσι, τύραννος Σαρδίων, ἀπόγονος δὲ Ἀλκαίου τοῦ Ἡρακλέος. Ἄγρων μὲν γὰρ ὁ Νίνου τοῦ Βήλου τοῦ Ἀλκαίου πρῶτος Ἡρακλιδέων βασιλεὺς ἐγένετο Σαρδίων, Κανδαύλης δὲ ὁ Μύρσου ὕστατος.

2. Era Candolo (este os helenos nomeiam Mirsilo) tirano dos Sárdios, e descendente de Alceu, filho de Héracles. Ágron (filho de Nino, filho de Belo, filho de Alceu) foi o primeiro dos Heraclidas que se tornou rei de Sardes, e Candolo, filho de Mirso, o último.

- A Oração começa com verbo.
- τὸν no acusativo com valor de pronome, se refere ao sujeito Κανδαύλης.
- O par ‘μὲν... δὲ...’ marca um contraste entre as duas orações relacionadas. Esse contraste se reforça com a antítese entre πρῶτος e ὕστατος.

- Aposto explicativo de genealogia, ‘ὁ Νίνου τοῦ Βήλου τοῦ Ἀλκαίου’.

[3] Οἱ δὲ πρότερον Ἄγρωνος βασιλεύσαντες ταύτης τῆς χώρας ἦσαν ἀπόγονοι Λυδοῦ τοῦ Ἄττος, ἀπ’ ὅτεο ὁ δῆμος Λύδιος ἐκλήθη ὁ πᾶς οὗτος, πρότερον Μηίων καλεόμενος.

3. Antes de Ágron, os governantes dessa região eram descendentes de Lido, filho de Átis, a partir do qual o povo lídio foi todo ele nomeado, antes sendo chamado de Meio.

- Aliteração do τ por quatro vezes: βασιλεύσαντες ταύτης τῆς.
- ὁ πᾶς οὗτος: adjunto adnominal enfático, se refere ao povo lídio, já mencionado, representando então uma ênfase. Esse οὗτος é anafórico.
- Μηίων: provavelmente os antigos lídios se chamavam assim porque eram de outra família, mas isso não interessa a Heródoto.

[4] Παρὰ τούτων Ἡρακλεῖδαι ἐπιτραφθέντες ἔσχον τὴν ἀρχὴν ἐκ θεοπροπίου, ἐκ δούλης τε τῆς Ἰαρδάνου γεγονότες καὶ Ἡρακλέος, ἄρξαντες [μὲν] ἐπὶ δύο τε καὶ εἴκοσι γενεᾶς ἀνδρῶν, ἕτεα πέντε τε καὶ πεντακόσια, παῖς παρὰ πατρὸς ἐκδεκόμενος τὴν ἀρχήν, μέχρι Κανδαύλεω τοῦ Μύρσου.

4. Da parte destes os Heraclidas tendo recebido o poder, tiveram o governo, a partir de uma profecia – sendo nascidos tanto de uma escrava de Jardano, quanto de Hércules - governando por vinte e duas das gerações dos homens, quinhentos e cinco anos, filho de pai recebendo o governo, até Candolo, filho de Mirso.

- τούτων se refere a οἱ βασιλεύσαντες.
- ἀρχήν corresponde à ἡγεμονίη.
- ἐκ θεοπροπίου: sem artigo tem sentido indeterminado; de fato, essa profecia não é mencionada. Ela tem paralelo com οὕτω, é a maneira como a hegemonia passa de uma família a outra. No caso do οὕτω, ele vai demonstrar com a história de Gíges.

- μὲν: partícula afirmativa realçando ἄρξαντες. Essa partícula é colocada imediatamente após a palavra que deve ser realçada.⁵⁸
- Heródoto já havia comentado a duração do governo, talvez não houvesse necessidade de reforçar com ο /‘ἔτεα πέντε τε καὶ πεντακόσια/’. Mesmo assim, esse parece ser o estilo do historiador, pois essa estrutura encontra-se em outras passagens da obra.
- Aliteração do π desde πέντε a πατρός. Nos três últimos termos, a aliteração é reforçada pela sílaba πα e pela proximidade da vibrante ρ.

VIII. [I] Οὗτος δὴ ὦν ὁ Κανδαύλης ἡράσθη τῆς ἐωυτοῦ γυναικός, ἐρασθεὶς δὲ ἐνόμιζέ οἱ εἶναι γυναῖκα πολλὸν πασέων καλλίστην. Ὡστε δὲ ταῦτα νομίζων, ἦν γάρ οἱ τῶν αἰχμοφόρων Γύγης ὁ Δασκύλου ἀρεσκόμενος μάλιστα, τούτῳ τῷ Γύγῃ καὶ τὰ σπουδαιότερα τῶν πρηγμάτων ὑπερετίθετο ὁ Κανδαύλης καὶ δὴ καὶ τὸ εἶδος τῆς γυναικὸς ὑπερεπαινέων.

VIII [1] Então este Candolo, que era apaixonado pela sua mulher, porque era apaixonado considerava que sua mulher era a mais bela de todas. Como considerava tais coisas, e, dos guardas, Giges, filho de Dascilo, lhe era o mais agradável, a este Giges Candolo confiava os mais sérios dos assuntos e, além disso, a aparência da sua mulher elogiava acima da medida.

- Οὗτος concorda gramaticalmente com Κανδαύλης, que vem a seguir, mas refere-se ao mesmo Candolo mencionado anteriormente. É um reforço, pois tanto οὗτος quanto Κανδαύλης seriam suficientes para se referir a esse personagem.
- δὴ pode ser enfático, ‘esse mesmo’, ou marcar continuação, ‘então’.
- Repetição do verbo ἐράω para enfatizar e intensificar a paixão de Candolo por sua mulher. O ἐρασθεὶς seria desnecessário para o sentido.
- Repete-se o termo γυνή em um curto espaço.
- Ὡστε estabelece comparação entre ἐνόμιζέ e νομίζων: a mulher mais bela e o criado mais agradável. ταῦτα - demonstra sua paixão pela mulher e a beleza dela.
- τῶν αἰχμοφόρων, partitivo, constitui comparação com Giges pelo μάλιστα + genitivo.

⁵⁸ DICIONÁRIO GREGO-PORTUGUÊS, s.v., 2008.

- τὰ σπουδαιότερα τῶν πρηγμάτων: outro comparativo + genitivo.
- καὶ δὴ καί: inclui o εἶδος da mulher nos assuntos mais sérios, ressaltando a importância e a gravidade desse εἶδος.

[2] Χρόνου δὲ οὐ πολλοῦ διελθόντος, χρῆν γὰρ Κανδαύλῃ γενέσθαι κακῶς, ἔλεγε πρὸς τὸν Γύγην τοιάδε· «Γύγη, οὐ γὰρ σε δοκέω πείθεσθαι μοι λέγοντι περὶ τοῦ εἶδους τῆς γυναικός (ὥτα γὰρ τυγχάνει ἀνθρώποισι ἔοντα ἀπιστότερα ὀφθαλμῶν), ποίει ὅπως ἐκείνην θεήσεαι γυμνήν.»

2. Não tendo passado muito tempo (pois era necessário a Candolo ser destronado desgraçadamente), disse a Gíges isto: “Gíges, com efeito eu suponho que tu não te convences com o que eu digo sobre a aparência da minha mulher - pois os ouvidos são, para os homens, menos confiáveis do que os olhos. Age de modo que a observarás nua”.

- A constante presença da partícula δὲ caracteriza o estilo da prosa primitiva, em estilo paratático articulado por καί ou por antítese, que é expressa por δὲ neste caso⁵⁹.
- Pronome demonstrativo τοιάδε introduz o que vem a seguir.
- ὥτα γὰρ τυγχάνει ἀνθρώποισι ἔοντα ἀπιστότερα ὀφθαλμῶν: outra comparação.

[3] Ὁ δὲ μέγα ἀμβώσας εἶπε· «Δέσποτα, τίνα λέγεις λόγον οὐκ ὑγίεια, κελεύων με δέσποιναν τὴν ἐμὴν θεήσασθαι γυμνήν; Ἄμα δὲ κιθῶνι ἐκδυομένῳ συνεκδύεται καὶ τὴν αἰδῶ γυνή. [4] Πάλαι δὲ τὰ καλὰ ἀνθρώποισι ἐξεύρηται, ἐκ τῶν μανθάνειν δεῖ· ἐν τοῖσι ἐν τῷδε ἐ , σκοπέειν τινὰ τὰ ἐωυτοῦ. Ἐγὼ δὲ πείθομαι ἐκείνην εἶναι πασέων γυναικῶν καλλίστην, καὶ σεο δέομαι μὴ δέεσθαι ἀνόμων.»

3. Aquele, clamando, disse: “Senhor, o que tu falas não é uma idéia sã, ao ordenar que eu observe minha senhora nua. Ao mesmo tempo em que despe a roupa, a mulher se despe também do pudor. 4. Há muito tempo belas coisas foram inventadas pelos homens, a partir das quais é preciso aprender: dentre elas, uma é esta: examinar algo

⁵⁹ BAKKER, p.93

seu. Eu estou convencido de que aquela é a mais bela de todas as mulheres, e te peço que não ordenes coisas contra os costumes”.

- Ὁ δὲ - expressão anafórica (e ele), usual na prosa, neste caso referindo-se a Giges.
- τῶν ἐν τοῖσι: se referem a τὰ καλὰ, indica o ponto de partida a partir do qual se precisa aprender.
- τόδε: demonstrativo enfático, se refere ao que será descrito em seguida.
- πασέων γυναικῶν καλλίστην: superlativo relativo.
- Aliteração: repetição de conjuntos vocálicos - ‘καὶ σεο δέομαι μὴ δέεσθαι’: ditongo αἰ seguido de dois hiatos έο έο, outro ditongo αἰ seguido de um ἡ que em tese corresponde ao som de dois ε, seguido do hiato έε e finalizando com o ditongo αἰ novamente.

IX. [I] Ὁ μὲν δὴ λέγων τοιαῦτα ἀπεμάχετο, ἄρρωδέων μὴ τί οἱ ἐξ αὐτῶν γένηται κακόν. Ὁ δ’ ἀμείβετο τοῖσδε· «Θάρσее, Γύγη, καὶ μὴ φοβέο μήτε ἐμέ, ὡς σεο πειρώμενος λέγω λόγον τόνδε, μήτε γυναῖκα τὴν ἐμήν, μὴ τί τοι ἐξ αὐτῆς γένηται βλάβος· ἀρχὴν γὰρ ἐγὼ μηχανήσομαι οὕτω ὥστε μὴδέ μαθεῖν μιν ὀφθεῖσαν ὑπὸ σέο.

IX. [1] Dizendo tais coisas ele resistia, receando que algo ruim lhe adviesse delas. Mas Candolo replicou a isto: “Tem coragem, Giges, e não temas nem a mim, como se fosse te testando que dissesse o que digo, nem a minha mulher, que algum prejuízo surja dela para ti. Primeiro eu prepararei tudo de modo que ela não saiba que foi vista por ti.

- Ὁ μὲν: se refere a Giges. Esse μὲν contrasta o estado de Giges com a atitude de Candolo. O δὲ de Ὁ δ’ contrapõe-se ao μὲν da oração anterior. Esse par aqui ajuda a contrapor também o ὃ com o ὃ anterior, ou seja, não se referem à mesma pessoa. Se, por um lado, Giges resiste, por outro, Candolo o encoraja.
- μὴ: depois do verbo que indica temor, produz uma oração afirmativa.
- Repetição de expressões: ‘μὴ τί οἱ ἐξ αὐτῶν γένηται κακόν’ e ‘μὴ τί τοι ἐξ αὐτῆς γένηται βλάβος’.
- οὕτω /da seguinte maneira/, que ainda será exposta, pode ser um mecanismo para prender a atenção do leitor.

[2] Ἐγὼ γάρ σε ἐς τὸ οἶκημα ἐν τῷ κοιμώμεθα ὀπισθε τῆς ἀνοιγομένης θύρης στήσω· μετὰ δ' ἐμὲ ἐσελθόντα αὐτίκα παρέσται καὶ ἡ γυνὴ ἢ ἐμὴ ἐς κοῖτον. Κεῖται δὲ ἀγχοῦ τῆς ἐσόδου θρόνος· ἐπὶ τοῦτον τῶν ἱματίων κατὰ ἓν ἕκαστον ἐκδύνουσα θήσει καὶ κατ' ἡσυχίην πολλὴν παρέξει τοι θεήσασθαι. [3] Ἐπεὰν δέ ἀπὸ τοῦ θρόνου στείχη ἐπὶ τὴν εὐνὴν κατὰ νώτου τε αὐτῆς γένη, σοὶ μελέτω τὸ ἐνθεῦτεν ὅπως μὴ σε ὄψεται ἰόντα διὰ θυρέων.»

2. Eu te colocarei, pois, no dormitório no qual nós dormimos, detrás da porta aberta. Depois que eu entrar, também minha mulher se dirigirá para o leito. O assento encontra-se perto da entrada: sobre ele ela colocará cada um dos mantos, enquanto se despe, e com muita tranqüilidade, será possível que tu a observes. 3. Quando ela caminhar do assento para a cama, ficarás às suas costas, de modo que ela não te observará quando saíres dali pela porta.”

- στήσω: o verbo está bem longe do sujeito e do objeto, na posição final, provavelmente para ser enfático. A ordem das palavras também diz muito sobre os realces. Quando um verbo é posto no final da oração, principalmente quando isso resulta em distanciamento de seu sujeito e objeto - ainda que na língua grega a colocação dos termos na frase seja mais livre do que no português -, indica uma intenção de enfatizá-lo. Esse mecanismo também ajuda a prender a atenção do leitor, uma vez que, geralmente, o verbo constitui uma parte essencial da mensagem⁶⁰.

X. [1] Ὁ μὲν δὴ, ὡς οὐκ ἐδύνατο διαφυγεῖν, ἦν ἑτοιμος· ὁ δὲ Κανδαύλης, ἐπεὶ ἐδόκεε ὥρῃ τῆς κοίτης εἶναι, ἤγαγε τὸν Γύγην ἐς τὸ οἶκημα, καὶ μετὰ ταῦτα αὐτίκα παρῆν καὶ ἡ γυνή· ἐσελθοῦσαν δὲ καὶ τιθεῖσαν τὰ εἴματα ἐθηεῖτο ὁ Γύγης. [2] Ὡς δὲ κατὰ νώτου ἐγένετο ἰούσης τῆς γυναικὸς ἐς τὴν κοίτην, ὑπεκδὺς ἐχώρεε ἔξω. Καὶ ἡ γυνὴ ἐπορᾷ μιν ἐξιόντα. Μαθοῦσά δὲ τὸ ποιηθὲν ἐκ τοῦ ἀνδρὸς οὔτε ἀνέβωσε αἰσχυνθεῖσα οὔτε ἔδοξε μαθεῖν, ἐν νόῳ ἔχουσα τείσεσθαι τὸν

⁶⁰ Nota Denniston que o interesse é mais facilmente mantido se a estrutura não é gramaticalmente concluída até perto do fim (DENNISTON, 1952, p.67).

Κανδαύλην· [3] παρὰ γὰρ τοῖσι Λυδοῖσι, σχεδὸν δὲ καὶ παρὰ τοῖσι ἄλλοις βαρβάροις, καὶ ἄνδρα ὀφθῆναι γυμνὸν ἐς αἰσχύνην μεγάλην φέρει.

X. [1] Então, como não podia escapar, ele ficou preparado: Candolo, quando considerou ser a hora de dormir, conduziu Giges para o dormitório. Depois disso, imediatamente a mulher também entrou. Depois que ela entrou e enquanto depositava os vestidos, Giges a observava. 2. Como ficou às costas da mulher que ia para o leito, recuou escapando para fora, mas a mulher o viu saindo. Percebendo o plano do marido, ela nem gritou envergonhada, nem mostrou saber, tendo em mente punir Candolo. 3. Com efeito, entre os lídios, e também entre quase todos os bárbaros constitui uma grande desonra um homem ter sido visto nu.

- O par ‘μὲν... δὲ...’ neste caso parece estar funcionando como organizador do discurso ao fazer a transição de assunto.⁶¹
- ἐπορᾶ: verbo no presente em meio ao relato com verbos no passado do narrador. Isso pode ser um presente histórico. Ainda assim, cada tempo, conforme nota Crespo, tem seu aspecto. Pode ser que esse presente tenha sido escolhido para dar maior atenção a essa ação.

XI. [1] Τότε μὲν δὴ οὕτως οὐδὲν δηλώσασα ἡσυχίην εἶχε· ὥς δὲ ἡμέρη τάχιστα ἐγεγόνεε, τῶν οἰκετέων τοὺς μάλιστα ὥρα πιστοὺς ἐόντας ἐωυτῇ ἐτοίμους ποιησαμένη, ἐκάλεε τὸν Γύγην. Ὁ δὲ οὐδὲν δοκέων αὐτὴν τῶν πρηχθέντων ἐπίστασθαι ἦλθε καλεόμενος· ἐώθεε γὰρ καὶ πρόσθε, ὅκως ἢ βασιλεια καλέοι, φοιτᾶν.

XI. [1] No entanto, ela não tinha então tranquilidade, apesar de demonstrá-la. Tão logo o dia chegou, buscou os que eram mais fiéis de seus serviçais e tendo preparado tudo, chamou Giges. Este, que pensava que ela nada sabia do acontecido, veio, tão logo chamado, pois estava acostumado e sempre pronto, de modo que, se a rainha chamava, ele ia.

⁶¹ BAKKER, p.303

- O par /μέν... δέ.../, aqui, além de constituir uma mudança no assunto, constitui também uma transição de cena, reforçada pela oração temporal /ὥς δὲ ἡμέρη τάχιστα ἐγγόνει/.

[2] Ὡς δὲ ὁ Γύγης ἀπίκετο, ἔλεγε ἡ γυνὴ τάδε· «νῦν τοι δυῶν ὁδῶν παρουσέων, Γύγη, δίδωμι αἵρεσιν, ὁκοτέρην βούλει τραπέσθαι· ἢ γὰρ Κανδαύλην ἀποκτείνας ἐμέ τε καὶ τὴν βασιλῆην ἔχε τὴν Λυδῶν, ἢ αὐτόν σε αὐτίκα οὕτω ἀποθνήσκειν δεῖ, ὥς ἂν μὴ πάντα πειθόμενος Κανδαύλῃ τοῦ λοιποῦ ἴδῃς τὰ μὴ σε δεῖ. [3] Ἀλλ’ ἦτοι κεῖνόν γε τὸν ταῦτα βουλευσάντα δεῖ ἀπόλλυσθαι ἢ σὲ τὸν ἐμὲ γυμνὴν θεησάμενον καὶ ποιήσαντα οὐ νομιζόμενα.» Ὁ δὲ Γύγης τέως μὲν ἀπεθώμαζε τὰ λεγόμενα, μετὰ δὲ ἰκέτευε μὴ μιν ἀναγκαίῃ ἐνδέειν διακρίναι τοιαύτην αἵρεσιν.

2. Quando Gíges chegou, a mulher disse isto: “Agora Gíges eu te dou uma escolha dentre os dois caminhos que te serão apresentados, para onde tu queiras voltar-te: pois ou tu matas Candolo e possuis tanto a mim quanto ao reino dos lídios, ou é necessário que ele te mate imediatamente, para que não sendo convencido de tudo por Candolo no resto do tempo, vejas coisas que não te são permitidas. 3. Mas certamente é necessário que aquele que planejou tudo isso seja morto, ou tu que me observaste nua e agistes contra os costumes.” Gíges, entretanto, pensou nas coisas ditas e depois suplicou a ela que não o obrigasse a fazer tal opção.

- τάδε – catafórico que introduz o discurso direto.
- ἢ... ἢ - marcando oposição entre duas orações, é o primeiro dos dois caminhos mencionados.
- O verbo δέω aparece três vezes em um curto espaço, sendo por isso uma palavra-chave. E o ἐνδέω por quatro vezes ele vem reforçado com o substantivo ἀναγκαίῃ, talvez essa necessidade se referindo à mesma do χρῆν de 8.2.

[4] Οὐκ ὦν δὴ ἔπειθε, ἀλλ’ ὥρα ἀναγκαίῃν ἀληθέως προκειμένην ἢ τὸν δεσπότην ἀπολλύναι ἢ αὐτὸν ὑπ’ ἄλλων ἀπόλλυσθαι· αἰρέεται αὐτὸς περιεῖναι. Ἐπειρώτα δὴ λέγων τάδε· «Ἐπεὶ με ἀναγκάζεις δεσπότην τὸν ἐμὸν κτείνειν οὐκ ἐθέλοντα, φέρε ἀκούσω, τέω καὶ τρόπῳ ἐπιχειρήσομεν αὐτῷ.» [5] Ἡ δὲ ὑπολαβοῦσα ἔφη·

«Ἐκ τοῦ αὐτοῦ μὲν χωρίου ἡ ὁρμή ἔσται ὅθεν περ καὶ ἐκεῖνος ἐμέ ἐπεδέξατο γυμνήν, ὑπνωμένῳ δὲ ἡ ἐπιχείρησις ἔσται.»

4. De modo algum ele a convenceu, mas verdadeiramente viu estabelecida a necessidade de ou matar o seu senhor ou ser morto por outros: ele prefere sobreviver. E perguntou dizendo isto: “Já que tu me obrigas a matar meu senhor, mesmo eu não querendo, vamos, eu ouvirei a tua maneira de o atacarmos.” 5. Ela, retrucando, disse: “O ataque será certamente do mesmo lugar em que ele me exibiu nua, quando ele estiver adormecido.”

- τάδε: catafórico que introduz discurso direto.
- οὐκ ἐθέλοντα: reforça a passividade e conflito de Gíges.

XII. [1] Ὡς δὲ ἤρτυσαν τὴν ἐπιβουλήν, νυκτὸς γενομένης (οὐ γὰρ ἐμετίετο ὁ Γύγης, οὐδέ οἱ ἦν ἀπαλλαγὴ οὐδεμία, ἀλλ’ ἔδεε ἢ αὐτὸν ἀπολωλέναι ἢ Κανδαύλην) εἶπετο ἐς τὸν θάλαμον τῇ γυναικί. Καί μιν ἐκείνη ἐγχειρίδιον δοῦσα, κατακρύπτει ὑπὸ τὴν αὐτὴν θύρην. [2] Καὶ μετὰ ταῦτα ἀναπαυομένου Κανδαύλεω ὑπεκδύς τε καὶ ἀποκτείνας αὐτὸν ἔσχε καὶ τὴν γυναῖκα καὶ τὴν βασιλῆην Γύγης· τοῦ καὶ Ἀρχίλοχος ὁ Πάριος, κατὰ τὸν αὐτὸν χρόνον γενόμενος, ἐν ἰάμβῳ τριμέτρῳ ἐπεμνήσθη.

XII. [1] Assim que prepararam o plano, chegada a noite (pois Gíges não o abandonou, nem havia nenhuma saída para ele, mas era preciso ou ele próprio morrer ou Candolo), ele seguiu a mulher até o quarto e aquela, depois de lhe entregar o punhal, esconde-o atrás da mesma porta. 2. Depois disso, no meio do sono de Candolo, Gíges escapou secretamente e, depois de o matar, possuiu a rainha e o reinado - inclusive Arquíloco de Páros, nascido na mesma época, recorda-se dele em um trímetro jâmbico.

- οὐδεμία: reforça-se a impotência de Gíges.

- τὴν αὐτὴν θύρην: não só a mesma porta como também o plano da rainha se assemelha ao do rei, a ação de certo modo se repete.

XIII. [1] Ἔσχε δὲ τὴν βασιλίην καὶ ἐκρατύνθη ἐκ τοῦ ἐν Δελφοῖσι χρηστηρίου. Ὡς γὰρ δὴ οἱ Λυδοὶ δεινὸν ἐποιεῦντο τὸ Κανδαύλεω πάθος καὶ ἐν ὅπλοισι ἦσαν, συνέβησαν ἐς τῷτο οἷ τε τοῦ Γύγεω στασιῶται καὶ οἱ λοιποὶ Λυδοί, ἦν μὲν [δὴ] τὸ χρηστήριον ἀνέλη μιν βασιλέα εἶναι Λυδῶν, τὸν δὲ βασιλεύειν, ἦν δὲ μή, ἀποδοῦναι ὀπίσω ἐς Ἡρακλείδας τὴν ἀρχήν.

XIII. [1] Ele se apoderou do reino e foi confirmado pelo oráculo em Delfos. Como, pois, os lídios consideravam o padecimento de Candolo terrível e estavam armados, foram todos até ele,⁶² tanto os partidários de Giges, quanto o restante dos lídios, para saber se o oráculo ordenaria que ele fosse rei dos lídios e governasse, ou que não, que restituisse de novo o governo aos Heraclidas.

- ἦν μὲν: alternativa

[2] Ἀνεῖλέ τε δὴ τὸ χρηστήριον καὶ ἐβασίλευσε οὕτω Γύγης. Τοσόνδε μέντοι εἶπε ἡ Πυθίη, ὥς Ἡρακλείδῃσι τίσις ἦξει ἐς τὸν πέμπτον ἀπόγονον Γύγεω. Τούτου τοῦ ἔπεος Λυδοὶ τε καὶ οἱ βασιλέες αὐτῶν λόγον οὐδένα ἐποιεῦντο, πρὶν δὴ ἐπετελέσθῃ.

2. Então o oráculo ordenou e dessa forma Giges reinou. Entretanto, a Pítia disse isto: que o castigo viria para os Heráclidas na quinta descendência de Giges. Dessa sentença os lídios e seus reis não fizeram nenhuma menção, antes de ela ser realizada.

- οὕτω: tem eco com o οὕτω do início, em 7.1.
- Τούτου demonstrativo.

⁶² Aqui ele se refere ao oráculo.

XIV. [1] Τὴν μὲν δὴ τυραννίδα οὕτω ἔσχον οἱ Μερμνάδαι τοὺς Ἡρακλείδας ἀπελόμενοι, Γύγης δὲ τυραννεύσας ἀπέπεμψε ἀναθήματα ἐς Δελφοὺς οὐκ ὀλίγα, ἀλλ' ὅσα μὲν ἀργύρου ἀναθήματα, ἔστι οἱ πλεῖστα ἐν Δελφοῖσι, παρέξ δὲ τοῦ ἀργύρου χρυσὸν ἄπλετον ἀνέθηκε ἄλλον τε καὶ τοῦ μάλιστα μνήμην ἄξιον ἔχειν ἐστὶ, κρητῆρές οἱ ἀριθμὸν ἕξ χρύσειοι ἀνακέαται.

XIV. [1] Os Mermnadas, depois de suprimir os Heraclidas, mantiveram dessa forma a tirania, e Giges, enquanto reinava, enviou oferendas a Delfos, e não poucas, mas numerosas oferendas de prata (a maioria está em Delfos), e, além das de prata, ele dedicou também imensurável ouro, e deste é a recordação mais digna que há, uma quantidade de seis crateras de ouro lá depositadas.

- Par /μὲν... δὲ.../: transição e não complementação, segundo Bakker⁶³. Ele sugere que o fechamento com μὲν forma um ponto de partida para algo novo e o δὲ marca uma nova seção temática.
- Novamente menção ao οὕτω, a maneira como se passou a hegemonia. O mesmo οὕτω do início da narração fechando –a.

[2] Ἔσταισι δὲ οὗτοι ἐν τῷ Κορινθίων θησαυρῷ σταθμὸν ἔχοντες τριήκοντα τάλαντα· ἀληθεῖ δὲ λόγῳ χρεωμένῳ οὐ Κορινθίων τοῦ δημοσίου ἐστὶ ὁ θησαυρός, ἀλλὰ Κυψέλου τοῦ Ἡετίωνος. Οὗτος δὲ ὁ Γύγης πρῶτος βαρβάρων τῶν ἡμεῖς ἴδμεν ἐς Δελφοὺς ἀνέθηκε ἀναθήματα μετὰ Μίδην τὸν Γορδίῳ, Φρυγίης βασιλέα.

2. Elas foram postas no tesouro dos Coríntios, possuindo um peso de trinta talentos⁶⁴: usando de palavras verdadeiras, o tesouro não é do povo dos Coríntios, mas de Cipselo, filho de Etíon. Esse Giges foi o primeiro dos bárbaros de que nós sabemos que dedicou oferendas a Delfos, depois de Midas, filho de Górdio, rei da Frígia.

- Οὗτος: demonstrativo enfático.
- τὸν Γορδίῳ: adjunto adnominal enfático

⁶³ BAKKER, p.303

⁶⁴ Cada talento mede mais o menos 26 kg. É uma medida grega.

[3] Ἀνέθηκε γὰρ δὴ καὶ Μίδης τὸν βασιλῆιον θρόνον ἐς τὸν προκατίζων ἐδίκασε, ἔοντα ἀξιοθέητον· κεῖται δὲ ὁ θρόνος οὗτος ἔνθα περ οἱ τοῦ Γύγεω κρητῆρες. Ὁ δὲ χρυσός οὗτος καὶ ὁ ἄργυρος, τὸν ὁ Γύγης ἀνέθηκε, ὑπὸ Δελφῶν καλέεται Γυγάδας ἐπὶ τοῦ ἀναθέντος ἐπωνυμίην.

3. Dedicou também Midas o trono real no qual pronunciava sentenças, sentando-se em público, que era digno de ser contemplado. Esse trono está colocado precisamente ali onde estão as crateras de Giges. Esse ouro e a prata que Giges ofertou são chamados pelos défios como Gigades, a partir da oferta.

- δὲ: enfático.
- ὁ θρόνος οὗτος/χρυσός οὗτος. - Demonstrativo enfático.
- τὸν ὁ Γύγης: pronome relativo.

[4] Ἐσέβαλε μὲν νυν στρατιὴν καὶ οὗτος, ἐπεῖτε ἦρξε, ἐς τε Μίλητον καὶ ἐς Σμύρνην, καὶ Κολοφῶνος τὸ ἄστυ εἶλε· Ἄλλ' οὐδὲν γὰρ μέγα ἀπ' αὐτοῦ ἄλλο ἔργον ἐγένετο βασιλεύσαντος δυῶν δέοντα τεσσαράκοντα ἔτεα,

[4] Então, ele levou o exército também, em seguida o conduziu para Mileto e Esmirna, e tomou a cidade de Colofão: mas nenhum outro grande feito houve enquanto ele reinou trinta e oito anos.

- νυν: já foi exposta no segundo capítulo, a tese de Bakker sobre o uso do νῦν (agora/então), segundo a qual esse termo, se acentuado, se refere ao discurso externo, enquanto νυν sem acento se refere ao discurso interno.
- οὗτος aqui é pronominal.

τοῦτον μὲν παρήσομεν τοσαῦτα ἐπιμνησθέντες, XV. [I] Ἄρδυος δὲ τοῦ Γύγεω μετὰ Γύγην βασιλεύσαντος μνήμην ποιήσομαι. Οὗτος δὲ Πριηνέας τε εἶλε ἐς

Μίλητόν τε ἐσέβαλε· ἐπὶ τούτου τε τυραννεύοντος Σαρδίων Κιμμέριοι ἐξ ἠθέων ὑπὸ Σκυθέων τῶν νομάδων ἐξαναστάντες ἀπίκοντο ἐς τὴν Ἀσίην καὶ Σάρδεις πλὴν τῆς ἀκροπόλιος εἶλον.

Deixaremos este de lado, tendo recordado tais coisas, XV. [1] e conservarei a memória de Ardis, filho de Giges, que reinou depois de Giges. Este tomou os prienes e atacou Mileto, e, durante o tempo que foi governante dos Sárdios, os Cimérios, após serem expulsos de sua terra pelos citas nômades, chegaram à Ásia e tomaram Sardes, com exceção da acrópole.

- ποιήσομαι: verbo no final, enfático. O verbo não está longe nem do sujeito, que está implícito, nem da primeira parte do objeto que o antecede, μνήμην (o núcleo do sintagma), mas está longe do tópico Ἄρδυος.
- Οὗτος: demonstrativo enfático.
- εἶλον: verbo no fim: enfático.

Os fóricos e os dêiticos

Os dêiticos são termos que aludem a outros elementos, estejam eles fora do texto ou dentro dele. A sua denotação dependerá do contexto em que é empregado. Eles podem ser usados para indicar tempo, pessoa, lugar, como também partes de um discurso. Os fóricos só fazem alusão a algum elemento textual. Os fóricos retomam, o dêitico liga, apontando.

O advérbio οὕτω (dessa maneira), é um dos muito usados por Heródoto com uma função relevante, inclusive para demarcar seus temas. Esse termo é usado geralmente como um catafórico⁶⁵, mas, nas *Histórias*, sua função anafórica é constante. Na história de Giges, este termo abre e fecha a narração que visa a demonstrar como a hegemonia passou de uma família a outra. Quer dizer que toda a narrativa sobre Giges, do capítulo 7.2 a 13.2, tem sua função determinada pelo advérbio οὕτω. Depois do fechamento com οὕτω, ele continua a falar de Giges, mas comenta agora as riquezas deixadas por ele, ou seja, fala do período pós-tomada da hegemonia. Percebemos como Heródoto demarca bem suas exposições. Ele fez

⁶⁵ CRESPO, CONTI, MAQUIEIRA, 2003, p.50

questão de iniciar e fechar a mudança da hegemonia com o mesmo termo. Essas demarcações são não só didáticas, deixando sua *apódexis* mais organizada, mas funcionam também como procedimentos mnemônicos, recorrentes na tradição da literatura oral. Vejamos:

A narrativa começa em 7.1: ‘A hegemonia, que era dos Heraclidas, passou para a família de Creso, os chamados Mermnadas, desta maneira’. E, ao final, fecha-se em 14.1: ‘Os Mermnadas, depois de suprimir os Heraclidas, mantiveram dessa forma a tirania’. Em 13.2 há também um eco desse οὕτω - καὶ ἐβασίλευσε οὕτω Γύγης (e assim Gíges reinou) - mas isso, constitui só um eco, pois é o οὕτω de 14.1 que fecha de vez a narrativa da transmissão da hegemonia, pois tal frase tem uma estrutura semelhante à da inicial. Reparemos:

7.1. ἡ δὲ ἡγεμονίη οὕτω περιῆλθε, ἐοῦσα Ἡρακλειδέων ἐς τὸ γένος τὸ Κροίσου, καλεομένους δὲ Μερμνάδας.

14.1. τὴν μὲν δὴ τυραννίδα οὕτω ἔσχον οἱ Μερμνάδαι τοὺς Ἡρακλείδας ἀπελόμενοι

A mudança de termo para se referir à soberania (ἡγεμονίη/τυραννίδα) demonstra a visão que o historiador tinha do caso. A primeira é uma soberania legítima. A outra não, é uma tirania. Ademais ἡγεμονίη está na posição de sujeito, enquanto τυραννίδα na de objeto, reforçando a ideia da tomada pela força, o que é muito significativo. A inversão, na frase, dos vocábulos que se referem às famílias, alude à troca da soberania e nos lembra a ideia herodotiana das vicissitudes humanas. Os Heraclidas, que começaram grandes nesse *lógos*, com a soberania, terminaram pequenos. O inverso ocorre com os Mermnadas. O verbo περιῆλθε usado para designar a mudança de hegemonia de uma família para a outra é muito significativo. O prefixo do verbo carrega o aspecto de volta, círculo, carregando o sentido de movimento contínuo, pertinente à ideia da instabilidade humana. Afinal, “a sorte dos homens está numa roda, que no seu giro não permite que o mesmo homem seja sempre bem-sucedido”⁶⁶

Com οὕτω e com o relato detalhado dos fatos da história, ele quer de fato demonstrar, não só mencionar, como faz em 7.3-4:

⁶⁶ Heródoto, Histórias, Livro I, 207.2

[3] οἱ δὲ πρότερον Ἄγωνος βασιλεύσαντες ταύτης τῆς χώρας ἦσαν ἀπόγονοὶ Λυδοῦ τοῦ Ἄτυος, ἀπ’ οὗτος ὁ δῆμος Λύδιος ἐκλήθη ὁ πᾶς οὗτος, πρότερον Μηίων καλεόμενος. [4] παρὰ τούτων Ἡρακλεῖδαι ἐπιτραφέντες ἔσχον τὴν ἀρχὴν ἐκ θεοπροπίου,	3. Antes de Ágron, os governantes dessa região eram descendentes de Lido, filho de Átis, a partir do qual o povo lídio foi todo ele nomeado, antes sendo chamado de Meio. 4. Da parte destes os Heraclidas tendo recebido o poder, obtiveram o governo, <u>a partir de uma profecia.</u>
---	---

Sem artigo, ἐκ θεοπροπίου tem sentido indeterminado. De fato, essa profecia não é explicitada. Tem paralelo com οὗτω, é a maneira como a hegemonia passa de uma família a outra. No caso de οὗτω, ele faz a demonstração com a história de Giges. Neste caso, a passagem da hegemonia se dá por causa de uma profecia que não é mencionada, como também não o são os detalhes relativos a ela.

O pronome οὗτος, no exemplo abaixo, é um tanto complicado. No campo semântico podemos ver que ele tem, ao mesmo tempo, uma função catafórica e outra anafórica.

7.4 ... παῖς παρὰ πατρός ἐκδεκόμενος τὴν ἀρχήν, μέχρι Κανδαύλεω τοῦ Μύρσου. 8.1 Οὗτος δὲ ὢν ὁ Κανδαύλης ἠράσθη τῆς ἐωυτοῦ γυναικός, ἐρασθεὶς δὲ ἐνόμιζέ οἱ εἶναι γυναῖκα πολλὸν πασέων καλλίστην.	7.4 ... filho de pai recebendo o governo, até Candolo, filho de Mirso. 8.1 Então este Candolo que era apaixonado pela sua mulher, porque era apaixonado considerava que sua mulher era a mais bela de todas.
--	---

Οὗτος concorda gramaticalmente com Κανδαύλης, que o segue. Mas refere-se, pelo sentido, a Κανδαύλεω, que está na frase anterior. Este οὗτος é um reforço, pois somente ‘ele’ ou ‘Κανδαύλης’ seria suficiente para designar o sujeito da frase. Ou seja, é como se Heródoto quisesse dizer: ‘este Candolo, do qual falávamos agora há pouco, e não outro, é o mesmo da história a seguir’. Estes procedimentos ajudam a guardar na memória do público tantos personagens e tantos relatos.

Há outros exemplos de οὔτος com função fórica semelhante. Vejamos.

- 8.1. ‘τούτῳ [οὔτος declinado no dativo] τῷ Γύγῃ καὶ τὰ σπουδαιότερα τῶν πρηγμάτων ὑπερετίθετο ὁ Κανδαύλης’ (a esse Giges Candolo confiava os mais sérios dos assuntos)
- 14.2. ‘οὔτος δὲ ὁ Γύγης πρῶτος βαρβάρων τῶν ἡμεῖς ἴδμεν’ (Esse Giges foi o primeiro dos bárbaros que nós sabemos)
- 14.3. ‘κέῖται δὲ ὁ θρόνος οὔτος ἔνθα περ οἱ τοῦ Γύγεω κρητῆρες. ὁ δὲ χρυσὸς οὔτος καὶ ὁ ἄργυρος τὸν ὁ Γύγης ἀνέθηκε’ (Esse trono está colocado precisamente ali onde estão as crateras de Giges. Esse ouro e a prata que Giges ofertou)

Οὔτος, geralmente, em um enunciado comum, situa o que está perto, enquanto ἐκεῖνος designa uma terceira pessoa ou o que não se encontra presente. Este último aparece no *lógos* de Giges somente nas falas dos personagens, com uma única exceção, em 12. 1. Todavia, no nível do discurso, ou seja, enquanto elemento de organização textual, οὔτος refere-se a algo dito antes, sendo portanto um anafórico, e opõe-se a ὅδε, que é um catafórico. Contra esse pano de fundo dos usos comuns, vemos como Heródoto adota procedimentos que lhe são próprios.

O demonstrativo também é usado na função de objeto direto para demarcar a fala de um personagem em ordem direta. Se fosse um discurso em ordem indireta, ao invés desse dêitico já haveria o que é dito. Ele também constrói uma expectativa para a audiência, pois produz uma pausa entre o anúncio de que algo será dito e o dito, demarcando também o fim do narrado e o começo da fala direta. Eis alguns exemplos:

8. 2. [Κανδαύλης] ἔλεγε πρὸς τὸν Γύγην τοιάδε: «Γύγη, οὐ γὰρ σε δοκέω πείθεσθαι μοι λέγοντι περὶ τοῦ εἶδος τῆς γυναικός (ὥτα γὰρ τυγχάνει ἀνθρώποισι ἐόντα ἀπιστότερα ὀφθαλμῶν), ποίει ὅκως ἐκείνην θεήσεται γυμνήν.» ([Candolo] disse a Giges isto: “Giges, com efeito eu suponho que tu não te convences com o que eu digo sobre a aparência da minha mulher - pois os ouvidos são, para os homens, menos confiáveis do que os olhos. Age de modo que a observarás nua”.)

Aqui τοιάδε tem a função de chamar a atenção, é como se fosse: ‘disse a Gíges tais coisas (prestem atenção!)’. Este tipo de fórico é um reforço, visto que, como a fala do personagem se encontra logo a seguir, bastaria que o historiador dissesse: ‘disse a Gíges: - Gíges, com efeito...’. Crespo ressalta a contribuição desse pronome, nessa posição, para a coerência do discurso.

8.4. πάλαι δὲ τὰ καλὰ ἀνθρώποισι ἐξεύρηται, ἐκ τῶν μανθάνειν δεῖ· ἐν τοῖσι ἐν τόδε ἐ , σκοπέειν τινὰ τὰ ἐωυτοῦ. (Há muito tempo belas coisas foram inventadas pelos homens, a partir das quais é preciso aprender: dentre elas, uma é esta: examinar algo seu.)

9.1-3. ὁ δ’ ἀμείβετο τοῖσιδε. «θάρσее, Γύγη ... μὴ σε ὄψεται ἰόντα διὰ θυρέων.» (Mas Candolo replicou a isso: “Tem coragem, Gíges, (...) ela não te observará quando saíres dali pela porta.”)

11.2. ἔλεγε ἡ γυνὴ τάδε. «νῦν τοί δυὼν ὁδῶν παρεουσέων Γύγη δίδωμί αἵρεσιν, ὁκοτέρην βούλει τραπέσθαι ... ἢ σε τὸν ἐμὲ γυμνὴν θεησάμενον καὶ ποιήσαντα οὐ νομιζόμενα.» (a mulher disse isto: “Agora Gíges eu te dou uma escolha dentre os dois caminhos que te serão apresentados, para onde tu queiras voltar-te: (...) ou tu que me observaste nua e agiste contra os costumes...”)

11.4. ἐπειρώτα δὴ λέγων τάδε. «ἐπεὶ με ἀναγκάζεις δεσπότεα τὸν ἐμὸν κτείνειν οὐκ ἐθέλοντα, φέρε ἀκούσω τέω καὶ τρόπῳ ἐπιχειρήσομεν αὐτῷ.» (E perguntou dizendo isto: “Já que tu me obrigas a matar meu senhor, mesmo eu não querendo, vamos, eu ouvirei a tua maneira de o atacarmos.”)

Em 8.4, τόδε não demarca a fala de um personagem, mas se refere à assertiva seguinte e funciona como mecanismo didático, ou seja, organizador do discurso, deixando a história mais clara para quem ouve ou lê, além de reforçar e chamar a atenção para o que vai ser dito, já que uma construção sem esse pronome seria possível, como por exemplo: ἐν τοῖσι ἐν ἐ εἶν τινὰ τὰ ἐωυτοῦ. Os trechos 11.2 e 11.4 são semelhantes a 8.2.

Com funções próximas a esse τόδε de 8.4, temos 9.1, em que οὕτω se refere ao plano de Candolo, o qual ele vai expor, e logo depois, constitui o narrado em 9.2-3. Vejamos:

9.1. ἀρχὴν γὰρ ἐγὼ μηχανήσομαι οὕτω ὥστε μηδέ μαθεῖν μιν ὀφθεῖσαν ὑπὸ σεῦ. 2 ἐγὼ γὰρ σε ἐς τὸ οἶκημα ... σοὶ μελέτω τὸ ἐνθεῦτεν ὅκως μὴ σε ὄψεται ἰόντα διὰ

θυρέων.» (Primeiro eu prepararei tudo desta forma de modo que ela não saiba que foi vista por ti. 2. Eu te colocarei, pois, no dormitório (...) de modo que ela não te observará quando saíres dali pela porta)

Em 8.1 o ὥστε anafórico irá comparar o que foi dito antes - a paixão de Candolo - com o que será dito em seguida - as outras considerações - colocando-as no mesmo nível.

As repetições

As repetições podem ter o objetivo de enfatizar alguma palavra ou expressão ou mesmo de fixá-las, podendo constituir procedimentos mnemônicos. Elas podem ter funções estilísticas, mas também funcionais, ou seja, podem ser um auxílio à memorização. Denniston comenta que, quando um vocábulo é repetido em um curto espaço, pode constituir uma palavra-chave. As repetições de ações e de imagens são características também da épica. Em 12.1, /κατακρύπτει ὑπὸ τὴν αὐτὴν θύρην/ (ele se esconde atrás da mesma porta), o termo que designa a porta como ‘mesma’ é uma referência não só à mesma porta atrás da qual Gíges se escondeu anteriormente, como nos remete ao mesmo tipo de plano, que foi bem parecido. Ou seja, a rainha quis usar contra Candolo algo parecido com o que ele mesmo elaborou. Inclusive, esse plano, executado por Gíges, é repetido de várias formas; primeiro, quando Candolo o instrui no capítulo nove; em seguida, quando Gíges executa o plano pela primeira vez, no capítulo seguinte; e, finalmente, quando ele o executa pela segunda vez, no capítulo doze. Essa repetição de ações é típica da narrativa épica. Há outro detalhe que ajuda a solidificar o padrão na narrativa de Gíges. Ele tenta escapar da persuasão tanto de Candolo quanto da rainha, e, ao desistir, ele resolve ouvir como será o plano, nas duas vezes. Seriam fórmulas, como na épica?

Em 9.1 temos a repetição quase idêntica de uma oração subordinada objetiva direta:

9.1 ἄρρωδέων μὴ τί οἱ ἐξ αὐτῶν γένηται κακόν, ὃ δ' ἀμείβετο τοῖσιδε. «θάρσее, Γύγη, καὶ μὴ φοβεῦ μήτε ἐμέ,	9.1 receando <u>que algo ruim lhe adviesse delas</u> . Mas Candolo replicou a isto: “Tem coragem, Gíges, e não temas nem a mim,
--	---

ὥς σέο πειρώμενος λέγω λόγον τόνδε, μήτε γυναῖκα τὴν ἐμήν, <u>μὴ τί τοι ἐξ αὐτῆς γένηται βλάβος</u>	como se fosse te testando que dissesse o que digo, nem a minha mulher, <u>que algum prejuízo surja dela para ti</u>
--	--

Em 8.1, /οὗτος δὴ ὧν ὁ Κανδαύλης ἡράσθη τῆς ἐωυτοῦ γυναικός, ἐρασθεῖς/, a ênfase na paixão de Candolo por sua mulher é clara, com a repetição do verbo ἐράω. Este procedimento intensifica ainda mais a paixão, que será o ponto de partida para os acontecimentos que se seguirão. O vocábulo γυνή, em suas várias formas, é repetido várias vezes nesse *lógos*, principalmente quando, no capítulo oito, se fala da beleza dela, que é a razão de Candolo elaborar um plano insensato, e, depois, no capítulo dez, quando Gíges a vê nua.

Outra repetição que vale a pena ser comentada está no episódio da escolha que Gíges tem de fazer. As duas opções propostas pela rainha são repetidas quatro vezes. É um destaque no conflito de Gíges. Vejamos:

11.2. ‘νῦν τοί δυῶν ὁδῶν παρεουσέων Γύγη δίδωμί αἵρεσιν, ὅκοτέρην βούλει τραπέσθαι. ἢ γὰρ Κανδαύλεα ἀποκτείνας ἐμέ τε καὶ τὴν βασιληίην ἔχε τὴν Λυδῶν, ἢ αὐτόν σε αὐτίκα οὕτω ἀποθνήσκειν δεῖ’ (Agora Gíges eu te dou uma escolha dentre os dois caminhos que te serão apresentados, para onde tu queiras voltar-te: pois ou tu matas Candolo e possuis tanto a mim quanto ao reino dos lídios, ou é necessário que ele te mate imediatamente)

11.3. ‘ἀλλ’ ἦτοι κεῖνόν γε τὸν ταῦτα βουλευσάντα δεῖ ἀπόλλυσθαι, ἢ σε τὸν ἐμὲ γυμνὴν θεησάμενον’ (Mas, certamente, é necessário que aquele que planejou tudo isso seja morto, ou tu que me observaste nua)

11.4. ‘ἀλλ’ ὥρα ἀναγκαίην ἀληθέως προκειμένην ἢ τὸν δεσπότεα ἀπολλύναι ἢ αὐτὸν ὑπ’ ἄλλων ἀπόλλυσθαι’ (mas verdadeiramente viu estabelecida a necessidade de ou matar o seu senhor ou ser morto por outros).

12.1. ‘ἀλλ’ ἔδεε ἢ αὐτὸν ἀπολωλέναι ἢ Κανδαύλεα’ (mas era preciso ou ele morrer ou Candolo)

Na história de Gíges, as falas dos personagens são apresentadas em ordem direta, o que nos dá a sensação de estarmos diante de uma cena. Logo no início, em 8.2, a observação da necessidade de Candolo acabar de modo ruim cria uma tensão que vai aumentando no decorrer do relato e tem seu ápice no conflito cerrado de Gíges. Ele é obrigado a obedecer Candolo em um ato imprudente e, depois, a escolher entre duas opções, quaisquer das quais o tornariam um homem injusto. Além disso, no trecho 11.2 – 12.1, em que a rainha apresenta as duas escolhas, há uma grande recorrência do verbo δέω, ‘ter necessidade de’, e de termos afins, como χρῆν, ἀναγκαίη e o verbo correspondente, como destacado abaixo. Devemos lembrar que a Necessidade (ἀνάγκη) era típica da tragédia grega, o que provoca efeitos característicos do teatro.

8.2. χρῆν γὰρ Κανδαύλῃ γενέσθαι κακῶς (pois era necessário a Candolo ser destronado desgrazadamente).

11.2 – 12.1. ἡ γὰρ Κανδαύλῃν ἀποκτείνας ἐμέ τε καὶ τὴν βασιλῆην ἔχε τὴν Λυδῶν, ἡ αὐτόν σε αὐτίκα οὕτω ἀποθνήσκειν δεῖ, ὥς ἂν μὴ πάντα πειθόμενος Κανδαύλῃ τοῦ λοιποῦ ἴδῃς τὰ μὴ σε δεῖ. [3] Ἀλλ’ ἦτοι κεῖνόν γε τὸν ταῦτα βουλευσάντα δεῖ ἀπόλλυσθαι ἢ σὲ τὸν ἐμὲ γυμνὴν θεησάμενον καὶ ποιήσαντα οὐ νομιζόμενα.» Ὁ δὲ Γύγης τέως μὲν ἀπεθώμαζε τὰ λεγόμενα, μετὰ δὲ ἰκέτευε μὴ μιν ἀναγκαίῃ ἐνδέειν διακρίναι τοιαύτην αἵρεσιν. [4] Οὐκ ὦν δὴ ἔπειθε, ἀλλ’ ὥρα ἀναγκαίην ἀληθέως προκειμένην ἢ τὸν δεσπότην ἀπολλύναι ἢ αὐτὸν ὑπ’ ἄλλων ἀπόλλυσθαι· αἰρέεται αὐτὸς περιεῖναι. Ἐπειρώτα δὴ λέγων τάδε· «Ἐπεὶ με ἀναγκάζεις δεσπότην τὸν ἐμὸν κτείνειν	11.2 – 12.1 pois ou tu matas Candolo e possuis tanto a mim quanto ao reino dos lídios, ou é <u>necessário</u> que ele te mate imediatamente, para que não sendo convencido de tudo por Candolo no resto do tempo, vejas coisas que não te são <u>necessárias</u> . 3 Mas, certamente, é <u>necessário</u> que aquele que planejou tudo isso seja morto, ou tu que me observaste nua e agiste contra os costumes.” Gíges, entretanto, pensou nas coisas ditas e depois suplicou a ela que não o <u>obrigasse da necessidade</u> de fazer tal opção. 4 De modo algum ele a convenceu, mas verdadeiramente viu estabelecida a necessidade de ou matar o seu senhor ou ser morto por outros: ele prefere sobreviver. E perguntou dizendo isto: “Já
---	--

οὐκ ἐθέλοντα, φέρε ἀκούσω, τέω καὶ τρόπῳ ἐπιχειρήσομεν αὐτῷ.» [5] Ἡ δὲ ὑπολαβοῦσα ἔφη· «Ἐκ τοῦ αὐτοῦ μὲν χωρίου ἡ ὁρμὴ ἔσται ὅθεν περ καὶ ἐκεῖνος ἐμέ ἐπεδέξατο γυμνήν, ὑπνωμένῳ δὲ ἡ ἐπιχείρησις ἔσται.» 12.1 Ὡς δὲ ἤρτυσαν τὴν ἐπιβουλήν, νυκτὸς γενομένης (οὐ γὰρ ἐμετίετο ὁ Γύγης, οὐδέ οἱ ἦν ἀπαλλαγὴ οὐδεμία, ἀλλ’ ἔδεε ἢ αὐτὸν ἀπολωλέναι ἢ Κανδαύλην)	que tu me <u>obrigas</u> a matar meu senhor, mesmo eu não querendo, vamos, eu ouvirei a tua maneira de o atacarmos.” 5 Ela, retrucando, disse: “O ataque será certamente do mesmo lugar em que ele me exibiu nua, quando ele estiver adormecido.” 12.1 Assim que prepararam o plano, chegada a noite (pois Gíges não o abandonou, nem havia nenhuma saída para ele, mas era preciso ou ele próprio morrer ou Candolo)
---	---

As comparações

Outro recurso muito usado por Heródoto é o da comparação. No capítulo 8 há uma grande recorrência de comparações, colocando em paralelo Gíges e a rainha:

8.1. ἐρασθεὶς δὲ ἐνόμιζέ οἱ εἶναι γυναῖκα <u>πολλὸν πασέων καλλίστην</u> . ὥστε δὲ ταῦτα νομίζων, ἦν γὰρ οἱ τῶν <u>αἰχμοφόρων Γύγης ὁ Δασκύλου</u> <u>ἄρεσκόμενος μάλιστα</u> , τούτῳ τῷ Γύγῃ καὶ τὰ σπουδαιότερα τῶν πρηγμάτων ὑπερετίθετο ὁ Κανδαύλης καὶ δὴ καὶ τὸ <u>εἶδος τῆς γυναικὸς ὑπερεπαινέων</u> .	8.1 porque era apaixonado considerava que sua mulher era <u>a mais bela de todas</u> . <u>Como</u> considerava tais coisas, e, <u>dos</u> <u>guardas, Gíges, filho de Dascilo, lhe era o</u> <u>mais agradável</u> , a este Gíges Candolo confiava <u>os mais sérios dos assuntos</u> e, além disso, a <u>aparência da sua mulher</u> elogiava acima da medida.
---	--

Primeiro, temos um superlativo relativo de superioridade: ‘mulher mais bela de todas’, referindo-se à beleza da rainha; e, em seguida, um comparativo também de superioridade: ‘Gíges o mais agradável dos guardas’. ὥστε parece estar sugerindo ainda uma comparação de igualdade, pondo no mesmo nível a situação de Gíges e da rainha. Quer dizer, ‘do mesmo modo que’ (ὥστε), para Candolo, sua mulher era a mais bela, o seu guarda era o

mais confiável. Não é à toa que, para este mesmo Gíges, Candolo entregava os assuntos mais sérios (τὰ σπουδαιέστερα τῶν πραγμάτων – superlativo de superioridade). Afinal, as coisas mais sérias devem estar nas mãos do mais confiável. Destes assuntos sérios faz parte também a beleza da rainha, que o narrador inclui nessa esfera. Essa ideia concretiza-se posteriormente quando Candolo permite que Gíges veja a sua mulher nua. Nota-se que, com καὶ δὴ καὶ, estão postos no mesmo nível sintático τὰ σπουδαιέστερα τῶν πραγμάτων e εἶδος τῆς γυναικὸς. Afinal, o exterior de uma mulher deve ser reservado ao seu marido.

Temos um comparativo de superioridade em 8.2: /ᾧτα γὰρ τυγχάνει ἀνθρώποισι ἐόντα ἀπιστότερα ὀφθαλμῶν/ (pois os ouvidos são, para os homens, menos confiáveis do que os olhos), onde um dos termos postos em relação inicia a frase (os ouvidos), enquanto o outro finaliza (os olhos).

Logo a seguir, em 8.3, temos uma analogia feita pelo personagem Gíges. Para ele, despir a roupa é o mesmo que se desfazer do pudor. Inclusive, ele usa dois verbos com o mesmo radical: ἅμα δὲ κιθῶνι ἐκδυομένῳ συνεκδύεται καὶ τὴν αἰδῶ γυνή.

Por fim, em 8.4, encontra-se novamente o superlativo relativo como no início: /ἐκείνην εἶναι πασέων γυναικῶν καλλίστην/ (aquela é a mais bela de todas as mulheres).

Todas essas comparações estão presentes no capítulo 8, a sua proximidade as deixando mais realçadas.

Em 11.1, podemos notar que, do mesmo modo que Candolo tinha Gíges como o mais confiável dos guardas, a rainha também tinha um serviçal mais fiel. /τῶν οἰκετέων τοὺς μάλιστα ὥρα πιστοὺς ἐόντας ἐωυτῇ/ (buscou os que eram mais fiéis de seus serviçais).

A voz do narrador

Não raro Heródoto faz comentários ao longo do seu texto, estes sendo mais do que parecem à primeira vista. Logo no início do *lógos*, tendo como tema a hegemonia, um fato passado, há conseqüentemente verbos no imperfeito e aoristo nas orações principais, com muitos participios nas subordinadas. Em 7.2, há a inserção de um verbo no presente que constitui um comentário da parte do narrador a um conhecimento partilhado por ele.

ἦν Κανδαύλης, τὸν οἱ Ἕλληνες Μυρσίλον ὀνομάζουσι, τύραννος Σαρδίων,	Era Candolo - <u>este os helenos nomeiam</u> <u>Mirsilo</u> - tirano de Sardes,
---	--

Os comentários herodotianos não são inseridos no texto gratuitamente, o que se reproduz acima destinando-se aos os helenos, visto que são eles o público que Heródoto visava.

No capítulo 12.1 há mais um comentário de Heródoto. Os verbos encontram-se no indicativo passado, reconhecendo-se assim a voz do narrador. Mas a narração que se segue também apresenta verbos no passado. Percebemos, no entanto, que se trata de um comentário herodotiano pois tal assertiva está fora da sequência de ações. Repare-se que há uma quebra nessa sucessão. Sem tal comentário, que se encontra destacado abaixo, a narração não perderia seu fio condutor.

ὥς δὲ ἤρτυσαν τὴν ἐπιβουλήν, νυκτὸς γενομένης (οὐ γὰρ ἐμετίετο ὁ Γύγης, οὐδέ οἱ ἦν ἀπαλλαγὴ οὐδεμία, ἀλλ' ἔδεε ἢ αὐτὸν ἀπολωλέναι ἢ Κανδαύλεα) εἶπετο ἐς τὸν θάλαμον τῇ γυναικί,	Assim que prepararam o plano, chegada a noite (pois Gíges não o abandonou, <u>nem</u> <u>havia nenhuma saída para ele, mas era</u> <u>preciso ou ele morrer ou Candolo</u>), ele seguiu a mulher até o quarto,
---	---

Neste comentário, Heródoto realça a ausência de possibilidade de escolha da parte de Gíges, o que pode dever-se à rainha ou até mesmo ao destino. Ele também faz questão de reforçar a necessidade de um dos dois morrerem, ao repetir as duas escolhas pela quarta vez na narração. O primeiro comentário sobre a necessidade de Candolo morrer, em 8.2, pode pretender adiantar a necessidade imposta posteriormente pela rainha.

Em 14.1., há um comentário no meio de uma sequência narrativa com verbos no aoristo do indicativo, referentes ao passado. A assertiva, com verbo no presente, constitui a observação de uma realidade atual para o narrador:

Γύγης δὲ τυραννέουσας ἀπέπεμψε ἀναθήματα ἐς Δελφοὺς οὐκ ὀλίγα, ἀλλ'	e Gíges, enquanto reinava, enviou oferendas a Delfos, e não poucas, mas
--	--

ὅσα μὲν ἀργύρου ἀναθήματα, (ἔστι οἱ πλεῖστα ἐν Δελφοῖσι), πάρεξ δὲ τοῦ ἀργύρου χρυσὸν ἄπλετον ἀνέθηκε ἄλλον τε καὶ τοῦ μάλιστα μνήμην ἄξιον ἔχειν ἐστί, κρητῆρες οἱ ἀριθμὸν ἔξ χρύσειοι ἀνακέαται... ὁ δὲ χρυσὸς οὗτος καὶ ὁ ἀργυρὸς τὸν ὁ Γύγης ἀνέθηκε, ὑπὸ Δελφῶν καλεῖται Γυγάδας ἐπὶ τοῦ ἀναθέντος ἐπωνυμίην. [4] ἐσέβαλε μὲν νυν στρατιὴν καὶ οὗτος ἐπείτε ἦρξε ἔς τε Μίλητον καὶ ἔς Σμύρνην, καὶ Κολοφῶνος τὸ ἄστυ εἴλε·	numerosas oferendas de prata (<u>a maioria está em Delfos</u>), e, além das de prata, ele dedicou também imensurável ouro, <i>e deste é a recordação mais digna que há, uma quantidade de seis crateras de ouro lá depositadas... Esse ouro e a prata que Giges ofertou são chamados pelos délfios de Gigades, a partir da oferta.</i> 4 Então, ele levou o exército também e, em seguida, o conduziu para Mileto e Esmirna, e tomou a cidade de Colofão:
--	--

Após ‘ele dedicou também imensurável ouro’, há, nessa sucessão, uma predominância de verbos no perfeito e no presente. Daí em diante, até o fim da seção 3, temos um comentário, mas de natureza diversa dos vistos até o momento. Os comentários anteriores tinham o aspecto de notas explicativas, esclarecedoras e até interpretativas. Mas este comentário sobre as ofertas de Giges, de 14.1 – 14.3, são declarações feitas livremente sobre uma realidade atual, lembrando que o perfeito na língua grega carrega o resultado no presente de uma ação realizada ou começada no passado. Afinal, Heródoto finalizara a narrativa da mudança de hegemonia com οὕτω no começo de 14.1.

No caso abaixo, a assertiva pode ser de conhecimento do senso comum ou pode ser uma referência à obrigação imposta pela rainha. Além disso, a oração está fora da linha de ações. Esse comentário antecipa de algum modo os acontecimentos posteriores e contribui para o aumento da expectativa e o crescimento da tensão da história. Para Danzing, esse é um exemplo inegável da contribuição pessoal de Heródoto para a história de Giges⁶⁷. Por que Candolo estava fadado ao infortúnio? Os Heraclidas recebem o poder a partir de uma profecia, do mesmo modo os Mermnadas a perderão também, com Creso, por causa da profecia. Seria essa necessidade de Candolo morrer uma referência a uma profecia da perda do poder dos Heraclidas?

⁶⁷ DANZING, 2008, p.171

χρόνου δὲ οὐ πολλοῦ διελθόντος (χρῆν γὰρ Κανδαύλη γενέσθαι κακῶς) ἔλεγε πρὸς τὸν Γύγην τοιάδε.	Não tendo passado muito tempo (<u>pois era necessário a Candolo ser destronado <u>desgraçadamente</u></u>), disse a Gíges isto:
--	---

Em 10.3, Heródoto faz um comentário explicativo. Ele está fora da linha sequencial e o verbo principal se usa no presente, indicando então uma realidade coetânea.

παρὰ γὰρ τοῖσι Λυδοῖσι, σχεδὸν δὲ καὶ παρὰ τοῖσι ἄλλοισι βαρβάροις καὶ ἄνδρα ὀφθῆναι γυμνὸν ἐς αἰσχύνην μεγάλην φέρει.	Com efeito, entre os lídios, e também entre quase todos os bárbaros, constitui uma grande desonra um homem ser visto nu.
--	--

Em 8.3, a declaração ‘pois os ouvidos são, para os homens, menos confiáveis do que os olhos’, geralmente destacada pelos intérpretes, é um comentário de Candolo, pois está inserida dentro de sua fala, justificando sua ação. Ela não está fora da assertiva e nem da sequência de ações. Essa fala de Candolo faz lembrar e contrasta com a atitude de Alexandre, como exposto no prólogo, em que ele se deixou persuadir pelas coisas que ouviu dizer. Com efeito, Alexandre é convencido (ἐπιστάμενον) pelo que ouviu (ἀκηκοότα). Em 3,153 vemos outra referência à superioridade da visão: “A princípio ele se mostrou incrédulo diante da notícia, mas, depois de ver a cria com seus próprios olhos, proibiu as testemunhas do fato de o revelarem a qualquer pessoa”.

Em 11.4, Heródoto mais uma vez quis repetir, enfatizando as duas escolhas que Gíges teria de fazer, expressas no infinitivo, remetendo tais palavras/escolhas a um terceiro, no caso a rainha. Esta parte seria desnecessária para o entendimento da ação, pois logo a seguir a fala de Gíges revela sua escolha. Ao mesmo tempo em que o narrador adianta os acontecimentos, ele enfatiza o conflito cerrado de Gíges, ao repetir pela terceira vez as duas opções que ele tinha. A expressão ‘ele prefere sobreviver’ parece um eufemismo para a real escolha, ou seja, matar seu rei.

οὐκων δὴ ἔπειθε, ἀλλ' ὥρα ἀναγκαίην ἀληθέως προκειμένην ἢ τὸν δεσπότεα ἀπολλύναι ἢ αὐτὸν ὑπ' ἄλλων ἀπόλλυσθαι· αἰρέεται αὐτὸς περιεῖναι.	De modo algum a convenceu, mas verdadeiramente viu estabelecida a necessidade de ou matar o seu senhor ou ser morto por outros: ele prefere sobreviver.
--	---

A alternância entre imperfeito e aoristo, na maior parte do *lógos*, não é casual. O imperfeito é usado mais em verbos que indicam estados ou até atividade mental. O aoristo em ações mais pontuais. Mas não é assim genericamente até o fim do *lógos*. Pode-se inferir, ao analisar-se a narrativa, que o imperfeito, com seu aspecto durativo, é usado nas ações que são mais relevantes para a narrativa. Tais ações tendem a se estender mais na mente do leitor do que aquelas referidas no aoristo.

Mudanças de cena

Vejamos as expressões que não estão dentro da linha sequencial, são subordinadas, mas ajudam a mover o tempo da narrativa e permitir que o enredo avance. Em 8.2 aparece a primeira expressão temporal ‘não tendo passado muito tempo’. Essa propicia o ponto de partida para o relato, que até então se caracterizava pela exposição da situação. Em relação às cenas, não são só os discursos diretos, as falas dos personagens que criam esse efeito dramático, mas também algumas expressões adverbiais de tempo e lugar que, por exemplo, mudam o quadro da cena, proporcionando o avanço da sequência de ações. Ainda assim, os discursos diretos em Heródoto serviriam para expressar fidedignamente as palavras de determinado personagem ou a intenção é somente criar um efeito dramático?

A próxima subordinada temporal está em 10.1 ‘quando considerou ser a hora de dormir’. Essa distancia o momento do diálogo de Candolo e Giges da hora em que eles põem o plano em prática, a saber, durante a noite, quando o primeiro conduz o último para o dormitório. Logo depois, a expressão /‘μετὰ ταῦτα’/ seguida do advérbio /αὐτίκα/ também propicia o avanço do enredo. Apesar de não ser uma subordinada, o ταῦτα remete à oração anterior ‘ὁ δὲ Κανδαύλης... ἤγαγε τὸν Γύγεα ἐς τὸ οἶκημα’.

A subordinada ἐσελθοῦσαν em 11.1 serve para auxiliar nesse avanço sequencial, visto que a ação da rainha, ao entrar no quarto, já havia sido mencionada. Outra expressão temporal aparece para mover o tempo da narrativa. ‘Tão logo o dia chegou’ também avança um dia no enredo. Em 11.2, ‘depois que Giges chegou’, também consiste em mudança de cena. Outro deslocamento de cena vemos em 12.1, ‘Assim que prepararam o plano, chegada a noite’. Em 12.2, há duas expressões temporais que contribuem para o avanço da narrativa, /μετὰ ταῦτα/, em que o ταῦτα retoma as ações anteriores, e a subordinada ‘depois de o matar’ finalizando as execuções dos planos.

Se conselho fosse bom..

O diálogo de Candolo e Giges nos capítulos 8 e 9 será um padrão recorrente na obra. Giges era uma guarda a quem Candolo, seu rei, confiava os assuntos sérios. Além de ser um guarda de confiança, o decorrer do relato mostra que ele era também um empregado especial, pois tinha a regalia de ter tempo livre para ser o confidente do rei. Afinal, Candolo conversava com ele sobre a beleza de sua mulher, como que em uma conversa informal e privada.

Candolo é o rei insensato, que não mede as consequências e não tem medo das coisas ruins. A soberba é característica dele, como dos outros reis, visto que, por ser rei, ele acha que pode passar por cima de qualquer coisa, inclusive de velhos e bons costumes, só para satisfazer seus caprichos. Giges aparece como um guarda sensato, pelo menos em um primeiro momento. Ao proferir sentenças com teor gnômico, ele lembra os típicos conselheiros dos reis. Como exemplos, temos o diálogo entre Creso e Sólon, Xerxes e Artábano, Cambises e Creso, bem como Otanes também desempenha esse papel diante dos outros persas. O conselheiro, nas *Histórias*, tem um papel narrativo importante. A sua presença e de seus conselhos ajudam na construção de alguns artifícios, por exemplo, eles apontam as possibilidades pelas quais a narrativa pode se enveredar, dependendo da decisão do rei. Eles ajudam a construir a tensão, pois levantam para o leitor a possibilidade de algo dar errado e intensificam a expectativa de saber como o rei agirá. Vejamos o diálogo:

[Κανδαύλης] ἔλεγε πρὸς τὸν Γύγην τοιάδε. «Γύγη, οὐ γὰρ σε δοκέω πείθεσθαι μοι λέγοντι περὶ τοῦ εἶδους τῆς γυναικός... ποίεε ὅκως ἐκείνην θεήσεαι γυμνήν.» ὁ δ' ἀμβώσας εἶπε «δέσποτα, τίνα λέγεις λόγον οὐκ ὑγιά, κελεύων με δέσποιναν τὴν ἐμὴν θεήσασθαι γυμνήν; ἅμα δὲ κιθῶνι ἐκδυομένῳ συνεκδύεται καὶ τὴν αἰδῶ γυνή. [4] πάλαι δὲ τὰ καλὰ ἀνθρώποισι ἐξεύρηται, ἐκ τῶν μανθάνειν δεῖ· ἐν τοῖσι ἐν τόδε ἐ , σκοπέειν τινὰ τὰ ἔωυτοῦ. ἐγὼ δὲ πείθομαι ἐκείνην εἶναι πασέων γυναικῶν καλλίστην, καὶ σέο δέομαι μὴ δέεσθαι ἀνόμων.»	[Candolo] disse a Giges isto: “Giges, com efeito eu suponho que tu não te convences com o que eu digo sobre a aparência da minha mulher... Age de modo que a observarás nua”. Aquele, clamando, disse: “Senhor, o que tu falas não é uma idéia sã, ao ordenar que eu observe minha senhora nua. Ao mesmo tempo em que despe a roupa, a mulher se despe também do pudor. 4. Há muito tempo belas coisas foram inventadas pelos homens, a partir das quais é preciso aprender: dentre elas, uma é esta: examinar algo seu. Eu estou convencido de que aquela é a mais bela de todas as mulheres, e te peço que não ordenes coisas contra os costumes”.
---	--

Nos capítulos referidos, o diálogo entre os dois mostra um rei visando ultrapassar os limites infundidos pelos costumes, e seu subordinado tentando lhe convencer a retroagir em sua ideia e dando-lhe bons conselhos. Como no decorrer das *Histórias*, há vários diálogos entre um rei e um conselheiro que goza de autoridade perante ele, mas nem sempre os conselheiros são ouvidos pelos reis. Quando assim acontece, vê-se que o aviso do conselheiro era o melhor caminho. Esse é o caso de Candolo, que segue com seu plano insensato.

CAPÍTULO 3

GIGES - SOB DOIS OLHARES

Giges é uma figura conhecida no mundo antigo. Não há provas de que ele realmente tenha existido, mas há muitos testemunhos sobre esse personagem. Arquíloco⁶⁸, Xanto, Anacreonte, Platão e Heródoto são dos que fazem alusão a ele, cada um a seu modo. As versões destes dois últimos podem ser consideradas de grande importância. Já Smith, ao propor uma reconstrução da história de Giges, ressaltava a importância principalmente dessas duas fontes:

Será visto que a maior parte dessa história vem de Platão e Heródoto. Outras versões e referências têm contribuído com alguma coisa, mas a sua principal utilização tem sido a de mostrar como e por que isso é assim. Elas também esclarecem a importância da ética da velha história⁶⁹.

Ver-se-á que as duas versões principais da história de Giges apresentam cada uma aspectos que, pelo menos à primeira vista, não aparecem na outra, mas, por outro lado, têm características em comum. Elas se complementam de alguma forma.

O conto de Giges está inserido tanto na *República* quanto nas *Histórias* de modo breve. Em cada uma delas, o relato tem um objetivo diferente e representa algo diverso, adaptando-se às exigências de cada obra. Mesmo analisando os trechos separadamente, não se deve esquecer de onde tais narrativas estão inseridas, pois o contexto diz muito sobre seu sentido: “As diferentes racionalizações de nossa história foram fortemente influenciadas pela concepção que cada autor tinha ou desejava transmitir das éticas em cada situação”⁷⁰.

Pretende-se que a comparação das duas versões realce a peculiaridade da narrativa de Heródoto. E se considerarmos que “o fato de que a história de Platão é inventada, o que é mais bem demonstrado por sua intertextualidade com a de Heródoto”⁷¹, do mesmo modo observaremos melhor os detalhes desse *lógos* nas *Histórias*, tendo em vista tal

⁶⁸ Ver anexo C.

⁶⁹ SMITH, 1902, p. 385

⁷⁰ SMITH II, 1902, p.385

⁷¹ LAIRD, 2001, p.29

intertextualidade, principalmente pela possibilidade de o relato de Platão expressar a maneira como ele interpretou o *lógos* sobre Gíges transmitido por Heródoto.

3.1. Giges na *República* de Platão

A *República*, diálogo de Platão escrito no século IV, é um debate cujo tema central é a justiça. No início do diálogo, o personagem Glauco, retomando a argumentação de Trasímaco, relata a história de Giges para demonstrar que o homem é justo somente por medo de cometer injustiça. Assim, o relato tem uma função exemplificativa, ou seja, pretende dar um exemplo capaz de reforçar o argumento apresentado por Glauco de que uma oportunidade pode fazer um homem justo praticar a injustiça.

Em Platão, o conto é bem mais breve do que nas *Histórias*. O modo como Giges adquire o poder, através do anel, para conseguir o que quer é narrado com mais detalhes, porém o caso com a rainha, a morte do rei e a posse do governo são referidos numa única frase, assim como também o é nas *Histórias*. Nem o plano, nem a morte de Candolo são descritos na versão de Platão. E, de fato, só o que lhe interessa é a escolha de Giges, condicionada ao poder que ganhou. É este o foco do relato: a mudança de poder de Giges, de um simples pastor, a uma pessoa com a possibilidade de fazer qualquer coisa sem ser punido. Platão quer criar uma imagem. Criar uma imagem por meio da ficção para demonstrar algo é típico dele. Heródoto quer explicar, entender, e também entreter, ele não tem pressa. Relatar pelo simples prazer de relatar também faz parte da atividade dele. Acrescente-se que o conto de Platão parece mais sobrenatural que o de Heródoto. Aparentemente, ele não terá mais influência no decorrer do diálogo e sua história acaba ali, com uma única menção ao personagem, por Sócrates, no livro X.

O fato de que tanto o relato de Glauco quanto o de Heródoto terminem com um ‘οὕτω’ demonstra que, nos dois casos, ele apresenta uma natureza etiológica, embora aquilo de que ele é apresentado como causa não seja o mesmo: em Heródoto, a fundação de uma dinastia; em Platão, a origem da injustiça. A fim de cotejá-los, examinemos o relato de Glauco:

Εἴη δ' ἂν ἡ ἐξουσία ἦν λέγω τοιάδε μάλιστα, εἰ αὐτοῖς γένοιτο οἷαν ποτέ φασιν δύναμιν Γύγῃ, τῷ [359d] τοῦ Λυδοῦ προγόνῳ, γενέσθαι. Εἶναι μὲν γὰρ αὐτὸν ποιμένα θητεύοντα παρὰ τῷ τότε Λυδίας ἄρχοντι, ὄμβρου δὲ πολλοῦ γενομένου καὶ σεισμοῦ ῥαγῆναί τι τῆς γῆς καὶ γενέσθαι χάσμα κατὰ τὸν τόπον ἧ ἔνεμεν· ἰδόντα δὲ καὶ θαυμάσαντα καταβῆναι καὶ ἰδεῖν ἄλλα τε δὴ ἄμυθολογοῦσιν θαυμαστὰ καὶ ἵππον χαλκοῦν, κοῖλον, θυρίδας ἔχοντα, καθ' ἃς ἐγκύψαντα ἰδεῖν ἐνόντα νεκρόν, ὡς φαίνεσθαι, μείζω ἢ κατ' ἄνθρωπον, τοῦτον δὲ ἄλλο μὲν ἔχειν οὐδέν, [359e] περὶ δὲ τῇ χειρὶ χρυσοῦν δακτύλιον, ὃν περιελόμενον ἐκβῆναι. Συλλόγου δὲ γενομένου τοῖς ποιμέσιν εἰωθότος, ἵν' ἐξαγγέλλοιεν κατὰ μῆνα τῷ βασιλεῖ τὰ περὶ τὰ ποίμνια, ἀφικέσθαι καὶ ἐκεῖνον ἔχοντα τὸν δακτύλιον· καθήμενον οὖν μετὰ τῶν ἄλλων τυχεῖν τὴν σφενδόνην τοῦ δακτυλίου περιαγαγόντα πρὸς ἑαυτὸν εἰς τὸ εἶσω τῆς χειρός· τούτου δὲ γενομένου ἀφανῇ αὐτὸν γενέ[360a]σθαι τοῖς παρακαθημένοις, καὶ διαλέγεσθαι ὡς περὶ οἰχομένου. Καὶ τὸν θαυμάζειν τε καὶ πάλιν ἐπιψηλαφῶντα τὸν δακτύλιον στρέψαι ἔξω τὴν σφενδόνην, καὶ στρέψαντα φανερόν	O poder seria aquele que digo principalmente tal como o que segue, se a eles ocorresse tal qual um dia dizem que veio um poder a Gíges, o antepassado do Lídio; pois dizem ele ser um pastor que trabalhava nesse tempo para o rei da Lídia, mas depois de uma grande tempestade e de uma cisma, a terra ter-se partido e ter surgido um abismo junto ao lugar onde ele pastoreava; Olhando admirado, ele ter descido e visto, entre outras maravilhas que contam, também um cavalo de bronze, oco, que tinha umas aberturas, pelas quais, ao pender-se, dizem ter visto estar presente um cadáver, que parecia maior do que em relação a um homem [comum], nada mais tendo que, em volta da mão, um anel de ouro, o qual depois de alcançar, dizem ele ter saído; chegando a reunião habitual com os pastores, para anunciar cada mês ao rei as coisas relativas ao rebanho, dizem ele ter chegado com o anel; estando sentado, portanto, com os outros, dizem ele ter, por acaso, girado a pedra do anel em direção a si, para dentro da mão, e depois disso, ter ficado invisível aos que estavam sentados junto dele, e eles conversarem como se ele estivesse ausente; dizem ele ter-se espantado e, novamente, apalpando o anel, ter girado a pedra para fora, e, depois de tê-la rodado, ele ter-se tornado visível; depois de
---	--

γενέσθαι. Καὶ τοῦτο ἐννοήσαντα ἀποπειρᾶσθαι τοῦ δακτυλίου εἰ ταύτην ἔχοι τὴν δύναμιν, καὶ αὐτῷ οὕτω συμβαίνειν, στρέφοντι μὲν εἴσω τὴν σφενδόνην ἀδήλῳ γίγνεσθαι, ἔξω δὲ δήλῳ· αἰσθόμενον δὲ εὐθὺς διαπράξασθαι τῶν ἀγγέλων γενέσθαι τῶν παρὰ τὸν βασιλέα· [360b] ἐλθόντα δὲ καὶ τὴν γυναῖκα αὐτοῦ μοιχεύσαντα, μετ' ἐκείνης ἐπιθέμενον τῷ βασιλεῖ ἀποκτεῖναι καὶ τὴν ἀρχὴν οὕτω κατασχεῖν.	perceber isso, ter experimentado se o anel teria este poder, e assim ter sucedido, girando a pedra do anel para dentro tornava-se obscuro, e, para fora, visível; depois de perceber isso, dizem ter conseguido imediatamente tornar-se um dos mensageiros ao rei e, tendo ido, também ter-lhe seduzido a mulher, e por ela disso encarregado, ter matado o rei e assim ter tomado o poder.
--	--

3.2 O Giges herodotiano em face do platônico

Glauco começa afirmando que o poder a que se refere “seria aquele”. Nesse momento já se pode delimitar qual será o foco do relato: ἦν (aquele) ... τοιάδε (tal como o que se segue) determinam o tema que será explorado adiante, se referindo ao poder que aparecerá na história de Giges. É isto que Glauco quer mostrar: as consequências do poder (ἡ ἐξουσία/ἡ δύναμις). Ele exemplifica com o que dizem (φασιν) ter ocorrido um dia a Giges. Observe-se que a partir do verbo φασιν todo o relato sobre Giges seguirá com verbos no infinitivo e particípio, sintaticamente subordinados ao verbo φασιν – o que transfere a versão do mito para outra voz: “este dispositivo afasta seus ouvintes do que se diz”⁷², afirma Laird sobre Glauco.

As referências nominais a ‘Giges’ e à ‘Lídia’ ativam na memória do leitor a história de Giges. Sem elas, nota Laird, “seria difícil fazer a conexão das duas histórias”⁷³ e concluir que se trata do mesmo personagem. Principalmente por haver outros casos de homens que se casam com a rainha e usurpam o trono do rei. No entanto, a referência ao conhecido monarca lídio nos remete a relatos sobre ele, como o de Heródoto. Mas o que mais chama a atenção são as diferenças das duas versões, mais especificamente, a inserção, na segunda, do anel. À primeira vista, as duas histórias são bem diferentes. E será que realmente são? Os fatos de Giges, em uma, ser pastor e, em outra, guarda, de em uma ele ter sido obrigado, pela rainha, a fazer uma escolha e, em outra, a ter seduzido, podem ser somente uma variação natural e comum que mitos desse tipo têm. Seja como for, a versão de Heródoto não exclui a possibilidade de ter havido um romance entre Giges e a rainha antes de ele matar Candolo.

Glauco faz menção a Giges, o antepassado do lídio. Sobre essa referência há um problema textual. Em algumas edições do texto grego da *República*, como na de John Burnet e na de J. Adam, encontra-se, de acordo com a tradição manuscrita, τῷ Γύγου τοῦ Λυδοῦ προγόνῳ (ao antepassado de Giges, o lídio), em vez de Γύγι, τῷ τοῦ Λυδοῦ προγόνῳ (a Giges, o antepassado do lídio), de acordo com a correção de Emile Chambry. Se o Giges de Heródoto é o mesmo ou não que o de Platão é relevante para este trabalho, pois a comparação

⁷² LAIRD, 2001, p.19

⁷³ LAIRD, 2001, p.14

feita aqui só é válida e significativa caso se trate do mesmo personagem. Por que tantas diferenças então? Platão não está tão preocupado com os fatos históricos, mas com o que, no relato, possa ter significado para o debate filosófico sobre o homem justo.

Não pretendo me aprofundar na questão textual, pois isso não caberia aqui, mas desejo somente fazer uma consideração a respeito dessas duas possibilidades: mesmo se considerássemos a designação ‘ao antepassado de Gíges, o lídio’, seria curioso notar como Glauco estaria escolhendo se referir ao personagem do seu relato não diretamente por seu nome, mas nomeando seu descendente. O que não constitui um padrão, pois, na tradição grega, é mais comum a preocupação em se referir aos antepassados, ao dizer-se ‘fulano, filho de...’, do que aos descendentes, dizendo ‘fulano, pai de...’ ou ‘o antepassado de...’. Ainda assim, por que, de todos os descendentes que esse ancestral pudesse ter tido, Glauco escolheria se referir justamente a Gíges, um nome conhecido por já ter usurpado o reino da Lídia? Talvez isso não seja por acaso. Provavelmente, Platão estaria visando fazer uma referência ao Gíges de Heródoto. Smith avança outra possibilidade, ao recordar a versão de Xanto: “O relato de Xanto mostra que Gíges tinha o mesmo nome de seu bisavô. Na verdade, esse nome não parece ter sido de modo algum incomum entre os lídios”⁷⁴. De qualquer forma, por se tratar de um diálogo, não parece que Glauco se preocupe com a precisão de dados históricos, diferentemente de Heródoto. Dizer ‘Gíges’, ‘o lídio’, ‘o avô’, pode ser um mero detalhe. Quando, no livro X, Sócrates se refere precisamente a ‘Gíges’ (e nesse caso não há variação nos textos gregos estabelecidos) e não ao ‘antepassado’, pode ser somente mais um descaso em relação a esse dado.

A narrativa segue mencionando que Gíges era ποιμήν. Sabemos que o nome sem artigo na língua grega tem um sentido indeterminado, ou seja, ele era um pastor, como qualquer outro pastor do rei. Nas *Histórias*, a posição de Gíges é bem mais determinada e mais próxima de Candolo. Dos guardas da realeza (τῶν αἰχμοφόρων), Gíges era o que mais agradava ao rei (ἀρεσκόμενος μάλιστα). Em seguida reforça-se que a esse Gíges (τούτῳ τῷ Γύγῃ) Candolo confiava (ὑπερετίθετο) os mais sérios assuntos (τὰ σπουδαιότερα τῶν πρηγμάτων). Nota-se claramente a grande distância, em termos da relação de Gíges com o rei, entre uma e a outra versão. Este τούτῳ τῷ Γύγῃ pode ser uma ênfase, mas também talvez seja uma referência a um Gíges específico, caso o nome ‘Gíges’ seja mesmo comum entre os lídios. Nas *Histórias*, Gíges era um guarda de confiança do rei. A relação de amizade

⁷⁴ SMITH I, 1902, p. 267, nota 1.

entre Candolo e Giges aumenta o efeito dramático proporcionado pelas relações de *philía*. Pode-se ver isso nas tragédias que são tipicamente familiares, como, por exemplo, quando Édipo mata Laio e esse crime se torna mais grave quando ele descobre que o homem que matara era seu pai e rei. Danzing acha que “Platão fez de Giges um simples pastor, em vez de um membro da corte”, com a intenção de “ênfatizar a injustiça do seu ato”⁷⁵. Porém, consideramos que há mais injustiça quando há uma relação de *philía*.

Logo depois Platão introduz o acontecimento que mudará tudo: uma grande tempestade, que terá consequências não só na vida de Giges, mas para toda a Lídia. Ela abre uma fenda no chão, dentro da qual, apesar da escuridão esperada, Giges vê um cadáver, mas também coisas maravilhosas, do mesmo modo que ele viu a rainha, no quarto, à noite, na versão de Heródoto: “Como a rainha, esse cadáver aparece nu: não tem nada a não ser um anel (359d–e). Como a rainha, ele é objeto de curiosidade visual.”⁷⁶. Em Platão, Giges se admira com as coisas maravilhosas que vê na cratera. As coisas belas e maravilhosas são um passo para a sua conquista tanto numa história como na outra. Em Heródoto, o que acontece se dá por causa da beleza da rainha; em Platão, pelo poder do belo anel de ouro.

Esse abismo, para Calabi, lembra a catábase necessária para a ascensão⁷⁷, função que também pode ser a do quarto, à noite, nas *Histórias*. Nesse abismo, Giges vê um cavalo de bronze. Calabi chama a atenção para uma imagem interessante. O cavalo com suas aberturas e o homem com o anel da invisibilidade lembram o cavalo de Troia, o qual escondia em seu interior guerreiros que estavam invisíveis aos olhos dos troianos⁷⁸. Pegar o anel já é uma mostra do desvio de conduta de Giges, pois ele pertencia ao cadáver, que podia ser inclusive de um rei (νεκρόν, ὥς φαίνεσθαι μείζω ἢ κατ' ἄνθρωπον), os grandes homens estando associados à realeza. De posse do anel, a narrativa passa a mostrar como Giges vai, passo a passo, descobrindo as faculdades desse objeto. É o que podemos chamar de uma ‘transformação de conhecimento’, conforme proposto por Todorov⁷⁹. Imediatamente após perceber (αἰσθόμενον δὲ εὐθύς), qual era esse poder, ele tratou de tirar proveito. Giges não hesita. A sua atitude é tão imediata que nos faz deduzir que só lhe faltava mesmo uma oportunidade.

⁷⁵ DANZING, 2008, p.188

⁷⁶ DANZING, 2008, p.189

⁷⁷ CALABI, 1998, p.174

⁷⁸ CALABI, 1998, p.175 e 178

⁷⁹ TODOROV, 2003, p. 308

Na *República*, Gíges decide matar o rei deliberadamente e sozinho. Nas *Histórias*, ele parece não ter tido melhores opções. A história do anel não ocorre nessa versão. O papel de Candolo e da rainha, no *lógos* de Heródoto, é transferido, no conto de Platão, para o anel e para a escolha de Gíges: “o poder que Gíges recebe do anel é semelhante ao que Candolo lhe concede”⁸⁰. Nas *Histórias*, Gíges também recebe um tipo de ἐξουσία. Quando Candolo lhe diz que não tema que algo de mal lhe aconteça, lembrando a versão de Platão, em que Glauco quer mostrar como alguém agiria se não tivesse esse medo⁸¹. Mas por que Platão terá escolhido um anel que deixa a pessoa invisível como substituto dos poderes que Gíges recebe dos reis na versão das *Histórias*? Laird levanta a possibilidade de Platão ter-se inspirado no nome do pai de Gíges, presente na versão de Heródoto⁸². Este se chamava Δασκύλος e o termo para anel é δακτύλιος. E por que alguém com a capacidade de Platão não seria capaz de ter acrescentado ao relato tradicional um anel que deixa a pessoa invisível? Até porque “não há nenhuma evidência do anel da invisibilidade antes de Platão”⁸³.

Calabi nota que a inserção do abismo também pode ser um reflexo do Gíges da *Teogonia* de Hesíodo, uma vez que ele é forte e saiu do seio da terra⁸⁴. Naquele poema, Gíges é um dos filhos enormes e violentos de Terra e de Urano, mencionado nos versos 147-153, 617-623, 713-714, 732-735 e 815-817. Nesses trechos, há uma grande recorrência de termos referentes a grandeza, força, membros, subsolo, disputa e bronze. Todos eles lembram algum elemento do relato de Glauco. No verso 735, Gíges, Coto e Briareu são guardas fiéis de Zeus, lembrando a versão de Heródoto.

E ο χάσμα, será que lembra mesmo o Gíges da *Teogonia*, como sugere Calabi, ou será que é só uma preferência de Platão pelo subsolo, como na imagem da caverna, como afirma Danzing⁸⁵?

Sintetizemos então os paralelos entre a versão de Heródoto com a de Platão. Nas *Histórias*, o objetivo da inserção da narrativa de Gíges é demonstrar como a hegemonia da Lídia passou da família dos Heraclidas para a de Creso, os Mermnadas. Posteriormente, compreende-se que tal história também explica, de certo modo, as desgraças vividas por

⁸⁰ SHELL, 1989, p.24

⁸¹ LAIRD, 2001, p.16

⁸² LAIRD, 2001, p.17 e 18

⁸³ LAIRD, 2001, p.17

⁸⁴ CALABI, 1998, p. 176

⁸⁵ DANZING, 2008, p.188

Creso. Observando o *lógos* como um todo, nota-se que ele tem uma função explicativa, ou seja, serve para mostrar como ocorreu a mudança da hegemonia de uma família (que a princípio não deveria mudar, pois a ordem natural de um reinado é que ele permaneça na mesma família) para outra. O relato tem, assim, mais conexão com toda a história, além de pretender dar ensinamentos morais e explorar a tensão da narrativa – “o castigo viria para os Heraclidas na quinta descendência de Giges”. Nota-se também que cada fato da história é contado detalhadamente. A descrição de Heródoto e os diálogos criam um efeito dramático ao construir o crescimento da tensão e da expectativa. A intervenção do oráculo a faz em algo semelhante ao gênero dramático. A presença do destino e o conflito cerrado de Giges reforçam o drama. Para Immerwahr, que considera o estilo das Histórias paratático, a autonomia dos *lógoi* não contribui para a construção da tensão dramática. Porém, essas frases não só contribuem para a tensão do *lógos* atual como para os outros *lógos*, ou seja, para a obra toda.

Na versão de Glauco, a história vai direto ao ponto: “Giges, descendente do Lídio...”. Antes de se voltar para o centro do *lógos*, o acontecido entre Candolo e Giges, Heródoto começa por falar de Candolo, explicando a sua linhagem, e a do povo lídio, inclusive explicando o nome da Lídia. Menciona brevemente como os Heraclidas, a família de Candolo, conseguiram o governo, o povo sendo antes chamados de Meio, provavelmente por ser proveniente dessa família, até referir-se à duração de seu reinado e, por fim, novamente a Candolo. Essa explicação genealógica, geográfica, temporal e até etimológica é própria de Heródoto, como se vê em toda a sua obra. Ao falar sobre as guerras persas, ele aborda os diversos povos que estiveram de um modo ou de outro nelas envolvidos, atendendo à curiosidade do leitor, através da descrição de seus costumes, lugares e outros elementos pertinentes à compreensão dos fatos. Assim, também ao falar de Giges, de que descende Creso, começa por Candolo.

Nas *Histórias*, há comentários do narrador. Na *República*, também se pode observar uma única vez no relato a voz do narrador, quando Glauco se refere a “dentre outras coisas que contam”, mas ainda assim apenas para reforçar que ele não tem responsabilidade sobre o que narra, abstando-se de ser o autor da história. Em Platão, Giges é o personagem central, praticamente o único que atua. Em Heródoto, a narrativa põe Candolo primeiro, mas tanto Giges quanto a rainha têm falas e papéis importantes.

A norma “examine o que é teu”, quebrada nas *Histórias* quando Giges vê a mulher do rei nua, também acontece em Platão, quando ele não só observou como tomou o anel alheio. É essa observação que lhe garante o poder. Em Platão, imaginamos uma cena ao ar livre, no campo. Em Heródoto, o pano de fundo é o palácio. Em Platão não há diálogos, nem discurso direto, somente um narrador onisciente. Nas *Histórias* há uma grande recorrência de diálogos: primeiro entre Candolo e Giges, depois entre este e a rainha. Nesses diálogos, encontra-se boa parte da história contada.

No capítulo 9.1 das *Histórias*, há a descrição do plano para que Giges não seja visto. É tentando não ser visto que ele faz tudo, como em Platão. Mas, ao virar-se a rainha de costas, Giges julga sair sem ser visto do quarto, mas é então que acaba por ser visto, como no girar do anel em Platão.

Em Heródoto, as formas verbais são finitas, o que nos faz concluir que o que é contado o é pelo próprio narrador, ou seja, o narrado é de conhecimento do narrador, ou porque ele investigou, ou por qualquer outro motivo, mas é ele quem conta. Ele não subordina sua voz a um ‘φᾶσι’ (dizem) se afastando da responsabilidade do que é dito, como faz no capítulo 1 do prólogo, e como também acontece com Glauco.

Na versão de Platão não se menciona o castigo que a descendência de Giges sofreria. Isso elimina a questão da pena que o injusto sofre, fato que para Heródoto é mais relevante, devido à relação pena-reparação estudada por Darbo-Pechansky: as *Histórias* estão permeadas de reparações para manter o equilíbrio da justiça. O prólogo ilustra bem esse fato. O relato de Platão também quer enfatizar a questão da escolha do homem justo e pode ser por isso que não aparece nela a intervenção da rainha, o que pode ser uma preferência de Platão para realçar a questão da escolha. De qualquer forma, nas *Histórias*, Giges também podia escolher. E morrer seria mais justo do que matar o rei. Sócrates, inclusive, pensa assim: antes morrer justo que permanecer vivo injustamente.

Danzing nota que outras fontes, assim como Platão, apresentam Giges como um usurpador ambicioso, mas Heródoto o apresenta como um homem inocente⁸⁶. Colocar Giges como vítima é outro fator que o aproxima do trágico. Mas será que Heródoto faz isso para jogar toda a culpa em Creso? Talvez ele ache o caso de Giges sem relação direta com a guerra, sendo devido a um acaso, e então tem ele que intensificar isso para convencer o leitor de que Creso é o principal responsável.

⁸⁶ DANZING, 2008, p.172

Será que a versão de Platão é toda inspirada na de Heródoto, como sugere Danzing⁸⁷ e Laird? Danzing acha que Platão não deve ter inventado tantos detalhes sem um propósito⁸⁸. O tema da visão, presente nas duas obras, é muito ressaltado quanto a isso: Laird explora, nas duas versões, termos que se referem à visão (15-16)⁸⁹; Davis concorda também que é a questão da visibilidade que constitui o elo entre Heródoto e Platão⁹⁰, como também pensam Laird⁹¹ e Shell⁹². A narrativa de Platão realça o tema da visibilidade. Depois de lermos o argumento de Glauco, vemos a história de Heródoto com outros olhos.

Laird considera que as duas versões devem ter tido uma ou várias fontes em comum⁹³. Smith ressalta que a diferença essencial entre os dois relatos é que, na versão de Heródoto, Gíges não seduz a rainha⁹⁴. Xanto concorda com Heródoto que Gíges foi forçado pela rainha a matar ou ser morto⁹⁵, o que sugere que “a parte em que a rainha repete a cena da porta é tão dramática que dificilmente deve ter estado ausente de um conto popular”⁹⁶. E o fato de Heródoto também não mencionar o nome da rainha, indica que o relato veio de um conto popular, visto isso ser característico deste tipo de relato⁹⁷.

Como foi visto, há várias hipóteses para os elementos novos presentes no relato de Glauco. Uma outra inspiração de Platão poderia ser a história de Polícrates, narrada pelo próprio Heródoto, havendo mesmo, no livro III das *Histórias*, uma referência a um Gíges e Polícrates no mesmo capítulo, o 122. De acordo com Heródoto, esse Gíges é pai do lídio Mirso, mensageiro de Oiotes, coetâneo de Polícrates. Ora, este não é o mesmo Gíges do livro 1. No entanto, é inevitável notar as coincidências, pois, conforme narrado em 7.1, há um Mirso, pai de Candolo, de quem Gíges tomou o trono.

Será que Platão, na sua construção ficcional, teria tirado alguns detalhes da história de Polícrates? Neste caso, o anel dele é encontrado por um pescador em um cadáver de um peixe grande, indicando, ao mesmo tempo, a prosperidade de Polícrates e sua

⁸⁷ DANZING, 2008, p.186

⁸⁸ DANZING, 2008, p.186

⁸⁹ LAIRD, 2001, p.17-19

⁹⁰ DAVIS, 2000, p.652

⁹¹ LAIRD, 2001, p.15

⁹² SHELL, 1989, p. 37

⁹³ LAIRD, 2001, p.13

⁹⁴ SMITH I, 1902, p.279

⁹⁵ SMITH II, 1902, p.366

⁹⁶ IDEM

⁹⁷ SMITH II, 1902, p. 368, nota 5

inevitável destruição, bem como a inexorabilidade do destino. Como o anel de Gíges, o de Polícrates lhe propiciará a ascensão, mas posteriormente virá a queda da sua família. O anel tornará Gíges um rei. O anel de Polícrates foi devolvido a ele porque o pescador considerou que um peixe grande e belo como aquele era digno de um rei.

Gíges encontra um homem grande no abismo, homens grandes geralmente se referem a reis ou guerreiros, e, além disso, o lugar estava cheio de coisas maravilhosas. Estava dentro da terra, o que nos faz lembrar que os reis eram enterrados com seus tesouros e ninguém os podia tirar dali. Do mesmo modo, na história de Polícrates, o anel está dentro de um peixe grande e belo, presente merecido só por um rei. Dessa ótica, não há outro destino para Gíges, após ele tomar o anel, a não ser se tornar o rei da Lídia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A arte da narrativa herodotiana

Nessa análise do *lógos* de Gíges, pudemos ver as habilidades herodotianas ao compor uma narrativa. Se em um trecho tão pequeno notamos uma grande gama de variados artifícios, ficaria difícil negar o mérito do historiador como um bom prosador.

A história de Gíges não é inventada por Heródoto, há outras fontes sobre o lídio, como é sabido, porém, “enquanto os esboços simples da história estavam em toda parte do material que ele recebeu, Heródoto é ele próprio o responsável por dar às estórias sua presente forma”⁹⁸.

O *lógos* de Gíges está inserido no grande *lógos* lídio que compõe o primeiro livro das *Histórias*. O historiador não faz nenhum comentário direto sobre a fiabilidade dessa versão⁹⁹, mas ela parece gozar de certa consideração, pois está em conexão com a vida de Creso, fazendo parte do que, para Heródoto, tem a ver com o começo da desavença, com sua αἰτίη, conforme ele mesmo propôs mostrar¹⁰⁰, sendo resultado de sua ἱστορίη. Esse *lógos*, que se propõe falar principalmente sobre a troca de hegemonia, envolto pelos dois *hoútō* (οὕτω... οὕτω) constitui, dentre outras, uma pequena ἀπόδεξις dentro da grande ἀπόδεξις de Heródoto.

Pode-se perceber na narrativa herodotiana uma grande presença de fóricos e dêiticos, o que é adequado a uma obra que visa à demonstração. Sua prosa longa, com uma quantidade grande de personagens, cujos nomes algumas vezes se repetem, necessita de indicações precisas e de mecanismos enfáticos para o que se quer realçar. Nisso tudo, os fóricos e os dêiticos auxiliam. Heródoto precisa deixar a narrativa mais clara para o seu público, sem com isso simplificá-la. A prosa escrita, mesmo a arcaica, mais propícia ao discurso científico, é constituída de estruturas mais complexas, de muitas subordinações. A frase longa permite uma reflexão, uma atenção maior ao tema abordado. As frases curtas têm efeito mais imediato, são mais fáceis de entender. Na subordinação, guardamos a ideia, mas, para isso, antes temos de tê-la entendido através da reflexão. A presença recorrente de

⁹⁸ DANZING, 2008, p.171

⁹⁹ DANZING, 2008, p.175

¹⁰⁰ “depois de indicar este que eu sei que foi o primeiro a cometer atos injustos contra os helenos, prosseguirei com minha história”, *Histórias*, Livro I,1.4.

comparativos de superioridade e de superlativos coaduna com a natureza de uma obra atenta ao que é grande e maravilhoso. Sua preocupação com a sonoridade também é relevante. Expressões como /ταύτης τῆς χώρης/ e /παῖς παρὰ πατρός/ ficarão gravadas em minha memória. Elas remetem ao contexto em que foram pronunciadas, nos lembrando o que foi contado.

Como o historiador mesmo diz em I, 14.4, não houve muitos grandes feitos durante os trinta e oito anos do reinado de Gíges. Será então que sua história não requer glória? Observemos que o *lógos* como um todo está mais associado à busca de Heródoto pela causa, tem a ver com sua investigação. No entanto, Gíges, pode não ter realizado muitos feitos maravilhosos, mas, quanto às oferendas de prata e ouro, ele deixou muitas em Delfos. Ouro e prata são metais por si só considerados, pode-se dizer, maravilhosos. E em relação à quantidade de ouro depositado por Gíges, ela não foi pequena, mas tão grande que não se pode medir (ἄπλετον). Essas oferendas estão ali depositadas para que não se esvaneça com o tempo a memória desse Gíges. Os monumentos e oferendas servem também, assim como a obra de Heródoto, para perpetuar a memória de quem as fez, mandou fazer ou ofertou. Assim “para perpetuar a memória de seu reinado, ele [Sesóstris] mandou erigir diante do templo de Hefesto duas estátuas de pedra com trinta côvados de altura – uma de si mesmo e outra de sua mulher –, além de estátuas de seus quatro filhos, cada uma com vinte côvados.”¹⁰¹. E o que dizer da beleza da rainha? Se essa beleza era intensificada pela paixão de Candolo, não sabemos, mas a sua intensidade está manifestada na narrativa. O maravilhoso (θαῦμα) é aquilo que admiramos ao ver, que nos deixa inertes ao observar. Não seria uma característica do maravilhoso, também presente nesse *lógos*, a beleza admirável da rainha? É notório, inclusive, o fato de, algumas vezes, belas mulheres serem o estopim de acontecimentos importantes. Vemos isso no prólogo e neste *lógos*. Mais adiante, no livro III, 1, na guerra entre os persas e Amásis, há também uma mulher.¹⁰² A versão de Heródoto sobre o início da desavença, apesar de diferir da dos persas e fenícios, tem algo em comum com elas: uma mulher que desperta paixões (a mulher de Candolo).

Os elementos trágicos presentes nas *Histórias* não são nenhuma novidade. No entanto, é preciso ter cuidado com a generalização. A obra como um todo não é uma tragédia, menos ainda uma peça de teatro. Há muitas situações que poderiam ser moldadas no estilo

¹⁰¹ HERÓDOTO, *Histórias*, Livro II, 110.1.

¹⁰² DANZING, p.175: “Herodotus recognized that disrobing a beautiful woman is an excellent way to begin a literary endeavour.”

trágico, mas não o são. Em II, 107, por exemplo, o relato sobre a morte dos filhos de Sesóstris é tão objetiva e fria que até surpreende. A situação sem saída em que se encontra Sesóstris e sua mulher, que os “obriga” a sacrificar dois de seus filhos, poderia render um relato mais longo e mais denso, que provocasse, no leitor, horror e compaixão. Porém, não é assim que sucede. Em contraposição, no *lógos* de Gíges há muitos elementos trágicos, conforme foi destacado ao longo desta dissertação, como na comparação com a versão da *República*. O confronto entre esses dois casos, o de Sesóstris e o de Gíges, leva a reputar que o uso de elementos trágicos por Heródoto pode ser consciente e intencional. Ou seja, ele os utiliza, quando lhe interessa, para obter algum efeito desejado, quer para realçar a história, quer para dar-lhe mais importância, ou até mesmo para pura ornamentação da narrativa, deixando-a mais interessante e mais agradável ao seu público. Por isso, penso nunca ser em vão observar a tragicidade nos *lógoi*. A Necessidade, tão marcada e tão enfatizada no *lógos* de Gíges, pode estar correlacionada com a αἰτία. Afinal, era preciso que tudo aquilo acontecesse para que Creso pudesse reinar e ser o causador de tudo, conforme sugerido em I, 5.4.

A perspectiva da alteridade também encontra seu espaço no relato. Em I, 14.2, ao revelar que ‘esse Gíges foi o primeiro dos bárbaros de que nós sabemos’, o narrador apresenta dois elementos nesse sentido. O primeiro é a designação de bárbaro. Heródoto não mais se refere a ele como lídio, mas como um bárbaro, incluindo assim os lídios no rol dos bárbaros, ao mesmo tempo em que se exclui, pois, ao usar o segundo elemento ἡμεῖς ἴδμεν, o historiador se põe na classe contrária à dos bárbaros. Conforme foi enunciado no prólogo, os outros dos bárbaros são os helenos. A identidade do ‘nós’ de Heródoto mostra-se explícita no livro II, 154.4, pelo uso do verbo na primeira pessoa do plural, quando ele afirma: “Após a sua instalação no Egito, nós, helenos, através de nossa convivência com eles, adquirimos um conhecimento acurado...” (τούτων δὲ οἰκισθέντων ἐν Αἰγύπτῳ, οἱ Ἕλληνες οὕτω ἐπιμισγόμενοι τούτοις τὰ περὶ Αἴγυπτον γινόμενα ἀπὸ Ψαμμητίχου βασιλέως ἀρξάμενοι πάντα καὶ τὰ ὕστερον ἐπιστάμεθα ἀτρεκέως). Isso revela também a identidade de seu público. Parece que, no entendimento de Heródoto, ‘bárbaro’ designava todos os povos que não falavam a sua língua. Pelo menos é assim que, no livro II, 158, ele comenta o que os egípcios entendem por ‘bárbaro’, o que nos permite supor que pensava o mesmo, visto que fez questão de mencionar esse dado. No livro VII, ao descrever os trajes e equipamentos de cada um dos povos pertencentes ao exército bárbaro, Heródoto se mostra econômico quando algum elemento é como o dos helenos, pois, pelo fato de seu público ser grego, dispensa-se a

descrição do que eles já conhecem¹⁰³. No livro III, 60, o historiador explica o espaço que usa para falar dos sâmios pelo fato de eles terem construído três grandes obras na Hélade. Mais adiante, no mesmo livro, capítulo 103, ele reforça seu método ao dizer: “não descreverei a aparência do camelo, porque os helenos o conhecem”.

O tema das vicissitudes humanas também está presente no *lógos* analisado: Candolo era o rei, enquanto Giges, um empregado, mas o primeiro acaba morto, dando lugar a que o guarda se torne rei. Se fizermos uma analogia entre *σμικρὰ* e *μεγάλα*, que podem se inverter, como declara Heródoto no prólogo, considerando que Candolo equivale a rei = grande e Giges a guarda = pequeno, notamos que com eles acontece o mesmo que com as “cidades que, outrora grandes, se tornaram pequenas”. Isso pode explicar uma indagação que se faz, ao tentar nomear esse *lógos*. Apesar de o denominarmos, neste trabalho, ‘*lógos* de Giges’, sabemos que pode existir a variação ‘*lógos* de Candolo’, pois o relato fala de ambos quase que igualmente. Pode-se também, de algum modo, considerar que os dois são vítimas e responsáveis ao mesmo tempo. De quem é o *lógos*, afinal? De Candolo ou de Giges?

O *lógos* começa, em I, 7.1, falando de Candolo, relatando sua genealogia, seu nome, como conhecido pelos helenos, de quem e como sua família recebeu o governo e quanto tempo governou. Em seguida, o narrador descreve a paixão de Candolo por sua mulher. Na continuação do relato, Candolo e Giges aparecem e atuam quase que na mesma proporção. O *lógos* finaliza falando de Giges, seus tesouros e seus poucos feitos. Nota-se, nessa ordem, uma inversão. A narrativa começa com Candolo, porque no início ele era o Grande, *μέγας* (o rei), e termina com Giges, pois este é que, de pequeno, se torna grande no final. E esse mesmo Giges, que termina o *lógos* como o Grande, *μέγας*, como rei, não será sempre assim, ou pelo menos não o será sua descendência, como se diz em 13.2: “o castigo viria para os Heráclidas na quinta descendência de Giges. Desta sentença os lídios e seus reis não fizeram nenhuma declaração, antes de ela ser realizada.” Essa sentença contribui para a tensão da história. E de fato, posteriormente, a descendência de Giges é subjugada aos persas, pois “os persas, antes escravos dos medos, tornavam-se agora seus senhores”¹⁰⁴. Podemos dizer, então, que, mais do que de Candolo ou de Giges, se trata de um *lógos* sobre a instabilidade da prosperidade humana.

¹⁰³ Vejam-se alguns exemplos em: VII, 90, 91, 93 e 94.

¹⁰⁴ Heródoto, Histórias, Livro I, 129.4

Boa parte das *Histórias* diz respeito aos povos bárbaros, visando apresentar como se deu a expansão do império persa. Muitos consideram isso uma dispersão com relação ao tema principal. Mas será que não há mesmo uma relação mais significativa? Acompanhamos, no decorrer da obra, o crescimento de um grande império. Ele era tão grande que seu “exército levou sete dias e sete noites para passar, sem um instante de interrupção”¹⁰⁵. Os gregos se mostraram discretos no início. Suas tropas não eram tão grandes, mas nem por isso mais fracas. Assim, no fim, nos deparamos com um grande exército que é derrotado por um pequeno. A roda da fortuna gira. Os helenos são os grandes vitoriosos. E tanto o *lógos* de Giges como toda a *Histórias* estão aí para demonstrar que “a prosperidade humana jamais permanece no mesmo”.

¹⁰⁵ HERÓDOTO, *Histórias*, VII, 56.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Obras Gregas e Latinas

ARISTÓFANES. *As rãs*. In: Junito de Souza Brandão. EURÍPIDES; ARISTÓFANES. Um drama satírico: O ciclope e duas comédias: *As rãs*; *As vespas*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1987, p. 31-35.

ARISTÓTELES. *Poética*. Trad. Eudoro de Souza. 7ed. Lisboa: INCM, 2003.

_____. *Retórica*. Trad. Manuel Alexandre Júnior et. al. 2ed. Lisboa: INCM, 2005.

CÍCERO. Tratado de las Leyes. Trad. Francisco Navarro y Calvo. In: _____. *Obras completas de Marco Tulio Ciceron: vida y discursos*. Trad. de Marcelino Menendez et. al. v.2 Buenos Aires: Anaconda, 1946, p. 637-735.

DEMÉTRIO. *Sobre o estilo*; LONGINO. *Sobre o sublime*. Trad. José García López. 1ed. 2re. Madrid: Editorial Gredos, 2008.

ÉSQUILO. *Os Persas*; SÓFOCLES, *Electra*; EURÍPIDES, *Hécuba*. Trad. Mário da Gama Kury. 6ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007.

ÉSQUILO. *Tragédias*. Trad. Enrique Ángel Ramos Jurado. 1ed. Madrid: Alianza Editorial, 2011.

HERODOTE. *Histoires*. Vol. I. Texte établi et traduit par Ph.-E. LEGRAND. Paris: Les Belles Lettres, 1939-1954.

HERÓDOTO. *História*. Trad. Mário da Gama Kury. Brasília: UnB, 1985.

HERÓDOTO. *Histórias: livro 1º*. Int. ger. Maria Helena da Rocha Pereira. Intr ao livro 1, trad. e notas de José Ribeiro Ferreira e Maria de Fátima Silva. Lisboa: Edições 70, 2002.

HESÍODO. *Os trabalhos e os dias*. Intr. Trad. e Com. Mary de Camargo Neves Lafer. 5ª ed. São Paulo: Iluminuras, 2006.

HOMERO. *Ilíada e Odisséia*. Trad. Carlos Alberto Nunes. 2ed. São Paulo: Ediouro, 2009.

PLATÃO. *A República*. Trad. J. Guinsburg. 1ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.

PLATÃO. *Sobre a inspiração poética (Íon); Sobre a mentira (Hípias Menor)*. Trad. André Malta. Porto Alegre: L&PM, 2008.

PLATO. *The Republic of Plato*. Vol. II. Edited with critical notes, commentaries and appendices by J. Adam. Cambridge: Cambridge University Press, 1969, p. 65-127.

PLATON. *Oeuvres Complètes*. Trad. e Ed. Emile Chambry. Tomo 6. Paris: Les Belles Lettres, 1947.

SAMÓDATA, Luciano. *Como se deve escrever a História*. Trad. Jacyntho Brandão. Belo Horizonte: Tessitura, 2009.

SÓFOCLES. *Tragedias Completas*. Trad. José Vara Donado. 15ed. Madrid: Ediciones Cátedra, 2009.

TUCÍDIDES, *História da Guerra do Peloponeso*. 3 ed. Trad. Mário da Gama Kury. Brasília: UnB, 1999.

Referências Teóricas

ALCADE MARTÍN, Carlos. Heródoto: tradición oral y público. In: JIMÉNEZ, Aurelio Pérez et al. (ed) *La verdad tamizada: cronistas, reporteros y historiadores ante su público*. Madrid: Ediciones Clásicas; Málaga: Charta Antiqua, 2001. p. 47-68.

ALLEN, REGINALD E. The Speech of Glaucon in Plato's Republic. *Journal of the History of Philosophy*, v. 25, n. 1, p. 3-11, jan. 1987.

BAKKER, EGBERT J. Foregrounding and Indirect Discourse: Temporal Subclauses in a Herodotean Short Story. *Journal of Pragmatics*, v. 16, n.3, p. 225-47, 1991.

_____. The syntax of *historiē*: How Herodotus writes. In: DEWALD, Carolyn e MARINCOLA, John (ed). *The Cambridge Companion to Herodotus*. New York: Cambridge University Press, 2006. p. 92-102.

_____. The making of History: Herodotus' *Historiēs Apodexis*. In: _____ et al. (ed). *Brill's Companion to Herodotus*. Leiden and Boston: Brill, 2002, p. 3-32.

_____. Boundaries, Topics, and the Structure of Discourse an Investigation of the Ancient Greek Particle *Dé*. *Studies in Language*, v. 17, n. 2, p. 275-311, 1993.

_____. Homeric OYTOΣ and the Poetics of Deixis, *Classical Philology*, v. 94, p. 1-19, 1999.

BASSI, Karen. Things of the Past: Objects and Time in Greek Narrative. *Arethusa*, v. 38, n. 1, p. 1-32, 2005.

BELLONI, Luigi. Il silenzio della Basileia (POxy 2382 = TrGF II 664; Hdt. I 10-11). *Studium atque urbanitas*. Galatina (LE): Congedo, p. 103-110, 2001.

BENJAMIM, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sergio Paulo Rouanet. 4ed. São Paulo: Brasiliense, 1989. p. 197-221.

_____. Sobre o conceito de História. In: _____. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sergio Paulo Rouanet. 4ed. São Paulo: Brasiliense, 1989. p. 222-232.

BERNARDI, Mirelle S. G. Q. *Entre história e ficção: Heródoto um mensageiro trágico*. 2010. 123 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

BRANDÃO, Jacyntho José Lins. *A invenção do romance: narrativa e mimese no romance grego*. Brasília: Ed. UnB, 2005.

_____. *Antiga Musa: (arqueologia da ficção)*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2005.

BROWN, Truesdell S. Herodotus and His Profession. *The American Historical Review*, v. 59, n. 4, p. 829-843, Jul. 1954.

CAIRNS, Douglas L. 'Off with Her ΑΙΔΩΣ!': Herodotus 1.8.3-4. *The Classical Quarterly, New Series*, v. 46, n. 1, p. 78-83, 1996.

CALABI, F. Gige. In: PLATONE. *La Repubblica*. Vol. II. Libri II e III. Traduzione e commento a cura de M. Vegetti. Napoli: Bibliopolis, 1998, p. 173-189.

CARTLEDGE, Paul (org.) *História ilustrada da Grécia Antiga*. Trad. Laura Alves e Aurélio Rebello. 2ed. São Paulo: Ediouro, 2009.

_____. Taking Herodotus Personally. *Classical World*, v. 102, n. 4, p. 371-382, 2009.

CARVALHAL, Tânia. *Literatura comparada*. São Paulo: Ática, 1999

CASSON, S. ΑΠΟΔΕΙΞΙΣ, 'Inventory,' in Herodotus and Thucydides. *The Classical Review*, v. 35, n. 7/8, p. 144-145, Nov. - Dec., 1921.

CHAMBERLAIN, David. "We the Others": Interpretive Community and Plural Voice in Herodotus. *Classical Antiquity*, v. 20, v. 1, p. 5-34, abr. 2001.

CHIASOON, Charles C. Herodotus' Use of Attic Tragedy in the Lydian "Logos". *Classical Antiquity*, v. 22, n. 1, p. 5-35, abr. 2003.

DABDAB TRABULSI. *Ensaio sobre a mobilização política na Grécia antiga*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.

- DANZIG, Gabriel. Rhetoric and the ring: Herodotus and Plato on the story of Gyges as a politically expedient tale. *Greece & Rome*, v. 55, n. 2, p. 169-192, 2008.
- DARBO-PESCHANSKY, C. *O discurso do particular: Ensaio sobre a investigação de Heródoto*. Trad. Angela Martinazzo. Brasília: Ed. da UnB, 1998.
- DAVIS, Michael. The Tragedy of Law: Gyges in Herodotus and Plato. *The Review of Metaphysics*, v. 53, n. 3, p. 635-655, Mar. 2000.
- DENNISTON, J. D. *Greek Prose Style*. Cambridge: Oxford University Press, 1952
- FLORY, Stewart. Who Read Herodotus' Histories? *The American Journal of Philology*, v. 101, n. 1, p. 12-28, 1980.
- FOWLER, Robert. Herodotus and his prose predecessors. In: DEWALD, Carolyn e MARINCOLA, John (ed). *The Cambridge Companion to Herodotus*. New York: Cambridge University Press, 2006. p. 29-45.
- FUNARI, P. P. A. Ensaio sobre a retórica, a argumentação e a historiografia. *Antiguidade Clássica* (Apucarama), v. 7, n. 1, p. 140-149, 2011.
- GRENE, David. Herodotus: The Historian As Dramatist. *The Journal of Philosophy*, v. 58, n. 18, p. 477-488, ago. 1961.
- GRAY, Vivienne. Herodotus and the Rhetoric of Otherness. *The American Journal of Philology*, v. 116, n. 2, p. 185-211, 1995.
- _____. Mimesis in Greek Historical Theory. *American Journal of Philology*, v. 108, p. 467-486. 1987.
- GRIFFITHS, Alan. Stories and storytelling in the Histories. In: DEWALD, Carolyn e MARINCOLA, John (ed). *The Cambridge Companion to Herodotus*. New York: Cambridge University Press, 2006. p. 130-144.
- HARTOG, François. *O espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro*. Trad. Jacyntho Lins Brandão. Belo horizonte: Ed. UFMG, 1999.
- _____. (org.). *A história de Homero a Santo Agostinho*. Trad. Jacyntho Lins Brandão. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001
- _____; HAYES, Wayne R. Herodotus And The Historiographical Operation. *Diacritics*, v. 22, n. 2, p. 83-93, 1992.
- _____. 'Myth into Logos': The Case of Croesus, or the Historian at Work. In: BUXTON, R. (ed). *From Myth to Reason? Studies in the Development of Greek Thought*. Oxford University Press, 1999.

- IMMERWAHR, H. *Form and thought in Herodotus*. Cleveland: Press of Western Reserve University, 1966.
- JAEGER, Werner Wilhelm. *Paidéia: a formação do homem grego*. Trad. Artur M. Parreira. 4ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- JONES, Peter V (org). *O mundo de Atenas*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- JOHNSON, W. A. Oral Performance and the Composition for Herodotus' *Histories*. *Greek, Roman and Byzantine Studies*, v. 35, n. 3, 1994.
- KOTTMAN, Paul A. Memory, Mimesis, Tragedy: The Scene Before Philosophy. *Theatre Journal*, v. 55, n. 1, p. 81-97, mar. 2003.
- KURY, M. da G. *Introdução* In: HERÓDOTO. *História*, Brasília: Editora Universidade de Brasília.1985, pág.7-14.
- LACARRIÈRE, Jacques. *De paseo con Heródoto: Viajes a los extremos de la Tierra*. Trad. Carlota Vallé. México: Fondo de Cultura Económica, 1986
- LAIRD, Andrew. Ringing the Changes on Gyges: Philosophy and the Formation of Fiction in Plato's Republic. *The Journal of Hellenic Studies*. v. 121, p. 12-29, 2001.
- LARSON, Stephanie. Kandaules' Wife, Masistes' Wife: Herodotus' Narrative Strategy in Suppressing Names of Women: (Hdt. 1.8-12 and 9.108-13). *The Classical Journal*, v. 101, n. 3, p. 225-244, fev-mar. 2006.
- LESKY, Albin. *História da Literatura Grega*. Trad. Manuel Losa. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1995.
- LURAGHI, Nino. The importance of being lógiós. *Classical World*. v. 12, n. 4, p. 439-456, 2009.
- LURAGHI, Silvia. Cause and Instrument Expressions in Classical Greek. Remarks on the Use of διὰ in Herodotus and Plato. *Mnemosyne, Fourth Series*, v. 42, fasc. 3/4, p. 294-307, 1989.
- MENEZES, Luiz Maurício B. R. *O Desafio de Gláucon: Análise do lógos dos polloí no Livro II da República de Platão*. 2011. 117f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.
- MOMIGLIANO, Arnaldo. *As raízes clássicas da historiografia moderna*. São Paulo: EDUSC, 2004.
- MORAIS, Cynthia. *Maravilhas do mundo antigo: Heródoto, Pai da História?* Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2004.

- PELLING, Christopher. Speech and narrative in the Histories. In: DEWALD, Carolyn e MARINCOLA, John (ed). *The Cambridge Companion to Herodotus*. New York: Cambridge University Press, 2006. p. 103-121.
- PEREIRA, Maria Helena da Rocha. *Estudos de História da Cultura Clássica*. v.1: Cultura Grega. 8ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993.
- PHILLIPS, Mark Salber. Distance and Historical Representation. *History Workshop Journal*, n. 57, p. 123-141, 2004.
- POWELL, J. Enoch. A Peculiarity of Syntax in Herodotus. *The Classical Review*, v. 49, n. 5, p. 171, nov. 1935.
- RABELLO, Ivonete de Souza. *Ver e Saber no Livro I das Histórias de Heródoto*. 2006. 102f. Dissertação (Mestrado em Letras Clássicas) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.
- RAUBITSCHKE, A. E. Gyges in Herodotus. *The Classical Weekly*, v. 48, n. 4, p. 48-50, jan. 1955.
- RIBEIRO, Tatiana Oliveira. *Ólbos: uma discussão axiológica nas Histórias de Heródoto*. 2005. 120f. Dissertação (Mestrado em Letras Clássicas) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.
- REUTER, Yves. *A análise da narrativa: o texto, a ficção e a narração*. Trad. Mario Pontes. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002
- ROMERO. *De Heródoto a Políbio. El pensamiento histórico em la cultura griega*. Buenos Aires: Miño y Dávila Editores, 2009.
- ROMILLY. *História e razão em Tucídides*. Trad. Tomás Rosa Bueno. Trad. do grego Sandra Lúcia Rodrigues da Rocha. Brasília: UNB, 1998.
- SHELL, Marc. The Ring of Gyges. *Mississippi Review*, v. 17, n. 1/2, p. 21-84, 1989.
- SHELLENBERG, Ryan S. "They spoke the truest of words": Irony in the Speeches of Herodotus's Histories. *Arethusa*, v. 42, n.2, p. 131-150, 2009.
- SCHÜLER, Donaldo. *A construção da Ilíada: Uma análise de sua elaboração*. Porto Alegre: L&PM, 2004.
- _____. *Origens do discurso democrático*. 2ed. Porto Alegre: L&PM, 2007.
- SMITH, Kirby Flower. (a) The Tale of Gyges and the King of Lydia. *The American Journal of Philology*, v.23, n. 3, p. 261-282, 1902.
- SMITH, Kirby Flower. (b) The Tale of Gyges and the King of Lydia. *The American Journal of Philology*, v.23, n. 4, p. 361-387, 1902.

- SOUSA, Paulo Ângelo de Meneses. *O debate persa em Heródoto*. Teresina: UFPI, 2010
- SOUZA, Marcos Alvito P. *A guerra na Grécia antiga*. São Paulo: Ática, 1988.
- SNELL, Bruno. *A Cultura Grega e as Origens do Pensamento Europeu*. Trad. Pérola de Carvalho. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- STARR, Chester G. *O nascimento da democracia ateniense*. Trad. Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Odysseus Editora, 2005
- Suda sobre Heródoto*. Suda On Line: Byzantine Lexicography. Disponível em: <http://www.stoa.org/sol-bin/search.pl?db=REAL&search_method=QUERY&login=guest&enlogin=guest&user_list=LIST&page_num=1&searchstr=eta,536&field=adlerhw_gr&num_per_page=1>. Acesso em: 29 out. 2011.
- THOMAS, Rosalind. *Letramento e Oralidade na Grécia Antiga*. Trad. Raul Fiker. São Paulo: Odysseus, 2005
- THULEEN, Nancy. "The Historical Narrativity of Herodotus." Website Article. 15 November 1992. <<http://www.nthuleen.com/papers/L10herodotus.html>>. Acesso em: 3 mai. 2010.
- TODOROV, Tzvetan. *Gêneros do discurso*. Trad. Elisa Angotti Kossovitch. São Paulo, 1980. _____, *Poética da prosa*. Trad. Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- USHER. Herodotus. In: _____. *The historians of Greece and Rome*. London: Bristol Classical, 1969. p. 1-22.
- VERNANT, Jean-Pierre; VIDAL-NAQUET, Pierre. *Mito e Tragédia na Grécia Antiga*. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- _____. *As origens do pensamento Grego*. Trad. Ísis Borges B. da Fonseca 14ed. Rio de Janeiro: Difel, 2004.
- _____. *Mito e Sociedade na Grécia Antiga*. Trad. Myriam Campello. 2ed. Rio de Janeiro: José Olímpio Editora, 1999.
- VEYNE, P. *Como se escreve a história e Foucault revoluciona a história*. Trad. Alda Baltazar e Maria Auxiliadora Kneipp. 4ed. Brasília: UnB, 1992.
- VIDAL-NAQUET, Pierre. *Os Gregos, os historiadores, a democracia: o grande desvio*. Tradução de Jônatas Batista Neto. São Paulo: Cia.das Letras, 2002
- WATERS, K.H. *Heródoto el historiador. Sus problemas, métodos y originalidad*. México: Fondo de Cultura Económica, 1996.

WECOWSKI, Marek. The Hedgehog and the Fox: Form and meaning in the prologue of Herodotus. *Journal of Hellenic Studies*. v. 124, p. 143-164, 2004.

Bibliografia Instrumental

BAILLY, Anatole. *Le Grand Bailly: Dictionnaire Grec Français*. Paris: Hachette Education, 2000.

CRESPO, Emílio; CONTI, Luz; MAQUIEIRA, Helena. *Sintaxis del griego clásico*. Madrid: Gredos, 2003.

MALHADAS; DEZOTTI; NEVES (coord). *Dicionário grego-Português: vol. 1-5*. Cotia: Ateliê Editorial, 2006.

FREIRE, Antônio. *Gramática grega*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

HORTA, Guida Nedda Barata Parreiras. *Os gregos e seu idioma: Curso de iniciação à cultura helênica*. 3ed. v. 1 Rio de Janeiro: J. di Giorgio Editores, 1983.

LIDDELL; SCOTT. *Greek-English Lexicon*. Oxford, 1891.

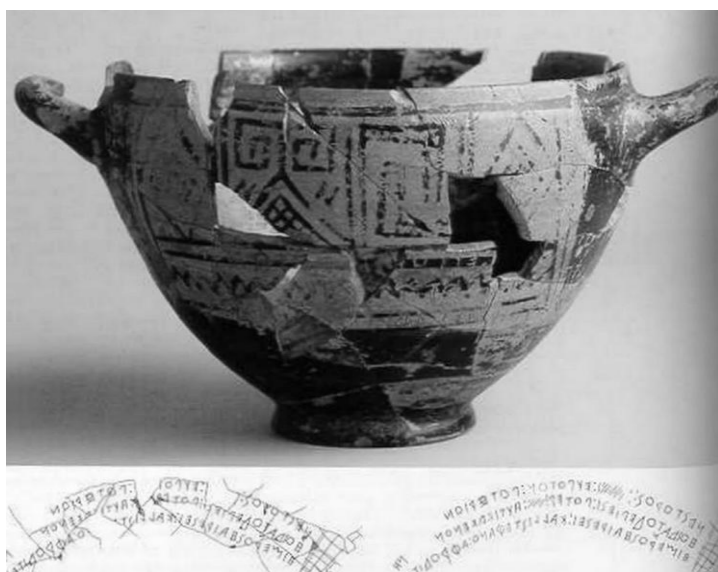
PINNA; HERRERO; PANTOJA. *Diccionario de personajes históricos griegos y romanos*. 2ed. Madrid: Ediciones Istmo, 2008.

SMYTH; MESSING, *Greek grammar*. Cambridge: Harvard University Press, 1984.

ANEXO A – INSCRIÇÕES ANTIGAS



Escaravelho de Egina. A inscrição diz: “Eu sou o selo de Thersis. Não me abra!”¹⁰⁶

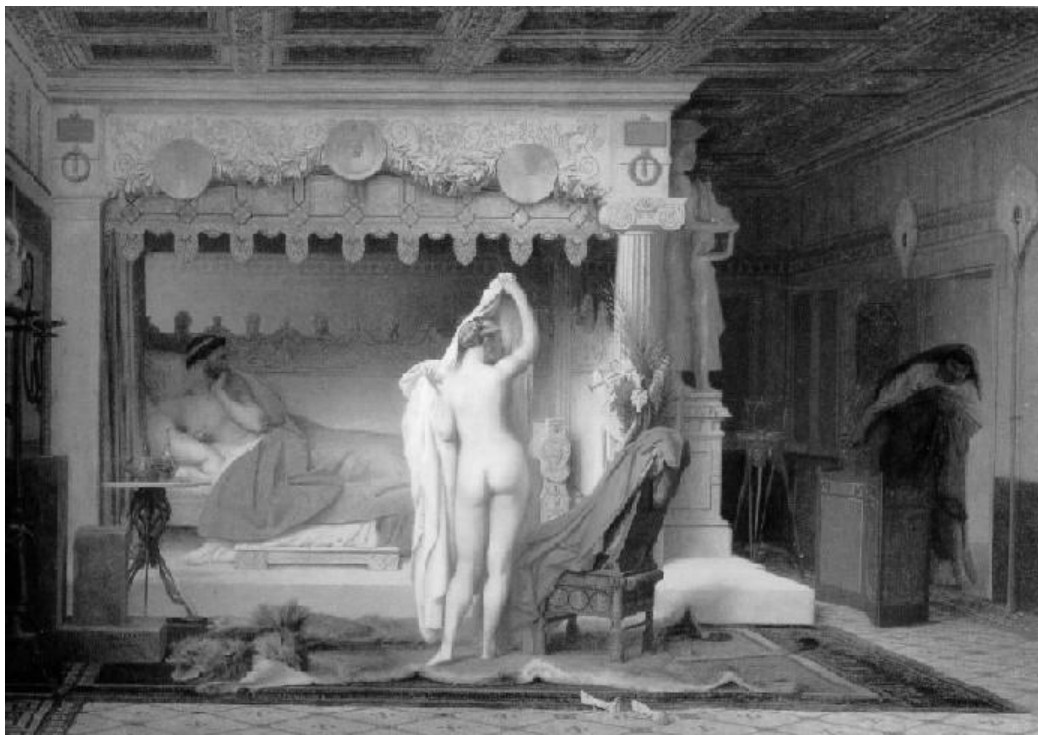


Taça encontrada na colônia eubéia de Ísquia, lê-se: “eu sou a taça de bem beber de Nestor – aquele que bem beber desta taça no mesmo instante será tomado pelo desejo da Afrodite de bela coroa”.¹⁰⁷

¹⁰⁶ Retirado do site ‘CLASSICAL ART RESEARCH CENTRE and THE BEAZLEY ARCHIVE’. <http://www.beazley.ox.ac.uk/gems/styles/later-archaic/inscriptions.htm>. Acesso em: 29 mar. 2012.

¹⁰⁷ Retirado do site ‘GRUPO PAIDEIA’. <http://www.paideia.blog.br/curso-de-mitologia/a-taca-de-nestor-um-gole-divino/>. Acesso em: 29 mar. 2012.

ANEXO B – PINTURA: REI CANDOLO



GÉRÔME, Jean-Léon. Rei Candolo. 1858. Óleo sobre papel. 7 7/8 x 12 13/16 in.

ANEXO C – FRAGMENTO 19W, ARQUÍLOCO DE PAROS

οὐ μοι τὰ Γύγεω τοῦ πολυχρύσου μέλει,
οὐδ' εἰλέ πῶ με ζῆλος, οὐδ' ἀγαίομαι
θεῶν ἔργα, μεγάλης δ' οὐκ ἔρέω τυραννίδος·
ἀπόπροθεν γάρ ἐστιν ὀφθαλμῶν ἐμῶν.

Não me preocupam as coisas de Gyges, rico em ouro,
Nem ainda me persegue a cobiça, nem invejo
As obras dos deuses, ou amor pela grande tirania;
Isto longe está dos meus olhos¹⁰⁸.

¹⁰⁸ Tradução de MENEZES, Luiz Maurício B. R.